



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Quetlin Ester Camargo Ribeiro de Araújo

**A ATUAÇÃO DE TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LIBRAS-LÍNGUA
PORTUGUESA DURANTE A PANDEMIA NOS CURSOS MOOCS DO IFRS**

Florianópolis
2023

Quetlin Ester Camargo Ribeiro de Araújo

A ATUAÇÃO DE TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LIBRAS-LÍNGUA
PORTUGUESA DURANTE A PANDEMIA NOS CURSOS MOOCS DO IFRS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinícius Batista Nascimento

Florianópolis
2023

Araújo, Quetlin Ester Camargo Ribeiro de
A atuação de tradutores e intérpretes de Libras-língua
portuguesa durante a pandemia nos cursos MOOCs do IFRS /
Quetlin Ester Camargo Ribeiro de Araújo ; orientador,
Marcus Vinícius Batista Nascimento, 2023.
167 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de
Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Libras, TILSP, MOOC Tradução
e Interpretação. I. Nascimento, Marcus Vinícius Batista .
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Quetlin Ester Camargo Ribeiro de Araújo

**A atuação de tradutores e intérpretes de Libras-Língua Portuguesa durante a
pandemia nos cursos MOOCs do IFRS**

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 24 de novembro de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Marcus Vinicius Batista Nascimento, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Neiva de Aquino Albres, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Vanessa Regina de Oliveira Martins, Dr.^a
Universidade Federal de São Carlos

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Estudos da Tradução.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Marcus Vinicius Batista Nascimento, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2023

Este trabalho é dedicado a Deus, que é o meu refúgio; ao meu esposo, meu porto seguro; à minha filha, razão de minha dedicação e empenho; a todos os Surdos que me ensinaram sua língua e aos profissionais TILSP que se empenham para entender melhor suas práticas e sua atuação, a fim de oportunizar aos Surdos acessibilidade com qualidade e excelência por meio da tradução e interpretação da Libras.

AGRADECIMENTOS

Hoje, ao concluir esta jornada acadêmica e entregar minha dissertação, é com grande emoção que dedico este espaço aos corações que tornaram este feito possível.

Primeiramente, minha gratidão a Deus, cujo amor, presença e suporte me fortaleceram quando duvidei de minha capacidade. Quando os obstáculos pareciam intransponíveis, foi a fé que me fortaleceu e me permitiu seguir adiante.

Ao meu amado marido, quero expressar minha profunda gratidão. Você foi meu grande incentivador, apoiador incondicional e meu refúgio nos momentos mais difíceis. Sua compreensão durante minhas crises e seu encorajamento constante foram fundamentais para minha perseverança. Obrigada por me apoiar em todas as minhas decisões e ser meu porto seguro. Te amo até o infinito e além!

À minha filha, a razão pela qual me esforço a cada dia, quero deixar registrado para sua leitura o que expresso diariamente enquanto te abraço e beijo: “Obrigada, Jesus, por esta criança em minha vida!”. Você é uma filha amada de Deus e tudo o que conquistei foi por você.

À minha mãe, melhor rede de apoio que eu poderia ter e que merece toda a minha gratidão por seu apoio incondicional e amor constante. Te amo, mãezinha!

Ao meu orientador, que com sua atenção, compreensão e humanidade incríveis tornou essa jornada mais leve. Obrigada por me escolher e me oportunizar trilhar esse caminho de conhecimento.

À Grazi, minha colega de jornada, agradeço imensamente o incentivo, as trocas, o companheirismo e o suporte na reta final dessa jornada acadêmica. Sua ajuda foi crucial nos momentos em que precisei. Você é uma amiga que a PGET me proporcionou e que levarei no coração para a vida.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), que me proporcionou as condições ideais para estudar e manteve meus recursos durante todo o período de pesquisa.

Às participantes deste estudo, Natasha e Luciana, que generosamente contribuíram com sua autorização e colaboração para as descobertas e a construção do *corpus* desta dissertação. Muito obrigada por suas incríveis dedicação.

À banca examinadora Neiva, Vanessa e Júlia, expresse minha sincera apreciação por terem aceito o convite para integrarem as bancas do meu mestrado. Foi uma honra contar com a experiência e o conhecimento de cada uma de vocês.

Ao Grupo de Pesquisa InterTrads – Núcleo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais –, pela acolhida e suporte, ajuda para construir e desenvolver o projeto com suas discussões.

A todos os Surdos: se traduzimos, refletimos e pesquisamos sobre a Língua de Sinais, logo, tudo isso é pela existência de vocês.

Aos meus colegas, amigos e familiares que acreditaram no meu potencial, mesmo quando eu duvidei, agradeço do fundo do coração. Grata por cada incentivo, mensagem, carinho, afago, interseção e compreensão nos momentos de ausência.

E, por fim, quero agradecer a mim mesma por superar meus medos, traumas, rejeições e sentimento de incapacidade. Esta jornada me transformou, me fez enfrentar desafios e me tornou uma Mestre, algo que eu sinceramente sonhava e almejava alcançar.

Este é um marco em minha vida e eu compartilho essa conquista com cada um de vocês, pois sem o apoio, o amor e a compreensão de todos não teria sido possível chegar até aqui. A todos vocês, o meu mais profundo agradecimento.

Tudo posso naquele que me fortalece.

(Filipenses, 4:13)

RESUMO

A pandemia de Covid-19, que assolou o mundo em 2020, redefiniu o cenário do trabalho, reconfigurando diversas atividades presenciais que passaram a ser executadas de forma remota. Essa reconfiguração afetou diversas áreas, incluindo a educação. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), perante este cenário, viu-se diante do desafio de suspender as atividades letivas em todos os seus campi a partir de março de 2020. Esse contexto proporcionou uma oportunidade para que os tradutores e intérpretes da instituição pudessem atender a uma antiga demanda: tornar os Cursos *On-line* Abertos e Massivos (MOOCs), oferecidos por meio da plataforma Moodle do IFRS, acessíveis. Durante essa transição para o trabalho em *home office*, os tradutores e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa (TILSP) enfrentaram desafios significativos para além do processo de tradução desses materiais didáticos, dada a adoção do novo formato de trabalho. Diante dessas circunstâncias, esta pesquisa tem como objetivo geral identificar as realidades vivenciadas por esses profissionais no processo tradutório dos cursos MOOCs durante a pandemia. Os objetivos específicos incluem analisar os desafios enfrentados pelos profissionais, observar as adaptações necessárias na atuação remota, examinar as metodologias de trabalho empregadas e investigar possíveis lacunas na atuação que poderiam ser resolvidas por meio de formação para aprimorar a atividade tradutória. A pesquisa está fundamentada na Análise Dialógica do Discurso (ADD), elaborada por Bakhtin e o Círculo, e nos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (ETILS). Esta pesquisa é de abordagem qualitativa e configura-se como exploratória. Quanto aos procedimentos, foi aplicada a autoconfrontação como dispositivo para a construção do *corpus* e o caminho analítico da verticalização e da horizontalização para a análise. Inicialmente, foi conduzida uma análise vertical, identificando os temas emergentes nos enunciados individuais. Posteriormente, na análise horizontal, foram agrupadas categorias com base nos temas comuns entre os participantes do estudo, percebidas pela pesquisadora durante a análise coletiva das autoconfrontações. A análise permitiu identificar quatro categorias que encapsulam os centros de valor sobre a atuação dos profissionais a partir da percepção de si mesmos e dos outros: (i) Trabalho em equipe de tradução; (ii) Processo de tradução; (iii) Formação em tradução e (iv) Competência linguística em tradução. As análises indicam a necessidade de adaptações para viabilizar a tradução em formato *home office*. Estratégias específicas foram empregadas durante o processo de tradução, evidenciando a importância em buscar abordagens que atendessem esse novo contexto. Essas adaptações e estratégias foram cruciais para favorecer um ambiente produtivo, assegurando o sucesso das traduções.

Palavras-chave: Tradutor e Intérprete; Libras; MOOC; IFRS; Autoconfrontação.

ABSTRACT

The pandemic that devastated the world in March 2020 has redefined the work context, reconfiguring various face-to-face activities to be executed online. This configuration has affected several areas, including the educational sector. The Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Sul (IFRS) was faced with the challenge of suspending teaching activities on all its campuses from March 2020. This context has opened an opportunity for the institution's translators and interpreters to meet a long-standing demand to make the Massive Open Online Courses (MOOC) offered through the IFRS Moodle platform accessible. During this transition to remote work the Libras/Portuguese language translators and interpreters (TILSP) encountered significant challenges in the process of translating teaching materials. In view of this, the general aim of this research is to identify realities experienced by these professionals in the translation process of MOOC courses during the pandemic. The specific objectives include analyzing the challenges faced by professionals, observing the adaptations that are necessary when working remotely, examining the working methodologies employed and to investigate possible shortcomings in performance that could be solved through training to improve the translation activity. The research is based on Dialogical Discourse Analysis (DDA), developed by Bakhtin and the Circle, and on Translation and Sign Language Interpretation Studies (ETILS). This research has a qualitative approach and is exploratory. As for the procedures, we used self-confrontation as the device for constructing the *corpus* and the analysis followed the analytical path of verticalization and horizontalization. Initially, we conducted a vertical analysis, identifying the emerging themes in the individual statements. Subsequently, in the horizontal analysis, we grouped categories based on the common themes among the study participants perceived by the researcher during the collective analysis of the self-confrontation. The analysis made it possible to identify four categories that encapsulate the value centers of the professionals' work based on their perception of themselves as others: (i) translation teamwork, (ii) translation process, (iii) translation training and (iv) linguistic competence in translation. The analyses indicate the need for adaptations to make remote translation feasible. Specific strategies were employed during the translation process, highlighting the importance of seeking approaches that meet this new context. These adaptations and strategies were crucial to fostering a productive environment, ensuring the success of the translations.

Palavras-chave: Translator and Interpreter; Libras; MOOC; IFRS; Self-confrontation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tela inicial da plataforma Moodle do IFRS	44
Figura 2 - Página inicial do curso Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável - Turma 2023A	44
Figura 3 - Organização do curso por módulos	45
Figura 4 - Teste de conhecimento ao final de cada módulo	46
Figura 5 - Linha do tempo Ações Afirmativas IFRS, página 1 e 2	49
Figura 6 - Etapas do processo de tradução dos cursos MOOCs do IFRS	63
Figura 7 - Padrão de enquadramento IFRS	65
Figura 8 - <i>Link</i> da tradução em Libras de texto inserido no curso de Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável – Turma 2023A	67
Figura 9 - Janela com tradução em Libras no curso de Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável – Turma 2023A	68
Figura 10 - Janela de Libras inserida no vídeo do curso Moodle Básico para Professores - Turma 2023A	68
Figura 11 - Divisão espacial da tela, conforme ABNT 15.290 para inserção da janela de Libras	69
Figura 12 - Link da tradução em Libras de vídeo inserido no curso Abordagens Pedagógicas Modernas na Educação à Distância - Turma 2023A	70
Figura 13 - Janela com tradução em Libras de vídeo inserido no curso Abordagens Pedagógicas Modernas na Educação à Distância - Turma 2023A	70
Figura 14 - Participante Luciana durante o procedimento de autoconfrontação	78
Figura 15 - Participante Natasha durante o procedimento de autoconfrontação	79
Figura 16 - Proposta de transcrição multimodal	83
Figura 17 - Print do momento da autoconfrontação	86
Figura 18 - Tradução da página 2.5 Manejo de agrossistemas para produção vegetal do curso Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável	87
Figura 19 - Tradução da página 2.5 Manejo de agrossistemas para produção vegetal do curso Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável	91
Figura 20 - Tradução da página 2.5 Manejo de agrossistemas para produção vegetal do curso Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável	92
Figura 21 - Sinalização de uma gíria em Libras durante a autoconfrontação.	100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Diferenças entre Tradução e Interpretação	39
Quadro 2 - Perfil das participantes da pesquisa	77
Quadro 3 - Tabulação dos cursos traduzidos pelas participantes da pesquisa	79
Quadro 4 - Convenções de transcrição das autoconfrontações	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABBU	Associação Brasileira de Bibliotecas Universitárias Brasileiras
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACRL	Association of College and Research Libraries
ASES	Avaliador e Simulador Automático de Acessibilidade de <i>Sites</i>
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEaD	Coordenadoria de Educação à Distância
Ceadces	Centro de Educação à Distância do CESUCA
CEFET- GO	Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás
CEFET- RN	Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte
CEFET-MG	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEPSH	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CES	Comissão de Estudos Surdos
CESUCA	Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNRTA	Centro Nacional de Referência em Tecnologia Assistiva
CNS	Conselho Nacional de Saúde*
COVID-19	Corona Virus Disease 2019
CT	Competência Tradutória
CTA	Centro Tecnológico de Acessibilidade
CTI	Centro de Tecnologia de Informação
EaD	Educação à Distância
EBTT	Ensino Básico, Técnico e Tecnológico
EPCT	Educação Profissional Científica e Tecnológica
ETILS	Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais
Febrapils	Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
GT	Grupo de Trabalho
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LBI	Lei Brasileira de Inclusão
Libras	Língua Brasileira de Sinais

MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
NAPNE	Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas
NBR	Norma Brasileira
NURC	Norma Linguística Urbana Culta
PACTE	Procés d'Adquisició de la Competència Traductora i Avaluació
PAV	Projeto de Acessibilidade Virtual
PDF	Portable Document Format
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
PROEN	Pró-reitoria de Ensino
RPA	Regime de Prestação de Serviços Autônomos
RS	Rio Grande do Sul
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SETEC/MEC	Secretaria de Educação Profissional, Científica e Tecnológica do Ministério da Educação
TA	Tecnologia Assistiva
TALS	Tradução Audiovisual da Língua de Sinais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TILSP	Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa
UEPA	Universidade do Estado do Pará
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
UnB	Universidade de Brasília
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNILASALLE	Universidade La Salle

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
1.1 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	16
1.2 O DUPLO LUGAR: DE TRABALHADORA À PESQUISADORA E VICE-VERSA	20
1.3 OBJETIVOS	25
1.4 ORGANIZAÇÃO DO TEXTO	26
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	28
2.1 UMA CONCEPÇÃO BAKHTINIANA DE LINGUAGEM PARA UMA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE TRADUÇÃO	28
2.2 TRADUÇÃO, INTERPRETAÇÃO E INTERMODALIDADE: CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS	35
3. INTERSECÇÕES ENTRE O CAMPO DE TRABALHO E O CAMPO DE PESQUISA: CURSOS DE EXTENSÃO EM INSTITUIÇÕES TÉCNICO, CIENTÍFICAS	41
3.1 A ACESSIBILIDADE E O PROFISSIONAL TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS NO IFRS	47
3.2 A PANDEMIA E A ATUAÇÃO DOS TILSPS DO IFRS NOS CURSOS MOOCS	51
3.3 DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE TRADUÇÃO DOS CURSOS MOOCS NO PERÍODO DE PANDEMIA NO IFRS	58
3.4 ETAPAS DE TRADUÇÃO DOS MATERIAIS DOS CURSOS MOOCS	62
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	72
4.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA E CONTEXTO DA CONSTRUÇÃO DO CORPUS	75
4.2 METODOLOGIA E TRANSCRIÇÃO	80
5. ANÁLISES: DA VERTICALIDADE DOS SUJEITOS SINGULARES À HORIZONTALIDADE DO SUJEITO COLETIVO	85
5.1. A VERTICALIDADE: OS SUJEITOS DE PESQUISA E SUAS SINGULARIDADES	85
5.1.1. Autoconfrontada 1	85
5.1.2. Autoconfrontada 2	98
5.2. A HORIZONTALIDADE E OS TEMAS DE PESQUISADOR	114
5.3.1. Trabalho em equipe de tradução	115
5.3.2. Processo de tradução	120
5.3.3. Formação em tradução	127
5.3.4. Competência linguística em tradução	130
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS	140
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	149
ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	153
ANEXO C - PLANEJAMENTO DE TRABALHO REMOTO DOS CURSOS DO MOODLE DO IFRS	158
ANEXO D - ROTEIRO DE EDIÇÃO	160
ANEXO E - FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE DE TRADUÇÃO DOS CURSOS MOOCS	161

1. INTRODUÇÃO

1.1 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

A modalidade de trabalho remoto, imposta mundialmente pela pandemia da COVID-19 (Corona Virus Disease 2019, na sigla em inglês), impactou a vida de muitos brasileiros, e um dos setores afetados foi o educacional. No Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), por meio da Portaria nº 281, de 13 março de 2020, as atividades letivas foram suspensas em todos os campi a partir do dia 16 de março do mesmo ano. Essa medida afetou diretamente as atividades dos tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras)/Língua Portuguesa (TILSP)¹ do IFRS que atuavam no formato 100% presencial e, em sua grande maioria, em sala de aula no atendimento aos alunos Surdos. Devido à suspensão do calendário acadêmico, das atividades presenciais dos TILSP e da reconfiguração da carga horária e das demandas, houve a oportunidade de atender a uma antiga necessidade da instituição: acessibilização dos MOOCs (*Massive Open Online Course*) no Moodle, plataforma utilizada pela instituição, por meio da tradução da Libras para os Surdos. Os MOOCs são cursos *on-line*, abertos e massivos, oferecidos por meio de ambientes virtuais de aprendizagem, que oportunizam a participação sem quantidade limite de usuários/estudantes da sociedade via *internet*. Logo, essa acessibilização visava o atendimento dos Surdos, usuários da Libras.

Historicamente, o posicionamento dos Surdos² como cidadãos têm sofrido grandes mudanças. Ao longo dos anos, pode-se observar a ascensão destes sujeitos na sociedade, no qual se tornaram protagonistas de suas próprias histórias. Segundo Lara (2021, p. 45), o protagonismo é “uma atitude não nativa, o que não significa que os protagonistas devem lutar pelo povo Surdo, mas o próprio Surdo luta nas suas conquistas culturais necessárias”. A autora ainda complementa: “descobri que o protagonismo abre portas para muitos” (Lara, 2021, p. 126). Corroborando

¹ O nome/sigla TILSP - Tradutor e Intérprete de Libras/Língua Portuguesa - não é correlacional. Entretanto, tem sido utilizada por pesquisadores e profissionais da área para designar a atividade profissional e o campo de pesquisa.

² O termo Surdo será utilizado no presente trabalho com letra maiúscula, a fim de marcar a visão de identidade socioculturalmente adquirida pela Libras e pelo pertencimento à comunidade surda, de acordo com Moura (2000).

com essa afirmação, é perceptível que cada vez mais os Surdos vêm ocupando espaços não alcançados antes, escrevendo suas próprias histórias e abrindo caminhos para que outros Surdos também possam trilhar o percurso de suas autonomias. Como condutores de suas próprias histórias, eles adentram nas mais diversas instâncias sociais, falando em sua língua e atuando nos mais variados campos de conhecimento como agentes de produção e como sujeitos ativos socialmente (NASCIMENTO, 2012).

Tais conquistas influenciam diretamente a atividade dos tradutores e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa, pois a presença desses profissionais tornou-se cada vez mais necessária em diversas áreas, possibilitando a comunicação entre Surdos e ouvintes, e vice-versa. Isso faz com que a demanda pelo trabalho dos intérpretes e tradutores cresça progressivamente em inúmeras esferas.

A Lei nº 10.098/2000 impulsionou questões relacionadas à acessibilidade e foi o pontapé inicial para o avanço significativo no tocante às ações e pesquisas que permearam a tradução e a interpretação no par linguístico Libras/Português. Entretanto, essas pesquisas ainda são recentes. No Brasil, elas acontecem especialmente após a aprovação da Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira. Além disso, essa lei institucionalizou o seu uso como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente pelas Comunidades Surdas do Brasil, regulamentada por meio do decreto nº 5.626/2005. Todo esse trajeto político culminou em 2010 na Lei nº 12.319, que regulamentou a profissão de tradutor e intérprete da Libras e, posteriormente, na Lei nº 13.146/2015, que instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), mencionando a necessidade de graduação desses profissionais para atuar no ensino superior. É relevante complementar que durante o desenvolvimento da presente pesquisa, no ano de 2023, o Senado Federal aprovou o Projeto de Lei nº 5614/2020 (nº 9.382/2017, na Câmara dos Deputados) que “Altera a Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, para dispor sobre o exercício profissional e as condições de trabalho do profissional

tradutor, guia-intérprete e intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras)³". Esse processo culminou na sanção da Lei nº 14.704, de 26 de outubro de 2023.

Percebe-se que o tema da acessibilidade tem sido não apenas pensado, mas bastante discutido e implementado ao longo dos últimos anos em todo o território brasileiro. A partir do marco legal da Lei de Libras em 2002, houve uma evolução significativa até aqui. O Decreto nº 5.626, de 2005, no capítulo IV, em seu inciso VIII, prevê que as instituições de ensino devem "disponibilizar equipamentos, acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, bem como recursos didáticos para apoiar a educação de alunos Surdos ou com deficiência auditiva". Esse direito à educação está assegurado pela Constituição Federal de 1998, em seu capítulo III - "Da Educação, da Cultura e do Desporto", art. 206, no inciso IX (BRASIL, 1988).

Embora essas leis assegurem o direito à comunicação com o intuito de promover a autonomia da comunidade surda, elas também acabam por impulsionar o trabalho dos TILSP. No ano de 2014, foi realizado o primeiro concurso para cargos de TILSP efetivo do IFRS por meio do edital 09/2014⁴. A partir desse momento, com o ingresso desses profissionais no quadro de servidores, muitas outras ações começaram a ser pensadas com vistas ao ingresso e permanência dos Surdos no IFRS por intermédio da acessibilidade em Libras.

Ao longo dos anos, o trabalho dos TILSP no IFRS foi se expandindo. No início, as atividades eram prioritariamente a interpretação em sala de aula para professores de Libras e alunos Surdos. Posteriormente, estendeu-se para interpretação de eventos, tradução de editais institucionais, processo seletivo e outras novas ações que envolvessem a acessibilidade em Libras nos campi da instituição até, por fim, alcançar o contexto de atuação descrito em nossa pesquisa: os cursos MOOCs.

Nesse cenário completamente novo de atuação em *home office* dos profissionais TILSP, questionamos, nesta pesquisa, sobre quais foram os principais desafios vivenciados pelos Tradutores e Intérpretes de Libras que atuaram na tradução dos materiais didáticos dos cursos MOOCs do IFRS, no período pandêmico.

³ Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8915783&disposition=inline>

⁴ Disponível em: <https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2017/08/Edital-09-2014.pdf>

Entretanto, é imprescindível que se apresente a distinção entre os conceitos *home office* e trabalho remoto. Neste estudo, explica-se o porquê será adotada a expressão *home office* em lugar de trabalho remoto⁵.

Enquanto esses termos são frequentemente utilizados de forma intercambiável, por trabalho remoto entende-se uma interação síncrona, mediada por tecnologia e que ocorre em ambientes distintos entre pessoas que não estão no mesmo ambiente físico. É uma atividade realizada fora da empresa ou instituição, mas não necessariamente em casa. O profissional que atua remotamente pode estar em casa, no escritório, em um estúdio, em outro país, etc. Ou seja, a principal marca do trabalho remoto é a distância entre as partes envolvidas na atividade.

Segundo Araújo e Bento (2002), o teletrabalho é definido pela utilização de tecnologias de telecomunicação que possibilitam realizar atividades laborais e interagir remotamente, além de permitir a troca regular de dados e informações com propósitos profissionais.

Já o trabalho *home office* implica na realização das atividades laborais dentro do próprio domicílio do trabalhador. O *home office* é um trabalho em casa, ou seja, o profissional desenvolve suas atividades utilizando a estrutura da sua residência. Segundo Oliveira (2017), o *home office* “refere-se às atividades de trabalho realizadas, geralmente, a partir de casa e mediadas por tecnologias informacionais (Oliveira, p. 58, 2017).

A escolha do termo *home office* para designar a modalidade de trabalho das participantes da pesquisa é justificada pela natureza da atividade investigada, que compreende a tradução audiovisual realizada pelos TILSPs nos cursos MOOCs do IFRS em suas residências.

Antes do período pandêmico, os profissionais TILSPs realizavam, majoritariamente, suas atividades e tradução audiovisual em locais como estúdios de produtoras ou agências, fornecidos pelos contratantes. Os TILSPs ofereciam apenas o serviço de sinalização/gravação da tradução. No entanto, com a chegada da pandemia e a necessidade de distanciamento social, muitos TILSPs passaram a executar não apenas a tradução, mas também a gravação da

⁵ A necessidade de diferenciação entre os termos “*home office*” e trabalho remoto surgiu ao longo da pesquisa. Durante a construção do *corpus*, o termo “trabalho remoto” foi utilizado, enquanto o termo “*home office*” não foi mencionado no discurso das participantes.

sinalização em suas próprias casas, em virtude da impossibilidade de trabalhar nos locais tradicionais.

A transição para o *home office* tornou-se imperativa em razão da obrigatoriedade do isolamento social e da necessidade de adaptação das novas práticas de trabalho e do enfrentamento aos desafios impostos pela pandemia. Por isso, o termo *home office* será utilizado para descrever essa nova modalidade de trabalho remoto, na qual os profissionais realizaram suas atividades laborais em suas próprias residências, utilizando seus respectivos equipamentos e estruturas.

Essa mudança no ambiente de trabalho também trouxe implicações significativas para a prática da tradução audiovisual, uma vez que os TILSPs precisaram não apenas traduzir, mas também gravar os sinais em seus próprios domicílios. Esse aspecto merece destaque, pois evidencia a adaptação dos profissionais às novas demandas e a importância de compreender o contexto em que a atividade foi realizada. Portanto, o uso do termo “*home office*” é justificado pela necessidade de descrever esse novo cenário de trabalho dos TILSPs durante a pandemia.

1.2 O DUPLO LUGAR: DE TRABALHADORA À PESQUISADORA E VICE-VERSA

Nesta subseção, peço licença ao leitor para narrar em primeira pessoa, pois farei uma breve retrospectiva da minha trajetória, a fim de contextualizar as experiências que construíram-me ao longo dos anos até o presente, no papel que assumo neste trabalho: o de pesquisadora.

No ano de 1999, iniciei meu primeiro contato com a Libras. Meu aprendizado constituiu-se dentro de um contexto comunitário, social e religioso, na igreja em que eu frequentava com minha família em Gravataí, no Rio Grande do Sul, a partir de um projeto social com curso de Libras, encontros com a comunidade surda do município e com a interpretação para Libras dos cultos de domingo à noite.

Inicialmente, não me inscrevi para o curso de Libras. Porém, uma amiga muito próxima participou e insistiu para que eu aprendesse a língua. Ela me mostrava a apostila impressa e me ensinava alguns sinais. Após começar a estudar

no centro da cidade e pegar o ônibus próximo a uma escola de Surdos,⁶ comecei o meu aprendizado por meio do contato e da imersão na comunidade surda. Eu estudava pela manhã, e por várias vezes ficava à tarde batendo-papo com os Surdos pelo centro, recebendo grupos de Surdos em minha casa para conversas, ajudando alguns deles nos estudos da escola, os acompanhando em entrevistas de trabalho, mediando a comunicação entre eles e seus familiares que não sabiam Libras, interpretando aniversários, chás de panela, chás de bebês e etc., sempre de forma voluntária.

Como algumas pessoas da comunidade surda local participavam dos cultos dominicais, comecei a ter contato também com alguns Surdos na minha comunidade de fé. No ano 2000, comecei a ajudar na interpretação dos cultos dominicais e, no ano de 2001, assumi a frente dos trabalhos desse projeto, onde permaneci atuando voluntariamente até fevereiro de 2018. Devido ao constante contato com a comunidade, em pouco tempo me tornei fluente em Libras. A atividade de interpretação realizada era totalmente empírica, baseada na experiência que se acumulava ao longo do tempo e do contato com os Surdos. Sem base teórica alguma, minha atuação servia apenas para sanar uma necessidade comunitária e social.

Minha formação como TILSP iniciou no ano de 2004, quando ingressei na primeira turma do curso de extensão universitária para intérpretes de Libras (finalizado em 2005), na Unilasalle, em Canoas. Posteriormente, em 2008, ingressei no primeiro curso de graduação em Letras Libras (bacharelado) do país, ofertado pela UFSC, e que contava com 15 polos espalhados por todo o Brasil: Belém (UEPA), Belo Horizonte (CEFET-MG), Brasília (UnB), Campinas/SP (UNICAMP), Curitiba (UFPR), Dourados/MS (UFGD), Florianópolis (UFSC), Fortaleza (UFC), Goiânia (CEFET- GO), Natal (CEFET- RN), Porto Alegre (UFRGS), Recife (UFPE), Rio de Janeiro (INES), Salvador (UFBA) e Vitória (UFES).

Meu polo de estudos foi na UFRGS, localizada em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Segundo Quadros e Stumpf (2014),

⁶ Na época, era a EMEES - Escola Municipal de Educação Especial para Surdos. Hoje é a EMEF Especial para Surdos.

A Lei de Libras nº 10.436/2002, regulamentada por meio do Decreto nº 5.626/2005, também prevê questões relacionadas com [...] o tradutor e intérprete de Língua de Sinais [...]. A legislação prevê o oferecimento de cursos de formação de professores e de tradutores intérpretes de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, sendo papel dos órgãos públicos implementá-los. A UFSC vem ao encontro das determinações legais, contribuindo para a formação destes profissionais, além de viabilizar um processo de descentralização dessa formação, oferecendo o curso em diferentes estados do país na modalidade à distância. Dando continuidade ao oferecimento na modalidade à distância de forma regular, estamos abarcando a formação [...] de tradutores intérpretes de Língua Brasileira de Sinais por meio do curso na versão bacharelado em todo o Brasil. Os objetivos desses cursos estão de acordo com o capítulo IV da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que versa sobre a educação superior (Quadros, Stumpf 2014, p. 18,19).

Após esta primeira edição, o curso continuou sendo ofertado à distância e, posteriormente, com turmas presenciais em ambas as modalidades, que seguem até os dias de hoje.

Em 2005, iniciei oficialmente minha vida profissional como tradutora/intérprete de Libras. Após concluir o curso de extensão universitária para intérpretes de Libras, na primeira turma do referido ano, fui contratada para atuar na mesma instituição em sala de aula, interpretando no ensino superior para alunos Surdos. Permaneci nesta instituição até o ano de 2010, quando fui convidada para trabalhar no Complexo Universitário de Cachoeirinha (CESUCA), para atuar na inclusão de dois alunos Surdos que iniciavam na graduação. Atuava como intérprete de Libras em sala de aula, nos espaços acadêmicos e realizava a formação dos professores que iriam receber alunos Surdos em suas salas de aula. Vale ressaltar que, nesta época, o trabalho em dupla não era um tema debatido e ainda estava longe de se tornar uma realidade na área. Após algum tempo, fui convidada para integrar a equipe do Centro de Educação à Distância do CESUCA (Ceadces), a fim de trabalhar na acessibilidade dos cursos à distância.

Com o objetivo de complementar minha formação nesta nova área de atuação, realizei o curso de extensão em Design Instrucional para EaD Inclusiva, com carga horária de 120 horas e, posteriormente à finalização da minha graduação em 2012, iniciei a especialização em Design Instrucional para EaD. Dessa forma, fui me inserindo e me aproximando cada vez mais da área da educação à distância.

No ano de 2014, finalizei minhas atividades no CESUCA e, em agosto do mesmo ano, após prestar concurso, iniciei como servidora do IFRS no cargo Técnico

Especializado em Linguagem de Sinais⁷, no campus Porto Alegre. No ano seguinte, prestei concurso para a vaga do cargo de professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) na área de Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais no campus Alvorada, onde fui chamada para assumir em 2016. Desde o meu primeiro ingresso no IFRS no campus Porto Alegre, tornei-me muito atuante nas questões relacionadas à acessibilidade dos Surdos na instituição. Quando ainda estava no campus Porto Alegre, fazia parte do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) e da Comissão de Estudos Surdos (CES). Com o passar do tempo, já lotada no campus Alvorada, ingressei no GT - Grupo de Trabalho da Acessibilidade para Surdos e no GT - Processos Seletivos e Concursos Acessíveis para Surdos, quando foram criados.

O interesse pelo tema de pesquisa deu-se a partir da minha experiência frente aos trabalhos de tradução em Libras dos cursos MOOCs do IFRS, atividade ocorrida durante a pandemia da COVID-19, no ano de 2020. Como docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do curso Técnico em Tradução e Interpretação de Libras do IFRS campus Alvorada, com experiência na área de tradução e interpretação e ciente das demandas e necessidades dos Surdos relacionadas à acessibilidade, quando a pandemia iniciou e a solicitação de acessibilização dos cursos chegou até a Comissão de Estudos Surdos (CES) me senti confrontada a dedicar-me a esta atividade, assumindo a coordenação dos trabalhos.

A escolha do IFRS como campo de pesquisa ocorreu por dois fatores: primeiro, pela minha atuação como servidora da instituição à frente do trabalho desenvolvido pelos tradutores e intérpretes de Libras/Português na tradução dos cursos MOOCs; e, segundo, por ser, de acordo com a plataforma Nilo Peçanha, a instituição federal com a maior quantidade de cursos na modalidade MOOC, contando com um total de 176 cursos (em março de 2023), totalmente gratuitos.

Neste duplo lugar de participante à frente dos trabalhos durante o período de pandemia e agora como pesquisadora do trabalho realizado, vale trazer o conceito bakhtiniano de exotopia elaborado no ensaio “*O autor e a personagem na atividade*

⁷ Optou-se por manter o termo “Linguagem” e não “Língua” por ser a nomenclatura do cargo nível D: Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais, conforme a Lei Nº 11.091, de 12 de janeiro de 2005, que dispõe sobre a estruturação do plano de carreira dos cargos técnico-administrativos em educação, no âmbito das instituições federais de ensino vinculadas ao Ministério da Educação.

estética”, publicado na coletânea “*Estética da Criação Verbal*” (2010). Segundo Bakhtin (2010),

Esse *excedente* da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – *excedente* sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim (Bakhtin, 2010, p. 21).

Nascimento (2013) mobiliza este conceito para evidenciar o processo de pesquisa quando o pesquisador também está envolvido no *corpus*. Segundo ele, a exotopia, adotada em processos de pesquisa, se constitui em dois movimentos: primeiramente, o de tentar captar dentro do *corpus* pesquisado o olhar do outro, na perspectiva do outro, como ele enxerga; e o outro, do lugar exterior à vivência recém retratada.

Nesse deslocamento de lugar no percurso deste trabalho, foi realizado um movimento exotópico de participante à frente dos trabalhos para o de pesquisadora, mesmo que o objeto de análise seja a autoconfrontação de dois sujeitos participantes. No entanto, apesar do deslocamento do cronotopo (espaço-tempo) de participante para assumir um novo cronotopo de pesquisadora, há uma memória discursiva do sujeito que esteve envolvido na atividade. Porém, mesmo acreditando que os sujeitos discursivos diferem entre si, principalmente devido às condições de espaço/tempo/enunciado, suas percepções, lembranças e perspectivas poderão reverberar nas reflexões e análise do *corpus*.

A escolha da tese se deu, portanto, devido à relevância da atividade realizada para o IFRS, que oportunizou o acesso dos usuários de Libras aos cursos ofertados pela instituição e pela minha experiência como coordenadora do projeto de acessibilização em Libras dos cursos MOOCs.

Com o tema da acessibilidade cada vez mais em pauta no Brasil, entendo que investigar as atuações dos tradutores e intérpretes de Libras na tradução de materiais didáticos nos cursos MOOCs pode colaborar na reflexão e no aprimoramento da formação de novos profissionais. Discussões sobre metodologias e estratégias no processo tradutório são de grande valia, uma vez que esse tema, muitas vezes, é negligenciado nos cursos de formação desses profissionais.

1.3 OBJETIVOS

Nesse sentido, o objetivo geral da presente pesquisa é identificar as realidades imbricadas na atuação de tradutores de Libras na tradução dos cursos MOOCs do português para a Libras durante o período da pandemia da COVID 19. Como objetivos específicos, a pesquisa visa (i) analisar os discursos dos tradutores sobre o processo de tradução dos cursos MOOCs; (ii) descrever quais adaptações foram necessárias para as atuações em *home office*; (iii) analisar as metodologias de trabalho adotadas no processo de tradução; (iv) investigar se há lacunas na atuação que podem ser resolvidas por meio de formação, a fim de tornar a tradução em *home office* mais qualificada.

Este estudo se fundamenta na perspectiva dialógica da linguagem de Bakhtin e o Círculo, bem como nos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (ETILS).

Como caminho metodológico, foi escolhida a autoconfrontação, dispositivo que estabelece uma relação dialógica entre o trabalhador e a sua própria atividade. Por meio deste instrumento metodológico, espera-se que esse estudo identifique as realidades imbricadas no contexto dos intérpretes de Libras na atuação em *home office* durante o contexto pandêmico. A colaboração no processo tradutório dos profissionais TILSP dentro deste contexto emergente é o que visa compreender este estudo.

1.4 ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

Quanto à estrutura, este trabalho está organizado em seis capítulos. O capítulo um, *Introdução*, estabelece uma contextualização abrangente da pesquisa em três subseções. Nestas subseções, foram delineadas as jornadas de aprendizado da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela pesquisadora, pontuando o movimento de deslocamento do papel de participante no projeto pesquisado para o de pesquisadora imersa no processo de tradução ao analisar o *corpus* desenvolvido por meio do método de autoconfrontação. Em seguida, foram apresentados os

objetivos da pesquisa, que incluem a delimitação do escopo do estudo, as questões de pesquisa que o orientam e uma visão geral da estrutura do texto com um detalhamento do conteúdo de cada capítulo.

No capítulo dois, *Fundamentação teórico-metodológica*, de natureza conceitual, foram abordados os conceitos de linguagem, valoração, enunciado, discurso e exotopia, cunhados por Bakhtin e o Círculo. A fim de fundamentar a perspectiva enunciativo-discursiva dos participantes que embasa a presente pesquisa, foi promovido um diálogo com os Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (ETILS), que norteará a análise e a discussão do *corpus* por meio do dispositivo de autoconfrontação que, nesta pesquisa, é aplicada aos tradutores e intérpretes de Libras-Português que atuaram na tradução dos cursos MOOCs do IFRS durante a pandemia.

No terceiro capítulo, intitulado *Intersecções entre o campo de atuação profissional e o campo de pesquisa: cursos de extensão em instituições técnico-científicas*, apresentam-se aspectos importantes relativos à instituição onde a pesquisa foi conduzida, incluindo um breve histórico da integração dos profissionais TILSP na própria instituição. Além disso, destaca-se o impacto das mudanças que afetaram a prática profissional desses intérpretes durante o período da pandemia de COVID-19, particularmente no que se refere ao processo de tradução dos cursos MOOCs.

No segmento *Descrição do processo de tradução dos cursos MOOCs durante a pandemia no IFRS*, são fornecidos detalhes sobre como o trabalho de tradução dos cursos MOOCs foi organizado. Isso engloba informações sobre a seleção dos cursos que tornaram-se acessíveis, a estruturação da equipe de profissionais envolvidos, bem como os resultados de um formulário de avaliação aplicado à equipe na época. Esse formulário capturou as percepções e opiniões dos profissionais sobre o trabalho realizado na tradução dos conteúdos dos MOOCs da língua portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

O quarto capítulo, intitulado *Procedimentos metodológicos*, tem como objetivo traçar, de maneira detalhada, os procedimentos adotados na condução da pesquisa. Neste capítulo, foram discutidos e apresentados os seguintes tópicos: a caracterização dos sujeitos da pesquisa, os métodos e procedimentos

metodológicos empregados, a utilização da técnica de autoconfrontação proposta por Vieira e Faïta (2003), o contexto da construção do *corpus* e a análise minuciosa do perfil dos participantes da pesquisa. Além disso, foram discutidas as questões relativas à metodologia de análise e à transcrição, bem como outros aspectos técnicos relevantes envolvidos no processo de construção do *corpus*.

No capítulo cinco, foram apresentadas as análises baseadas na verticalidade e horizontalidade proposta por Campos (2018; 2021), conduzidas por meio da integração dos eixos vertical e horizontal. O primeiro eixo concentra-se na temática dos enunciados concretos, relacionado ao sujeito autoconfrontado, enquanto o segundo eixo é responsável por construir o tema a partir da perspectiva do pesquisador, considerando sua posição axiológica.

Por último, no sexto capítulo, foram delineadas as conclusões finais derivadas do desdobramento desta pesquisa, juntamente com as suas potenciais contribuições para o campo de estudo, além de direções para pesquisas futuras.

Neste sentido, esta pesquisa visa contribuir diretamente com a melhoria da atuação dos tradutores e intérpretes de Libras/Português e intenciona entender o cenário de atuação, estimulando a reflexão sobre as necessidades e a formação dos TILSP no âmbito da tradução. Além disso, este estudo suscita recomendações, visando contribuir com a qualidade das atuações futuras nesse contexto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Esta pesquisa possui como fonte de embasamento teórico-metodológico as obras de Bakhtin e o Círculo: Volóchinov (2013, 2017), Bakhtin (2010, 2018, 2020), e os ETILs: Albir (2005, 2020), Rodrigues (2013, 2018, 2022), Nascimento (2011, 2016, 2023) e Nogueira (2016), pretendendo-se realizar a análise dos materiais coletados à luz desses teóricos, bem como buscar a construção do *corpus* junto aos sujeitos da pesquisa frente a sua produção por meio da autoconfrontação.

2.1 UMA CONCEPÇÃO BAKHTINIANA DE LINGUAGEM PARA UMA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE TRADUÇÃO

A discussão que aqui se inicia tem como ponto de partida a visão de Bakhtin e o Círculo, um grupo de pensadores russos do início do século XX que exploraram conceitos relacionados à linguagem, atividade humana, comunicação, cultura, semiótica e diversos outros temas.

Para introduzir Bakhtin e o Círculo, é importante esclarecer o que ele representa. O Círculo consiste em um coletivo de intelectuais russos que se destacaram por suas contribuições para a compreensão da linguagem, da atividade humana, da comunicação, da cultura e da semiótica. Aqui, serão explorados esses tópicos em um contexto de diálogo com os estudos linguísticos, tradutórios e interpretativos das línguas de sinais.

Uma construção de relações dialógicas pode envolver um sujeito com enunciados que reverberam em um cronotopo distinto ao que ele se expressa. Esse movimento, conforme concebido por Bakhtin, é denominado exotópico.

A exotopia envolve um movimento dual. Em primeiro lugar, busca-se enxergar o mundo com os olhos do outro, compreendendo a experiência a partir de sua perspectiva. Em seguida, há o retorno à própria perspectiva, onde o sujeito reafirma sua singularidade e valores dentro de um contexto específico.

Logo, o movimento exotópico é a capacidade do eu de se mover em direção ao outro e observar o mundo a partir de uma perspectiva alheia. É importante frisar, ainda, que essa mobilidade compreende duas trajetórias essenciais: a de ida e a de volta. Afinal, o eu parte em direção ao outro, mas ele precisa retornar para si. Esse circuito exotópico efetiva a alteridade na medida em que o sujeito contempla o mundo pelo olhar do outro, apreende

novos sentidos a partir disso e volta para si no final, momento em que sua própria consciência sofre alteração (Bakhtin, 2015 [1952-53/1979]). [...] A exotopia torna possível a relação entre sujeitos por meio da linguagem e é o passo fundamental para a instauração de uma lógica discursiva de viés dialógico, pautada na troca de material discursivo entre o eu e o outro (Silva, 2022, p. 96).

A análise do excedente de visão revela sua estreita relação com o fenômeno da exotopia, uma vez que se origina do movimento exotópico. Nessa perspectiva, a compreensão do mundo se dá através do olhar do outro, resultando em uma apreensão de novos significados que, por fim, retorna ao indivíduo. Conforme Silva (2022, p. 96) esclarece,

[...] o sujeito não volta sozinho, mas com um excedente, com material decorrente dessa interação com o mundo fora de si. Bakhtin denomina esse material extra como excedente de visão, categoria que está fortemente relacionada com a exotopia e depende dela para se efetivar. Além disso, a própria noção de acabamento, corpo, identidade, alteridade, ato ético e arquitetônica se dão em torno dessa capacidade do eu reconhecer a si e a sua necessidade de um outro para construir os sentidos sobre si, sobre o outro e sobre o mundo que os contempla (Silva, 2022, p. 96).

Ainda, segundo Amorim (2018),

Do mesmo modo, o conceito de exotopia designa uma relação de tensão entre dois lugares: o do sujeito que vive e olha de onde vive, e daquele que, estando de fora da experiência do primeiro, tenta mostrar o que vê do olhar do outro. A criação estética ou de pesquisa implica sempre em um movimento duplo, o deste tentar enxergar com o olhar do outro e o de retornar à sua exterioridade para fazer intervir seu próprio olhar: sua posição singular e única num dado contexto e os valores que ali afirma (Amorim, 2018, p. 101).

A concepção de linguagem respalda-se em Bakhtin como um produto da atividade coletiva humana, produzido na interação real e concreta entre sujeitos sociais, históricos e ideologicamente situados no tempo e no espaço (Volóchinov, 2017).

Um conceito cunhado por Bakhtin e que evidencia essa cosmovisão sobre a linguagem é o de enunciado, descrito como a unidade da comunicação discursiva. Segundo Bakhtin (2020),

[...] *viskázivanie* ou 'enunciado' não equivale a mero ato de produção de fala ou discurso; é muito mais que isso. Enunciado é o *elo* (NB: o elo, não *um* elo) essencial da cadeia de comunicação, e é dotado de uma tridimensionalidade comunicativa histórica e cultural que reúne passado (o

antecedente), presente (o *continuum*) e futuro (o conseqüente) do processo de comunicação como um fenômeno da cultura perene em sua substancialidade e aberto como forma de existência e comunicação entre os homens no devir histórico e na unidade aberta de cultura e história (Bakhtin, 2020, p. 153).

Articulado pelos sujeitos dentro de uma esfera da atividade humana, é irrepitível, ou seja, o enunciado como um evento único constitui-se sempre em um acontecimento novo. Portanto, todo enunciado, tendo em vista seu cronotopo, irá reverberar de forma diferente de acordo com o seu espaço-tempo de quando da sua recepção. Um enunciado gravado seria irrepitível, na medida em que seu acesso acontecerá em um outro espaço-tempo.

As múltiplas esferas, sejam elas acadêmica, religiosa, jornalística etc., manifestam diferentes formas de uso da língua. Assim, os enunciados refletem e refratam particularidades e condições da esfera, isto é, do campo da atividade humana a que estão vinculados. É apropriado afirmar que todo enunciado concreto é carregado de conteúdo ideológico, conforme afirma Volóchinov (2017, p. 93) sobre os signos na esfera religiosa: “o pão e o vinho se tornam símbolos religiosos no sacramento da comunhão cristã”. Esse exemplo revela uma relação indissolúvel entre a dimensão semiótica e a dimensão ideológica, evidenciando, nesse sentido, a existência do que o autor denominou de “o mundo dos signos”.

Volóchinov (2017, p. 93) ainda afirma que “tudo o que é ideológico possui significação sgnica”. O enunciado, nesse sentido, carrega diferentes vozes porque possui memória discursiva, incorpora sentidos produzidos na cadeia histórica da comunicação discursiva interligado às situações sociais em que está inserido e é produzido. O paradoxo é: ele é histórico na medida em que é mobilizado no grande tempo da cultura, mas é novo quando é mobilizado por sujeitos singulares inscritos em temporalidades e espacialidades distintas, já que, para o Volóchinov (2013), a estrutura social afeta diretamente a linguagem e as interações discursivas considerando a consciência individual de cada falante.

Segundo Bakhtin (2010), podemos entender o discurso como um fenômeno social tendo a língua como elemento constitutivo em sua integridade concreta e viva. Ele constitui-se como o espaço do diálogo, uma arena de vozes - voz aqui entendida como orientação de sentido e de valor. Estudar o discurso é estudar a realidade concreta da língua onde a questão da cultura é central em Bakhtin. Nele, há a união

da forma e do conteúdo, pois não há sentido sem a materialização linguística. Todo discurso é impregnado de ideologia (ponto de vista, visão de mundo), e onde existe discurso, existe sujeito. Ou seja, todo discurso apresenta uma posição autoral.

Se todo discurso se converte em uma posição de diferentes sujeitos, faz-se necessário pensar que sujeito é esse. É um sujeito-pessoa no mundo, mas que também traz em si uma posição autoral, compreendida como posição discursiva de sujeito (autor-criador), diferente do sujeito-empírico (autoria empírica relativa ao autor-real/autor-pessoa). Todo discurso tem uma autoria e, por conseguinte, não há discurso sem interlocutor.

Em suma, um sujeito-empírico pode ocupar diferentes posições de um sujeito-autor e eles podem não coincidir entre si. O discurso não se limita ao sujeito-empírico, pode ser um discurso de autoria institucional; a autoria é fluida, aberta. Para analisar discurso, as relações lógicas devem tornar-se relações dialógicas. Desse modo, o enunciado ganha autoria apresentando, assim, uma posição.

Segundo Bakhtin (2018), as relações dialógicas são extralinguísticas,

Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do *discurso*, ou seja, da língua como fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da *vida* da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas. Mas a linguística estuda a “linguagem” propriamente dita com sua lógica específica na sua *generalidade*, como algo que *torna possível* a comunicação dialógica, pois ela abstrai conseqüentemente as relações propriamente dialógicas. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isso, tais relações devem ser estudadas pela metalinguística, que ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias (Bakhtin, 2018, p. 209).

Os gêneros discursivos considerados como enunciados relativamente estáveis constituem-se e funcionam à luz das coerções sociodiscursivas da esfera da atividade humana. Assim, o que torna o enunciado um gênero são as coerções de tipificação das esferas, ou seja, é no interior das esferas da atividade humana que o enunciado se forma e circula como gênero. “Cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente

estáveis de enunciados, os quais denominamos de gêneros do discurso.” (Bakhtin, 2010, p. 262).

É importante salientar que o “individual” não se refere ao sentido subjetivista do termo, mas ao entendimento de que todo sujeito é singular e socialmente constituído. A relativa estabilização dos enunciados nos gêneros torna possível a comunicação, uma vez que não conseguimos criar individualmente enunciados novos a todo momento nas interlocuções.

Bakhtin (2020) enxerga que a riqueza dos gêneros é infinita, portanto, são inesgotáveis. À medida que as práticas sociais se modificam, os gêneros no interior delas também se modificam. A história e a cultura se transformam e, conseqüentemente, modificam esses gêneros.

De acordo com Bakhtin, o conceito de gênero foi apresentado como um fenômeno social de grande riqueza, porque adapta-se às necessidades comunicativas do falante e é classificado de acordo com o uso da língua (primário e secundário). O uso primário da língua refere-se, principalmente, a situações de comunicação cotidianas de natureza informal e espontânea, como conversas rotineiras. Já os secundários, aludem a situações complexas, como, por exemplo, uma tese científica. No entanto, ambos são compostos por enunciados, e a diferenciação refere-se ao nível de complexidade comunicativa. Para Bakhtin, todo gênero do discurso é heterogêneo, o que significa que os gêneros são centrífugos, vulneráveis, se adaptam à vida social e refletem diferentes sentidos no interior das situações de interação.

Volóchinov (2013) pontua que o enunciado como uma forma concreta do signo ideológico, como uma forma concreta de uso da língua, é socialmente orientado. As demandas, feições do âmbito social, penetram o enunciado dando-lhe sentido e conteúdo. Quando as dimensões, as reverberações do social penetram o enunciado dando o sentido que é balizado pelo social, é no sentido valorativo, sempre axiologicamente marcado.

O sentido é valorativo e temático o que, para Volóchinov (2013), é sempre no sentido de ser marcado de forma ideológica e valorativa. Sempre que se modificam as situações de interações, a linguagem que constitui o engajamento de sujeitos nessa interação se modifica e, conseqüentemente, modifica o sentido. Ao mudar a

situação de interação, muda-se o tempo e o espaço ideológico valorativo do sentido. Por isso ele é sempre irrepetível, pois essa irrepetibilidade tanto para Bakhtin quanto para Volóchinov se dá pela valoração. A valoração molda, baliza o sentido da ideologia.

A relação do enunciado com a sua situação e seu auditório é criada primeiramente, pela entonação. [...] a situação e o auditório correspondentes determinam justamente a entonação e, por meio dela, realizam tanto a escolha das palavras quanto a sua ordenação, ou seja, já por meio dela concebem o todo do enunciado (Volóchinov, 2013, p. 287).

Usamos discursos com diferentes entonações, que demarcam a relação de sentido do auditório na relação de interação. É na entonação, portanto, na valoração, já que a entonação é a materialidade sonora da valoração, que se dá a escolha das palavras e a sua ordenação

A entonação é a expressão sonora da avaliação social. Então, toda vez que a linguagem é utilizada na forma de enunciados, ela está sendo utilizada sempre de forma ideológica e valorativa. Todas as relações dialógicas que se engendram nos discursos sempre são relações projetadas por sujeitos ideológicos. Todo o enunciado se constrói internamente por escolhas de léxico, construções gramaticais e textuais de ordenação, sobre o escopo da valoração.

A valoração, organicamente, se integra à ideologia para marcar uma visão e uma posição de mundo. Para Bakhtin (2010), os elementos da língua isolados, a palavra isolada sem entonação não tem valoração. É no enunciado, no todo da interação que essa valoração se dá. É no contato da língua com a realidade social do enunciado que há a centelha da expressão e que a valoração acontece, e ela só existe na interação.

A valoração se integra e se engendra no enunciado com base nas reverberações da interação social, e o que a determina são as demandas, as coerções, as próprias reverberações, ou seja, as relações dos sujeitos. Ela é um índice social, avaliativo, expressivo e axiológico da enunciação. Quando usamos um determinado elemento da língua, é proposital, pois escolhemos os elementos sempre tendo em vista os sentidos que queremos alcançar. A partir do seu projeto discursivo, do seu propósito, a valoração determina os sentidos da enunciação.

Para Bakhtin (2015, p. 66), toda atividade de linguagem como a manifestação verbal socialmente significativa é influenciada por tons axiológicos e, de acordo com

suas palavras, "cada dia apresenta sua própria conjuntura socioideológica, semântica, vocabulário, sistema de acento, lemas, desaforos e elogios". Segundo Bakhtin 2010,

Há palavras que significam especialmente emoções, juízos de valor: "alegria", "sofrimento", "belo", "alegre", "triste", etc. Mas também esses significados são igualmente neutros como todos os demais. O colorido expressivo só se obtém no enunciado, e esse colorido independe do significado de tais palavras, isoladamente tomado de forma abstrata [...] (Bakhtin, 2010, p. 292).

Nossa interação com o ambiente que nos cerca ocorre de forma indireta, já que nossas palavras se engendram com as camadas dos discursos sociais que envolvem as coisas. Conseqüentemente, "nossa relação com o mundo é sempre permeada por valores" (Faraco, 2009, p. 49).

O conceito de polifonia na teoria de Bakhtin diz respeito à presença de várias vozes em um discurso ou texto. Bakhtin desenvolveu essa ideia a fim de argumentar que o discurso é permeado por diversas vozes, cada uma representando perspectivas, experiências e ideias distintas.

Na polifonia, essas diferentes vozes coexistem e interagem, formando um campo dinâmico de significados. Cada participante em um discurso traz consigo sua própria visão de mundo, valores e histórico cultural, influenciando a maneira como expressam suas ideias. Bakhtin destaca que essas vozes não necessariamente entram em conflito; ao contrário, ele enfatiza a interação e a interdependência entre elas.

A polifonia é uma característica fundamental da linguagem e da comunicação, refletindo a diversidade dos pontos de vista na sociedade. Essa abordagem destaca a natureza social e dialógica da linguagem, enfatizando que o significado de uma expressão não é fixo, mas sim negociado no contexto das interações sociais.

Autores como Nascimento (2011), Albres e Costa (2021) relacionam os conceitos bakhtinianos com as práticas de tradução e interpretação em língua de sinais. Albres e Costa (2021, p. 73) afirmam que "a arquitetônica bakhtiniana fornece elementos que contribuem para possíveis caminhos de estudar a linguagem e os discursos numa perspectiva dialógica".

Sendo a língua o elemento primordial na atividade de tradução e interpretação, tendo em vista que sua prática ocorre em condições reais durante o seu uso e são efetivadas por meio dos sujeitos, Nascimento (2011) diz que

Para o Círculo de Bakhtin, o estudo da língua é inseparável da vida, pois é nela, nas relações entre os sujeitos, na realização da língua por meio da interação entre esses mesmos sujeitos que a linguagem acontece e os sentidos se instauram. O olhar para a linguagem deve ocorrer nas suas reais condições de produção, pois, obrigatoriamente, os sentidos implícitos nessas práticas só emergem na interação real e viva entre sujeitos singulares (Nascimento, 2011, p. 46).

O autor também afirma que

[...] a prática de tradução/interpretação é abordada como um ato enunciativo-discursivo, pois constitui-se de uma prática de linguagem que medeia a interação entre diferentes sujeitos. A interação entre o locutor e o interlocutor, em uma situação de interação que envolve línguas diferentes em que os enunciadores desconhecem a língua um do outro, só é realizada por meio o ato da tradução/interpretação, isto é, por este ato de enunciação que constrói a ponte discursiva entre locutor e interlocutor (Nascimento, 2011, p. 49).

2.2 TRADUÇÃO, INTERPRETAÇÃO E INTERMODALIDADE: CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS

Libras é uma língua de modalidade gestual-visual que implica em conhecimentos, habilidades e competências específicas e aprimoradas para atuação.

Desta forma, a fim de dar conta da especificidade desta atividade, invocou-se também formulações advindas da emergente área de Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (ETILS), que se localiza no campo disciplinar dos Estudos da Tradução e dos Estudos da Interpretação, em que cunhou-se reflexões das dimensões tradutórias e interpretativas que as alcançam devido à diferença de modalidade entre as línguas envolvidas nessas atividades.

Autores como Rodrigues & Beer (2015) e Rodrigues (2013; 2022), consideram a questão da intermodalidade como elemento singular do processo tradutório envolvendo a Língua de Sinais (LS), pois um dos aspectos relevantes que

se destaca na tradução que envolve uma LS é a distinção da modalidade entre as línguas.

Antes do aprofundamento no processo de tradução dos cursos MOOCs do IFRS, cabe aqui elucidar a diferença entre os conceitos de tradução e interpretação, apresentando considerações teóricas sobre as diferenças entre os termos. Para fundamentar esta discussão, serão utilizados autores dos Estudos da Tradução da área de Tradução e Interpretação de Língua de Sinais com o objetivo de justificar a escolha terminológica utilizada neste trabalho.

Por mais que ambos os conceitos possam soar congruentes, é necessário compreendermos o motivo de utilizarmos uma e não outra terminologia. Em sua pesquisa de 2011, Nascimento afirma que ambas as práticas consistem no ato de “trazer de um lado a outro, colocando no discurso mobilizado uma nova veste, uma nova forma linguística, mas mantendo sua interioridade”. Para Sobral (2008, p. 88), “[...] todo ato de tradução é tanto tradução como interpretação, porque traduzir é sempre interpretar e porque sempre que se interpreta se traduz”. Porém, em um nível subsequente, é possível distinguirmos a interpretação da tradução.

Assim, entendemos aqui a interpretação como o ato de transmitir informações de uma língua para a outra em caráter simultâneo e imediato. Cokely (1992) apresenta que a interpretação é limitada e conduzida por um espaço-tempo específico, pois está diretamente ligada ao tempo e ritmo de fala do orador.

Segundo Russo (2010),

A Interpretação Simultânea é uma habilidade cognitiva complexa usada para servir de comunicação entre falantes de diferentes línguas e culturas. Ela implica na transposição oral de uma mensagem em um idioma de origem para uma língua-alvo, enquanto a mensagem está a ser entregue. Por isso, o intérprete tem que ouvir o orador e ao mesmo tempo produzir sua própria fala (Russo, 2010, p. 333).

A interpretação simultânea exige que o TILSP realize a interpretação ao mesmo tempo em que o orador está falando, tendo segundos para realizar suas escolhas interpretativas. Isso exige do intérprete excelentes habilidades de raciocínio para determinar as escolhas mais assertivas para contextualizar sua interpretação, além da fluência em ambas as línguas, bem como coordenação para conseguir ouvir e falar ao mesmo tempo.

Nogueira (2016) afirma que nesta atividade é necessário que a atenção seja dividida entre ouvir a mensagem e reproduzir o discurso na outra língua, e que esse processo tende a sobrecarregar a capacidade de processamento do TILSP. Esse modelo de interpretação possui como característica o imediatismo, onde o discurso segue um fluxo contínuo enquanto a interpretação está ocorrendo. De acordo com Rodrigues (2018b),

A interpretação abrange o trabalho com textos orais, em seu fluxo de produção, por meio de um processo imediato que se realiza em contato com o público, não permitindo que o intérprete interrompa o processo para recorrer a apoios externos, já que deve seguir o ritmo do autor do texto. O produto do trabalho é efêmero, já que não é automaticamente registrado, e não pode ser revisado antes do conhecimento do público (Rodrigues, 2018b, p. 118).

Já a tradução é entendida neste estudo como a transmissão de uma língua para outra por meio de um processo diferenciado, com a possibilidade de um estudo detalhado⁸ dos materiais a serem traduzidos e com um maior tempo disponível para esse estudo e para a realização do processo. Frishberg (1990, *apud* Leite, 2004) afirma que

O termo tradução pode ser usado em sentido amplo para referir-se à troca de mensagens de uma língua para outra, sendo que a forma dessa língua pode ser escrita, oral ou sinalizada, podendo ter ortografia oficial, formas escritas ou não. Em um sentido restrito, técnico, o termo tradução refere-se ao processo de trocas da mensagem escrita de uma língua para outra, enquanto que a interpretação refere-se a um processo de troca imediata de mensagens produzidas de uma língua para outra. Essas línguas podem ser escritas, orais ou sinalizadas, mas com uma característica distinta em relação ao discurso: a transmissão imediata e ao vivo (Frishberg, 1990 *apud* Leite, 2004, p. 38).

Como mencionado, geralmente a tradução está ligada a uma língua escrita, a um produto que será gerado e ficará registrado, podendo-se ter acesso posteriormente. Rodrigues (2018b) afirma que

A tradução envolve a manipulação de textos escritos, devidamente registrados, por meio de um processo que se realiza sem o contato direto como público, permitindo que o tradutor siga seu próprio ritmo, use apoio externo, faça a revisão antes do conhecimento do público e, portanto, possa apresentar um produto registrado, burilado e duradouro (Rodrigues, 2018b, p. 118).

⁸ Na interpretação, o estudo prévio acontece de forma mais sucinta com o estudo de materiais, mas não necessariamente das falas (na maioria das vezes).

Neste caminho, Rodrigues (2018b) suscita uma discussão pertinente tratando-se de línguas de modalidades distintas. Segundo ele, existem dois tipos de processos:

os intramodais e os intermodais. Os processos *intramodais* são aqueles que ocorrem entre línguas de uma mesma modalidade, seja entre duas línguas orais ou entre duas línguas de sinais (Português-Inglês, Francês-Espanhol, ASL-Libras, BSL-LSF, etc.). Já os processos *intermodais* são aqueles que se realizam entre uma língua oral e outra de sinais (Inglês-ASL, Francês-Libras, LSF-Inglês, Português-Libras etc.), os quais são o foco de nossa reflexão neste texto. É importante reiterar que os processos tradutórios e interpretativos que envolvem línguas de sinais diferenciam-se daqueles processos que envolvem apenas línguas orais. Essa diferenciação pode ser analisada a partir da perspectiva dos efeitos de modalidade da língua sobre a tradução e sobre a interpretação. Além disso, o *processo interpretativo intermodal*, por diversas razões, é bem mais comum e, conseqüentemente, mais investigado que o *processo tradutório intermodal* (Rodrigues, 2018b, p.118).

Rodrigues (2018b, p. 119) ainda complementa que “a tradução de línguas de sinais pode envolver a escrita, mas o que tem sido mais comum é o registro em vídeo do *corpo do tradutor como língua*”.

As múltiplas tentativas de conceituar, a fim de diferenciar os conceitos de interpretação e tradução construídos ao longo das últimas décadas, surgem da busca por uma identidade e autonomia entre os termos. Essa diferenciação, segundo Rodrigues (2022), inicialmente parte de uma oposição entre texto escrito e texto oral e traça uma linha divisória entre a interpretação e a tradução. O autor ainda ratifica as diferentes habilidades requeridas entre os profissionais que atuam dentro das esferas da tradução e da interpretação. Ele afirma que mesmo que

[...] ambos os profissionais, tradutores e intérpretes, devam dominar suas línguas de trabalho, as habilidades requeridas dos tradutores estão mais diretamente vinculadas ao domínio da escrita e as requeridas dos intérpretes ao domínio da expressão oral: sutilezas de pronúncia, nuances de entonação, variantes regionais, dentre outros (Rodrigues, 2022, p. 23).

Rodrigues (2022) afirma que “a tradução exige, a priori, habilidades para leitura, compreensão e produção de textos escritos; e a interpretação, por sua vez, habilidades para escuta, compreensão e produção de textos falados” (Rodrigues, 2022, p. 24).

Para além destas diferenças, Rodrigues (2022), em seu texto, aponta outras marcas que diferem a interpretação da tradução para além do que já foi apresentado

anteriormente, como o planejamento, que não é possível em uma interpretação devido ao tempo de processamento cognitivo e acontece durante a sua realização. Ele aponta o contexto e a situação também como fator de distinção (intrassocial e interacional). Desta forma, com base no exposto, é possível perceber que existem diferenças operacionais e cognitivas que diferem as atividades de interpretação e tradução. Rodrigues (2022) ainda afirma que

O traduzir e o interpretar são processos linguísticos, comunicativos, interpretativos, cognitivos, culturais e textuais que envolvem diferentes comunidades ou grupos sociais. Todavia, as diferenças operacionais e cognitivas que existem entre essas duas atividades são evidentes, como já demonstramos acima (Rodrigues, 2022, p. 28).

Ao falar de tradução, Rodrigues (2022) afirma que o envolvimento de uma língua escrita no processo parece ser o ponto de partida para distinguir a tradução da interpretação. O autor cita Pagura (2015, p.74), que afirma que há habilidades distintas para a realização da atividade de traduzir e interpretar, e por mais que ambos devam dominar suas línguas de trabalho, as habilidades relacionadas à atividade do tradutor estão mais diretamente ligadas ao domínio da escrita. Rodrigues (2022) ainda afirma que a tradução exige, a priori, habilidades para leitura, compreensão e produção de textos escritos.

Conforme Alves e Pagura (2002), o tradutor pode recorrer a apoio externos, assim como pode realizar a tarefa no seu próprio ritmo, ao contrário do intérprete, que deve solucionar seus problemas tradutórios imediatamente. Neste segundo, não há possibilidade de correção ou revisão antes da apresentação do produto. Para evidenciar a distinção entre as duas atividades, Rodrigues (2022) apresenta um quadro de diferenças entre tradução e interpretação.

Quadro 1 - Diferenças entre Tradução e Interpretação

	TRADUÇÃO	INTERPRETAÇÃO
Competências e habilidades linguísticas	Priorização daquelas requeridas para lidar com a escrita: habilidades de leitura e de escrita.	Priorização daquelas requeridas para lidar com o oral: habilidades de escuta e de fala.
Definição do ritmo em que se dará o trabalho	O profissional define seu ritmo sem ou com pouca pressão de tempo.	O ritmo do autor da fala se impõe ao profissional que precisa ajustar-se a ele.

Apresentação do texto fonte	O texto está disponível em um suporte, pode ser relido e o profissional pode circular por ele o quanto precisar.	O texto está em fluxo constante e, na maioria dos casos, não pode ser visto novamente nem repetido, ainda que o profissional necessite.
Modo de realização do trabalho	É possível interromper o trabalho ou mesmo organizá-lo em partes.	É quase impossível interromper, protelar ou fragmentar o trabalho.
Uso de apoio externo (materiais e outros recursos)	Pode-se buscar apoio externo em glossários, dicionários, colegas e em outras traduções.	Há pouco ou nenhum apoio externo, recorre-se basicamente ao suporte da memória ou, imediatamente, ao parceiro de trabalho, ainda que de forma limitada.
Possibilidade de correção, antes da entrega	Há, quase sempre, possibilidade de se revisar o texto integralmente e fazer ajustes e alterações.	Não há como realizar nenhuma alteração sem que o público a veja.
Aspectos situacionais da atividade	Contexto limitado, mais centrado no local de trabalho do tradutor, quase sempre definido por ele.	Contexto múltiplo e, muitas vezes, instável, desde os intrassociais até os internacionais.
Utilização de tecnologia	Indispensável, não se pode abrir mão de ferramentas e materiais de escrita, por exemplo, para registrar a produção.	Dispensável, pois em alguns casos pode ocorrer sem nada mais que o próprio corpo.
Contato com o público do trabalho	Contato indireto, mínimo ou inexistente, muitas vezes, com um grande lapso temporal em relação ao momento de produção da tradução.	Contato direto, significativo e efetivo, na maioria das vezes com a presença do público no momento de realização da interpretação.

Fonte: Rodrigues, 2022, p. 28-29.

Desta forma, no presente trabalho será utilizado o termo tradução para descrever a atividade realizada pelos TILSP do IFRS nos cursos MOOCs, uma vez que os profissionais, por meio do planejamento, definiam o ritmo de suas traduções, podiam organizar os conteúdos em partes e tinham suporte (mesmo que virtual) via um grupo no *WhatsApp* para a consulta de sinais. Os materiais a serem traduzidos eram disponibilizados nos mais variados formatos como textos, vídeos e áudios, e os TILSP tinham um tempo destinado para cada etapa do processo como o estudo de todo o material, pesquisa terminológica, etc.

3. INTERSECÇÕES ENTRE O CAMPO DE TRABALHO E O CAMPO DE PESQUISA: CURSOS DE EXTENSÃO EM INSTITUIÇÕES TÉCNICO, CIENTÍFICAS

A atuação em *home office* dos TILSPs impulsionada pelo período pandêmico ainda é um campo em crescimento. Há algumas publicações sobre o trabalho remoto durante a pandemia (Marques, 2020; Nascimento, *et al.*, 2020; Santos, 2020; Sparano-Tesser, 2020; Nascimento, Nogueira, 2021; Nascimento, 2023; Araújo, Ferreira, 2021), porém, para melhor fundamentar este trabalho, foi realizado o estado da arte, a fim de encontrar publicações que venham ao encontro dos principais temas abordados nesta pesquisa. Neste contexto, torna-se imprescindível abordar o tema e investigar se existem estudos recentes sobre a tradução de Libras em cursos MOOCs realizados em *home office*.

Desde a promulgação do Decreto nº 5.626/2005, tem havido um aumento significativo na oferta de cursos de formação de intérpretes de Libras/Português em todo o território brasileiro. No entanto, com o surgimento da pandemia da COVID-19, nota-se uma crescente necessidade de discutir o trabalho remoto e em *home office* nos cursos de formação desses profissionais. É importante destacar, contudo, a escassez de abordagens sobre esse tema nos cursos até o momento atual, conforme será detalhado na próxima subseção.

Tal análise visa investigar conexões ou proximidades com trabalhos pré-existentes e ratificar a importância da presente pesquisa. Deste modo, a investigação será realizada no *site* do *Catálogo de Teses e Dissertações* da Capes, *Portal de Periódicos* da Capes e na plataforma do *Google Acadêmico*. As pesquisas nos *sites* foram realizadas a partir dos seguintes termos “*tradução em Libras*” e “*MOOC*”. Para a busca, foram utilizadas aspas para que a pesquisa encontrasse trabalhos que fossem especificamente sobre o tema.

No *site* do *Catálogo de Teses e Dissertações* da Capes e no *Portal de Periódicos* da Capes, não foram encontrados registros de trabalhos a partir dos termos pesquisados. Na plataforma do *Google Acadêmico*, na categoria artigos, foi encontrada apenas a pesquisa de Oliveira *et al.* (2020), intitulada *O Mooc de Lovelace Acessível: Uma Chamada de Meninas Surdas para as Carreiras de Computação*, que não trata especificamente da tradução de curso MOOC, mas

aborda um curso criado de forma acessível na área da computação em que foi utilizada a tradução. Entretanto, não há relatos sobre o processo tradutório, tampouco se a atividade foi realizada em *home office*.

No *Portal de Periódicos* da Capes, a busca foi realizada com os mesmos termos: “*tradução em Libras*” e “*MOOC*”; porém, nenhum trabalho foi encontrado. No *site* de *Catálogo de Teses e Dissertações* da Capes a busca também foi realizada, mas os termos separados com ponto e vírgula. Foram encontrados, a partir do filtro “*dissertações*”, trinta trabalhos. No entanto, nenhum deles trazia especificamente o tema Tradução em Libras de cursos MOOCs.

Desta maneira, até o presente momento, não foram encontrados trabalhos que tratem especificamente do tema de Tradução em Libras de cursos MOOCs, sendo escassa as informações e ainda não explorados estudos. Por este motivo, a presente pesquisa vai dedicar-se ao aprofundamento deste processo.

Os cursos MOOCs têm sido considerados uma ferramenta educacional promissora, com grande poder de impulsionar o número de alunos devido ao alto alcance e quantidade de inscrições. Segundo Munhoz e Silva (2020),

A primeira experiência com MOOCs encontrada na literatura é do ano de 2008, quando George Siemens ministrou o curso *Connectivism and Connective Knowledge* no Canadá para 25 alunos presenciais e também para mais de 2000 alunos on-line (Munhoz, Silva, 2020, p. 32).

Para Gupta e Fátima (2016, p. 1), “os MOOCs oferecem cursos *on-line* para grandes números de pessoas, os MOOCs são capazes de atender as necessidades de aprendizado de milhões de pessoas⁹.” Esses cursos são oferecidos por meio de ambientes virtuais de aprendizagem, viabilizando o conhecimento aberto e com ênfase na diversidade de usuários. Desta forma, os cursos MOOCs são ofertados para pessoas que desejam adquirir conhecimentos ou aprimorá-los, sem a necessidade de sair de casa e se deslocar até uma instituição de ensino.

Eles não possuem limites de inscritos, não há processo seletivo para o ingresso e dispõem de uma maior flexibilidade nos horários para estudo, o que possibilita que cada aluno estude no seu tempo e realize as atividades no seu ritmo, além de serem ofertados de forma gratuita e sem tutoria.

⁹ Fonte: “MOOCs, providing online courses to a very large number of people, MOOCs have a great ability to fulfill the learning needs of millions of people”.

A oferta de cursos MOOCs no IFRS, segundo Lima (2018, p. 42), data o ano de 2016, onde há registros consistentes e documentados da oferta de cursos de extensão à distância na instituição. Essa iniciativa se deu com o objetivo de oportunizar o acesso a diferentes conhecimentos, com autonomia e flexibilidade de tempo ao maior número de alunos possível.

Atualmente, são ofertados 176 cursos na plataforma Moodle do IFRS, nas mais diversas áreas: Ambiente e Saúde, Ciências Exatas, Ciências Humanas, Educação, Educação à Distância, Gestão e Negócios, Idiomas, Línguas e Literatura, Informática, preparatórios para as provas de ingresso no IFRS, Produção Alimentícia, Recursos Naturais e Turismo e Hospitalidade (março de 2023). Eles possuem uma carga horária mínima de 20 horas e máxima de 200 horas. Todos os cursos ofertados são gratuitos e o proponente deve preencher alguns pré-requisitos como experiência prévia ou capacitação de, no mínimo, 150 horas em EaD, conforme a IN - Instrução Normativa da Pró-reitoria de Ensino (PROEN) Nº 06 DE 21 DE AGOSTO DE 2020¹⁰.

Os cursos podem ser acessados pelo *site* <https://moodle.ifrs.edu.br> e, para se inscrever, deve-se clicar em “Acessar” no canto superior direito, como mostra a figura 1. Após fazer o cadastro, que não possui idade mínima, basta realizar a inscrição na formação desejada.

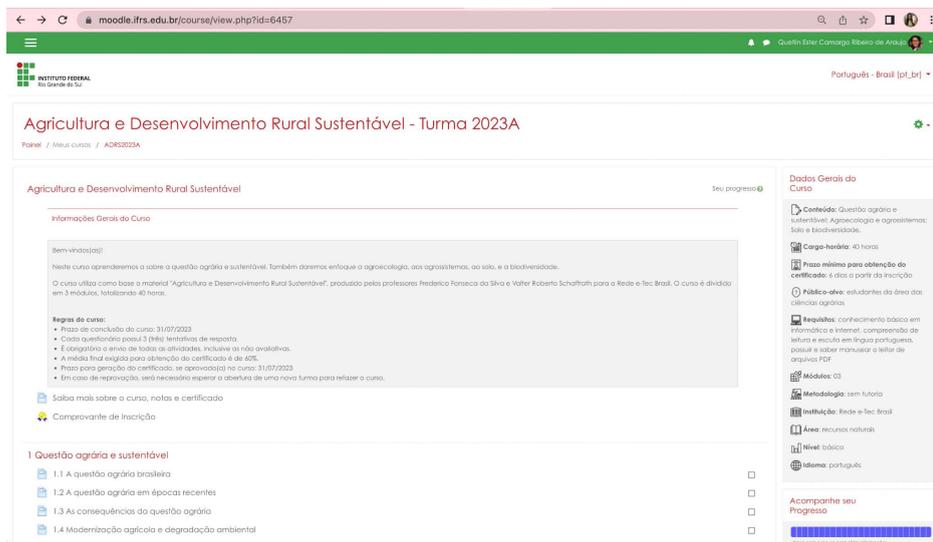
¹⁰ Instrução Normativa - PROEN Nº 06, DE 21 DE AGOSTO DE 2020. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/IN-06-2020-Programa-de-Capacitacao-EaD.pdf>.

Figura 1 - Tela inicial da plataforma Moodle do IFRS



Fonte: <https://moodle.ifrs.edu.br/>.

Inicialmente, ao acessar a plataforma, são apresentadas as informações gerais e o que será desenvolvido ao longo do curso escolhido, a quantidade de módulos e a carga horária, como mostra a figura 2.

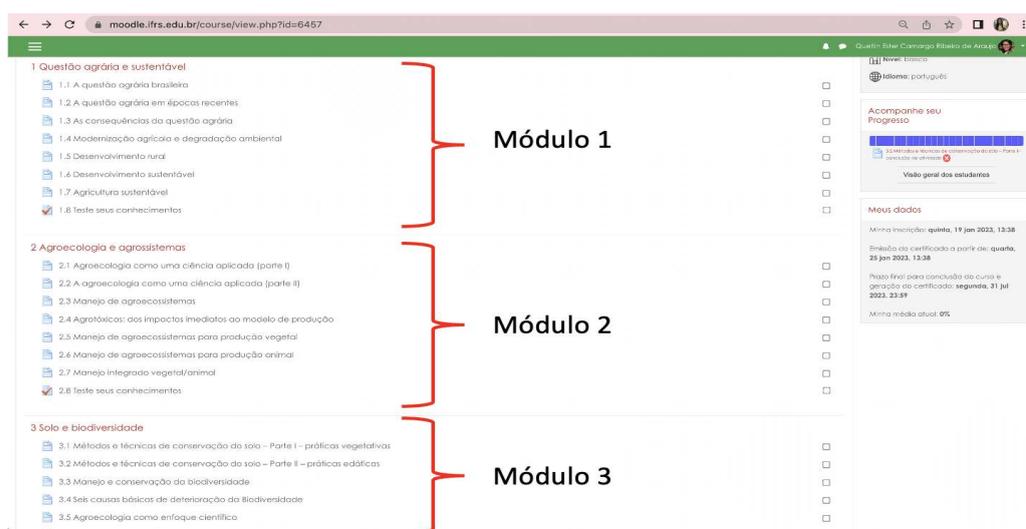
Figura 2 - Página inicial do curso Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável - Turma 2023A¹¹

Fonte: Curso no Moodle do IFRS.

¹¹ A estrutura de nomenclatura adotada nos cursos MOOCs do IFRS possui uma identificação pelo nome do curso, seguido do ano e do semestre. No sistema de nomeação, o primeiro semestre é representado pela letra "A", e o segundo semestre pela letra "B". Portanto, os registros e identificações dos cursos apresentados com o sufixo "2023A" referem-se aos cursos ofertados no primeiro semestre do ano de 2023.

Os cursos são organizados por módulos, conforme demonstra a figura 3. Em suas páginas, podem estar presentes conteúdos em PDFs, *links* para páginas externas, videoaulas e áudios, estes dois últimos podendo ser de autoria própria do professor responsável ou de terceiros, desde que a fonte seja devidamente referenciada.

Figura 3 - Organização do curso por módulos

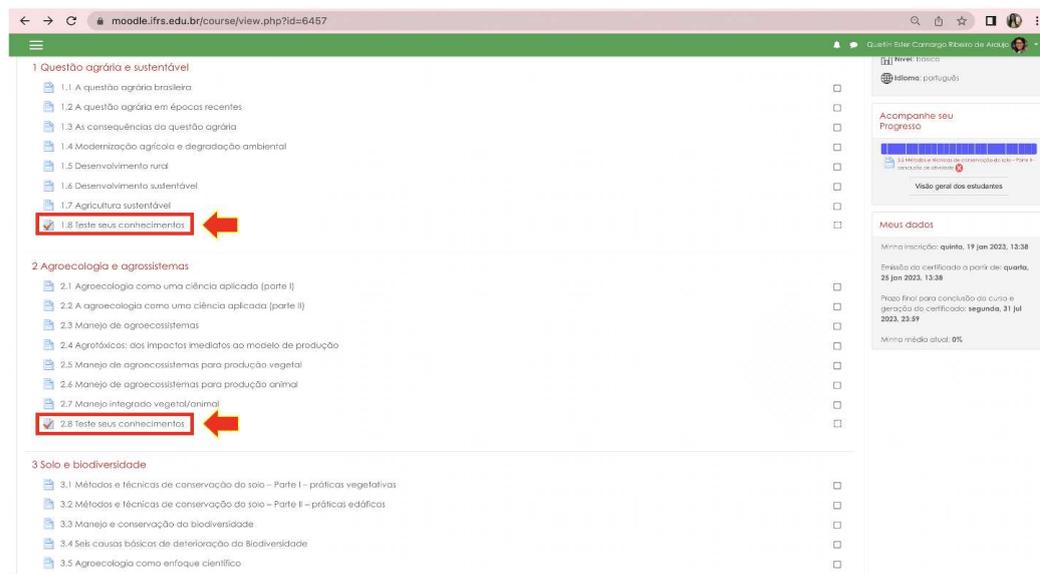


Fonte: Curso no Moodle do IFRS - Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável - Turma 2023A.¹²

Ao final de cada módulo, há o teste de conhecimento que contempla o conteúdo estudado no respectivo módulo, conforme mostra a figura 4.

¹² A nomenclatura do curso é composta pelo seu nome e pelo ano de referência ao final, bem como se eram divulgados no primeiro ou no segundo semestre. Os editais de lançamentos dos cursos eram lançados a cada seis meses: a primeira turma, do primeiro semestre, representada pela letra "A"; e a segunda turma, do segundo semestre, pela letra "B".

Figura 4 - Teste de conhecimento ao final de cada módulo



Fonte: Curso no Moodle do IFRS - Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável - Turma 2023A.

3.1 A ACESSIBILIDADE E O PROFISSIONAL TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS NO IFRS

Em 29 de dezembro de 2008, por meio da Lei nº 11.892, houve a reorganização da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Nesta ocasião, houve a criação de 38 institutos federais, sendo três deles no Rio Grande do Sul. Neste ato, houve a criação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), que teve várias instituições incorporadas ao instituto, como o Colégio Técnico Industrial Prof. Mário Alquati, então vinculado à Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e a Escola Técnica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que também passaram a integrar o IFRS.

Atualmente, o IFRS possui 17 campi: Alvorada, Bento Gonçalves, Canoas, Caxias do Sul, Erechim, Farroupilha, Feliz, Ibirubá, Osório, Porto Alegre, Restinga (Porto Alegre), Rio Grande, Rolante, Sertão, Vacaria, Veranópolis e Viamão, além da Reitoria, sediada em Bento Gonçalves. Por isso, muitos campi possuem data de funcionamento anterior a 2008, pois funcionavam com outros nomes e foram incorporados ao IFRS na data mencionada.

Segundo Agnol *et al.* (2016), desde o ano de 2006 o IFRS conta com um núcleo de acessibilidade criado a partir de um grande projeto da Secretaria de

Educação Profissional, Científica e Tecnológica do Ministério da Educação (SETEC/MEC). Esse projeto reuniu pesquisadores e alunos bolsistas da Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica (EPCT), e tinha como objetivo oferecer soluções digitais para a rede.

A fim de garantir um bom nível de acessibilidade aos artefatos digitais, criou-se o Projeto de Acessibilidade Virtual e, posteriormente, o convênio com o Ministério do Planejamento de Soluções Acessíveis que, dentre suas ações, está a criação da terceira versão das Recomendações Nacionais de Acessibilidade de *Sites* (eMAG 3.0) e a sua atualização (eMAG 3.1), atualizações no ASES (Avaliador e Simulador Automático de Acessibilidade de *Sites*), além da produção de Tecnologia Social Assistiva para os Telecentros Brasileiros, cursos *on-line*, dentre outros¹³.

No ano de 2012, o IFRS foi um dos escolhidos para compor a rede de Núcleos do Centro Nacional de Referência em Tecnologia Assistiva (CNRTA), com sede no Centro de Tecnologia de Informação (CTI) Renato Archer, em Campinas, uma unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Esse núcleo é formado pelos *campi* Bento Gonçalves, Farroupilha, Porto Alegre e Restinga.

Em 2013, o Projeto de Acessibilidade Virtual foi institucionalizado no IFRS na Pró-reitoria de Extensão, pela Portaria nº 221, de 06 de fevereiro do referido ano. Em 2015, o PAV passou a ser o Centro Tecnológico de Acessibilidade (CTA), como é chamado até os dias de hoje.

O objetivo do Centro Tecnológico de Acessibilidade (CTA), atualmente vinculado à Pró-Reitoria de Ensino do IFRS, é orientar e executar ações que promovam a acessibilidade no IFRS em suas dimensões arquitetônica, instrumental, comunicacional, programática, metodológica e atitudinal. O IFRS é o principal campo de abrangência de atuação do CTA, podendo estender-se à comunidade externa por meio de projetos, convênios e parcerias com instituições.

Com o intuito de atender a demanda institucional relacionada à acessibilidade digital e à Tecnologia Assistiva (TA) no que tange às questões relacionadas à acessibilidade digital, ela inclui testes de acessibilidade em *sites*, sistemas ou

¹³ Disponível em: <https://cta.ifrs.edu.br/institucional/historico/>.

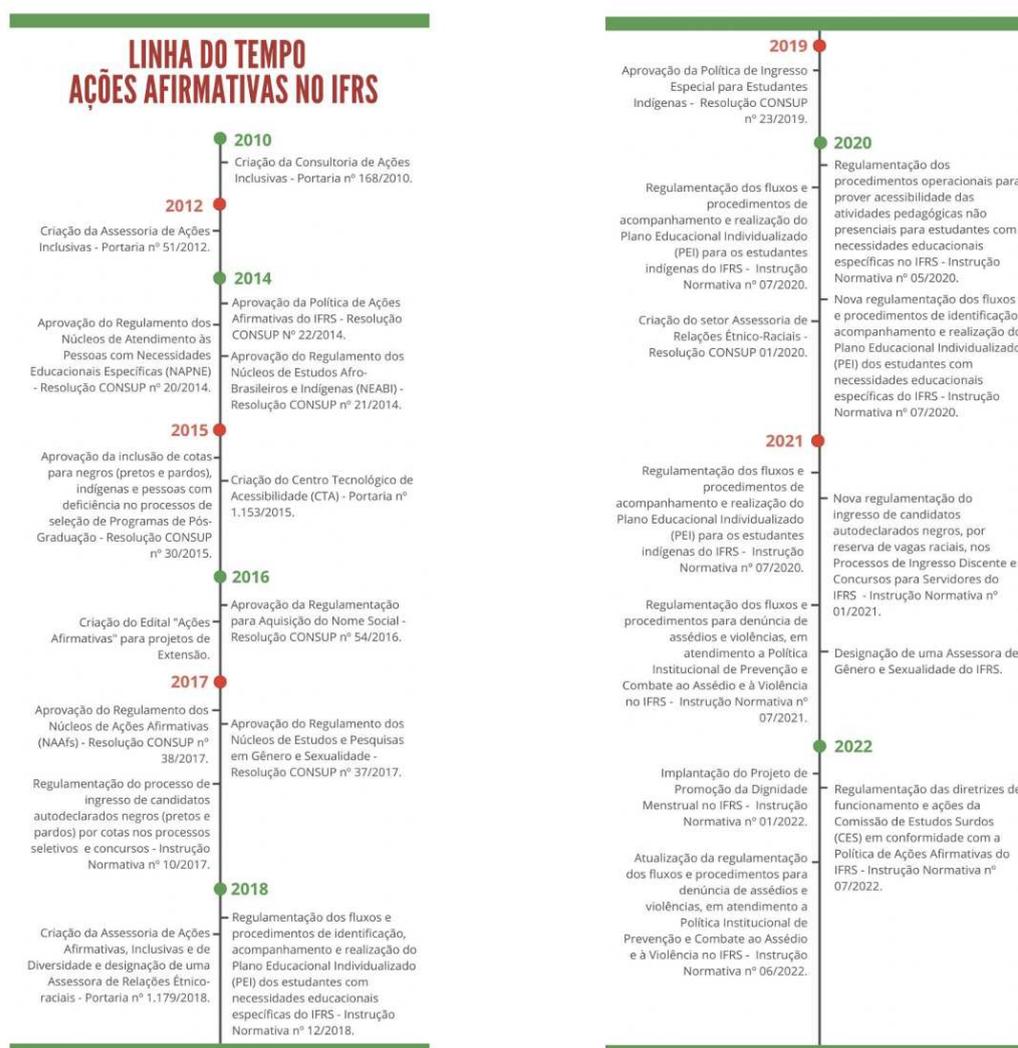
documento digitais; adaptação de editais e provas dos processos seletivos; orientação quanto à confecção de artefatos digitais acessíveis; e capacitações na área.

Em relação às questões ligadas à Tecnologia Assistiva, as ações incluem avaliação do estudante com deficiência quanto à necessidade de recurso de TA; realização de testes de uso de recursos de TA com o estudante, acompanhamento do uso de recurso de TA pelo estudante; orientação quanto à aquisição de TA; realização de adaptação em recursos existentes; confecção de recursos de TA de baixo custo; e capacitação na área¹⁴.

As ações afirmativas sempre ocuparam um lugar de relevância no IFRS que, atualmente, possui uma Assessoria de Ações Afirmativas, Inclusivas e Diversidade. Na figura 5, é apresentada a linha do tempo das Ações Afirmativas do IFRS.

¹⁴ Disponível em: <https://cta.ifrs.edu.br/institucional/sobre/>.

Figura 5 - Linha do tempo das Ações Afirmativas IFRS, páginas 1 e 2



Fonte: Retirada do *site* do IFRS.¹⁵

De acordo com Araújo e Laguna (2018), a integração dos professores de Libras ao quadro de servidores do IFRS ocorreu a partir de 2011, coincidindo com a entrada de Surdos na instituição. Isso gerou a necessidade de profissionais Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais/Português (TILSP) em diversos espaços institucionais.

Com o intuito de fortalecer a acessibilidade para os Surdos no IFRS, o Grupo de Trabalho da Acessibilidade para Surdos (GT) foi criado em 2013, conforme estabelecido pela Portaria nº 528. O grupo consistia, no princípio, em cinco

¹⁵ Disponível em:

<https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2023/03/Linha-do-Tempo-das-Acoes-Afirmativas-no-IFRS.pdf>.

membros, incluindo duas professoras de Libras Surdas, uma professora com conhecimentos na área de Libras e duas representantes das Ações Afirmativas da Reitoria. Com o tempo, a equipe cresceu com a adição de novos servidores, compreendendo todos aqueles que atuavam no contexto da língua de sinais.

No IFRS, a contratação de TILSP ocorreu, inicialmente, por meio de Regime de Prestação de Serviços Autônomos (RPA), devido à ausência de concursos específicos para o cargo de TILSP. Isso permitiu que a contratação desses profissionais, quando necessária, fosse exclusivamente para as atividades específicas da instituição.

Entretanto, em 2014, o primeiro concurso público para TILSP efetivo do IFRS foi realizado. Esse concurso abriu quatro vagas para o cargo de Tradutor e Intérprete de Linguagem de Sinais, nível D, nos campi de Ibirubá, Osório, Porto Alegre e Restinga. Importante destacar que, até o presente momento desta pesquisa, esse foi o único concurso realizado para a contratação de tradutores efetivos no quadro de servidores do IFRS.

A partir desse concurso, uma intérprete foi transferida de Rio Grande para Porto Alegre e o campus Alvorada convocou o segundo colocado, aprovado no concurso do campus Porto Alegre. Atualmente, o IFRS conta com seis Tradutores e Intérpretes de Linguagem de Sinais (TILSP) efetivos.

No ano de 2017, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) realizou um processo seletivo temporário para preenchimento de onze vagas no cargo de Técnico Especializado em Linguagem de Sinais, conforme Edital N° 48 datado de 27 de julho de 2017. Os candidatos aprovados foram alocados nos campi Alvorada, Canoas, Caxias do Sul, Erechim, Ibirubá, Osório, Porto Alegre e Restinga. O campus Porto Alegre, em particular, preencheu quatro vagas. A entrada desses profissionais no quadro de servidores marcou o início de diversas iniciativas, visando a inclusão e a permanência de estudantes Surdos no IFRS.

Para fortalecer essas ações, após a admissão dos profissionais TILSP e de professoras da área de Tradução em Libras, o Grupo de Trabalho passou a ser denominado como Comissão de Estudos Surdos (CES), conforme estabelecido pela Portaria n° 1342 de 05 de julho de 2016. Essa comissão é composta por

representantes (titulares e suplentes) dos professores de Libras, professores de Tradução e Interpretação, tradutores e intérpretes de Libras, além da Assessoria de Ações Afirmativas, Inclusivas e Diversidade da Reitoria.

As atividades desempenhadas pelos TILSP do IFRS, no início, estavam centradas na interpretação em sala de aula, atendendo os professores de Libras e os alunos Surdos. Com o passar dos anos, a função desses profissionais se expandiu para interpretação em eventos, tradução de documentos institucionais, participação em processos seletivos e desenvolvimento de outras ações voltadas para a promoção da acessibilidade em Libras nos diversos campi da instituição.

Essa trajetória culminou na realização dessa pesquisa, que tem como foco a tradução dos cursos MOOCs.

3.2 A PANDEMIA E A ATUAÇÃO DOS TILSPs DO IFRS NOS CURSOS MOOCs

Neste segmento, será apresentada a exposição do processo de construção das traduções utilizadas nos cursos MOOCs. Importa destacar que a exposição e o processo descritos aqui são fundamentados nos conhecimentos, na experiência e na perspectiva da pesquisadora, que atuou na posição de coordenadora do projeto de tradução dos MOOCs durante o período da pandemia.

Essa descrição é considerada de extrema relevância para que o leitor compreenda os contextos de produção das traduções para os cursos MOOCs. Salienta-se que, conforme será detalhado a seguir, o objeto de análise das seções posteriores serão os discursos produzidos pelos tradutores a partir da extraposição na autoconfrontação.

A pandemia da COVID-19 desencadeou uma reconfiguração significativa na realidade institucional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), culminando na suspensão das atividades letivas, acadêmicas e administrativas. A primeira medida de suspensão, registrada pela Portaria nº 281 datada de 13 de março de 2020, temporariamente interrompeu as atividades letivas em todos os campi do IFRS. Posteriormente, outras portarias de suspensão sucederam-se, proporcionando o ambiente oportuno para a acessibilização dos cursos MOOCs, uma demanda antiga da instituição.

A inclusão sempre representou um valor fundamental para o IFRS, refletido na existência da Assessoria de Ações Afirmativas, Inclusivas e Diversidade, diretamente vinculada à Pró-Reitoria de Ensino e da CES - Comissão de Estudos Surdos, criada mediante a Portaria nº 613 de 17 de outubro de 2019. A CES é composta tanto por representantes titulares quanto suplentes, abrangendo professores de Libras, professores de Tradução e Interpretação, tradutores e intérpretes de Libras, assim como membros da Assessoria de Ações Afirmativas, Inclusivas e Diversidade da Reitoria.

Desde o início da pandemia, a CES mobilizou-se vigorosamente para garantir a acessibilidade de comunicação e informação aos estudantes e servidores Surdos em diversas esferas da instituição. Essa iniciativa, coordenada por um dos membros da comissão, resultou na proposta de tornar acessível os cursos MOOCs do IFRS.

A ação ganhou relevância à medida em que surgiu a necessidade de capacitar os servidores do IFRS para o trabalho remoto. À época, os cursos MOOCs oferecidos pelo IFRS estavam dotados exclusivamente da ferramenta VLibras, que empregava a tradução automática por meio de um avatar.

A suite VLibras, lançada em 2016, representa uma plataforma de código aberto voltada para a comunidade surda, usuária da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Seu principal objetivo reside na tradução de textos, áudio e vídeo do português para a Libras, com versões disponíveis para computadores, *plugins* de navegadores e dispositivos móveis.

Autores como Ayala e Santos (2019), Goes (2019) e Filho (2022) têm empreendido estudos relacionados à acessibilidade na *web* e ao uso de *softwares* e aplicativos de tradução do português para a Libras em *sites* e portais eletrônicos, contribuindo para o debate e aprimoramento das práticas de acessibilidade.

Ayala e Santos (2019) destacam a importância e a necessidade de estudos mais aprofundados, com destaque para uma avaliação por parte da comunidade surda, principal público-alvo dessa tecnologia. Segundo eles,

[...] foi possível identificar que os *softwares* de tradução são contribuições sociais e tecnológicas que colaboram em muitos aspectos com a vida diária das pessoas com surdez, porém são apenas conjecturas, ainda se faz necessário reflexões mais profundas e, principalmente, que a própria comunidade surda avalie, opine e contribua para esse cenário tecnológico inclusivo que vem sendo criado (Ayala; Santos, 2019, p. 111).

Porém, segundo um estudo realizado por Filho (2022), com base nas análises do conjunto de aplicativos examinados, o VLibras destacou-se negativamente ao revelar um alto número de falhas na tradução. No estudo promovido por Filho (2022),

[...] observou-se que o aplicativo VLibras, embora menos assertivo, é o mais utilizado em instituições públicas e privadas, estando presente na maioria das plataformas de educação à distância dos institutos federais e *sites* governamentais, bem como em *sites* privados. Parte dessa opção pelo VLibras pode estar relacionada ao fato de que a integração ao *site* das plataformas de EaD desse aplicativo ocorre de forma gratuita [...] (Filho, 2022, p. 112).

Filho (2022), além de admitir que mais pesquisas sejam necessárias neste campo, ainda ratifica que

É importante que os aplicativos consigam não somente traduzir as palavras de forma correta, mas também realizar uma tradução coerente com o contexto apresentado, respeitando as especificidades linguísticas da Libras, sobretudo quando utilizados como ferramenta de acessibilidade por Surdos em ambientes de educação à distância, visto que falhas de tradução podem trazer prejuízos em um ambiente de aprendizagem, prejudicando a compreensão da matéria estudada em função de erros de tradução (Filho, 2022, p.113).

Já o estudo realizado por Goes (2019) salientou como a tradução inadequada feita por aplicativos em um ambiente de ensino à distância prejudica a compreensão da informação e, por conseguinte, o processo de aprendizagem dos estudantes. Segundo Goes (2019),

[...] os Surdos apontam falta de compreensão linguística da informação que está sendo sinalizada [por um avatar], ou seja, há uma convergência nesse sentido do que foi encontrado aqui nesta pesquisa com outras investigações: o avatar não contempla totalmente uma boa tradução para a compreensão da Libras pela comunidade surda (Goes, 2019, p. 165, inserção nossa).

Apesar da adoção da ferramenta de forma institucional nos cursos MOOCs, no próprio *site* do VLibras é apresentada uma diretriz explícita que desaconselha o uso dessa ferramenta como substituta em contextos de ensino. A orientação, conforme documentada no *site*, é a seguinte: “O VLibras não deve ser empregado como substituto de intérprete humano e sua utilização em cursos, aulas, seminários, audiências, campanhas eleitorais, produções audiovisuais, anúncios publicitários ou

situações similares, seja na *internet*, televisão ou presencialmente, não é recomendada” (VLibras, 2023).

A iniciativa de tradução dos cursos MOOCs teve origem em uma solicitação da Coordenadoria de Educação à Distância (CEaD) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), por meio de um *e-mail* datado de 2 de abril de 2020, na qual buscava-se assistência para tornar os MOOCs acessíveis em Libras. Diante da suspensão das atividades acadêmicas, foi instituída uma força-tarefa composta por vinte e quatro Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILSPs), que trabalharam simultaneamente na tradução dos cursos, juntamente com dez professores de Libras e Tradução, encarregados de revisar as traduções, coordenados por uma professora de Tradução. Ao todo, dezenove cursos foram iniciados como resultado deste esforço, com alguns ainda em andamento.

Antes da suspensão do calendário letivo, os Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILSP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) estavam, em sua maioria, envolvidos em atividades presenciais, incluindo a interpretação direta nas salas de aula, prestando suporte aos alunos e professores Surdos. No entanto, com a suspensão das atividades presenciais, eles enfrentaram o desafio de se envolver em uma nova tarefa para a qual não estavam anteriormente preparados: a tradução, num formato inédito para a maioria deles - o trabalho em *home office*.

Esse período de transição representou um desafio significativo, uma vez que todos os envolvidos tiveram que se adaptar rapidamente a essa nova realidade imposta pelo trabalho em *home office*.

Milhões de trabalhadores e trabalhadoras tiveram suas atividades laborais impactadas e precisaram se ajustar a uma nova forma de trabalhar, a de exercer suas funções profissionais de forma remota, em *home office*. Segundo o IBGE - PNADCOVID19, em maio de 2020, eram 8.7 milhões de trabalhadores em atividade remota (Bridi *et al.*, 2020, p. 1).

Marques (2020) explica como foi sua experiência com a interpretação remota no período da pandemia. Além disso, o autor aponta os desafios e as vantagens desse trabalho e afirma que

Trabalhar como intérprete, remotamente, tem muitas vantagens como não precisar sair de casa, enfrentar trânsito e calor. Esses são alguns exemplos, a meu ver, das grandes vantagens de trabalhar em casa. Porém, conciliar família e trabalho foi um grande desafio. Há um ideal para se trabalhar com a interpretação remota e um real que, mesmo não sendo tão destoantes um do outro, são diferentes e trazem complicações durante o atendimento das demandas (Marques, 2020, p. 30).

De acordo com Marques (2020), a performance interpretativa é influenciada por fatores como ruídos externos, interferência de ambientes por familiares e o compartilhamento de espaços durante a interpretação. Portanto, a organização do ambiente em que a interpretação ocorre desempenha um papel crucial.

É importante notar que o processo de interpretação remota ou *home office*, devido à sua natureza recente, é um tema ainda não explorado em programas de formação. Essa temática não é incluída na estrutura curricular ou nos currículos das disciplinas ou nos projetos pedagógicos de cursos, seja em cursos de extensão universitária como os oferecidos pela ULBRA/RS¹⁶ ou cursos técnicos como o de Tradução e Interpretação de Libras no IFRS (onde a disciplina de Tradução e Interpretação Midiática existe, mas não aborda especificamente o trabalho remoto) ou mesmo em cursos de bacharelado em universidades como o curso de Letras/Libras da UFRGS¹⁷.

Com a suspensão do calendário acadêmico do IFRS, os profissionais, que normalmente dedicavam seu tempo aos atendimentos presenciais em salas de aula, passaram a ter disponibilidade total de tempo, o que proporcionou a oportunidade para realizar traduções e tornar os cursos MOOC na plataforma Moodle acessíveis. Nesse contexto, a implementação de meios visando garantir a acessibilidade no ambiente digital se tornou de extrema importância para o IFRS, em conformidade com o artigo 63 da Lei Brasileira de Inclusão (LBI):

É obrigatória a acessibilidade nos sítios da *internet* mantidos por empresas com sede ou representação comercial no país ou por órgãos de governo para uso da pessoa com deficiência, garantindo-lhe acesso às informações

¹⁶ Disciplinas do curso Tradutor - Intérprete de Língua de Sinais. Disponível em: <https://www.ulbra.br/canoas/acessibilidade/tradutor-intereprete-de-lingua-de-sinais>. Acesso em: 17 mar. 2023.

¹⁷ Projeto pedagógico do curso bacharelado: habilitação em Tradução e Interpretação de Libras (Libras-Português e Português-Libras). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/letraslibras/wp-content/uploads/2021/03/PPC-LL-UFRGS.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2023.

disponíveis, conforme as melhores práticas e diretrizes de acessibilidade adotadas internacionalmente (BRASIL, 2015, p. 14).

Observa-se que a prática da tradução dos cursos MOOCs, no contexto do IFRS, emergiu como resposta de uma demanda reprimida pela instituição. Essa repressão, anteriormente existente, pode ser atribuída, em parte, à falta de recursos humanos disponíveis para a execução dessa atividade. No entanto, evidencia-se que a tradução de MOOCs representa uma faceta essencial das ações de uma instituição que, efetivamente, busca ser acessível.

O desafio da demanda reprimida destaca, assim, a importância estratégica de investimentos na ampliação do corpo profissional dedicado à tradução, permitindo uma resposta mais efetiva às necessidades dos Surdos. Essas necessidades estão alinhadas à oferta de traduções acessíveis, na qual contribuem não apenas para a expansão do acesso aos cursos, mas também para a consolidação de uma política inclusiva e comprometida com a diversidade linguística na instituição de ensino. Essa acessibilidade linguística é fundamental para a inclusão plena da pessoa Surda, e a oferta de cursos traduzidos representa um meio significativo para garantir tal inclusão.

No entanto, até o momento do início da pandemia, não havia acessibilidade em Libras com tradutores humanos nos cursos MOOCs do IFRS, uma vez que a instituição, conforme mostrado anteriormente, adotava um aplicativo como ferramenta de acesso para os Surdos. Nesse contexto, os profissionais TILSPs iniciaram o trabalho *home office* de tradução em Libras de 19 cursos MOOCs na plataforma Moodle do IFRS. Os TILSPs traduziram todos os materiais (vídeos, páginas com textos, PDFs etc.) disponibilizados dentro das páginas dos cursos que possuíam carga horária de 20h a 40h.

Esta nova modalidade de trabalho imposta pela pandemia da COVID-19 mundialmente e que impactou a vida de todos, pôs à prova as competências e os conhecimentos do processo tradutório pelos TILSPs em função desse novo formato de atuação. A maioria dos tradutores e intérpretes de Libras/Português estavam habituados a atuar presencialmente em sala de aula, onde havia interação e contato direto entre as partes envolvidas, sem a necessidade de equipamentos.

Alguns TILSPs tiveram dificuldades com o formato de atuação em *home office* por não possuírem equipamentos para gravação, iluminação, dispositivos para armazenamento e até mesmo conhecimento técnico sobre como deveria acontecer a tradução, alegando que sua formação não havia dado conta desta configuração de trabalho. No entanto, os desafios ocasionados pela mudança abrupta na modalidade de trabalho e as adaptações necessárias não eram exclusivas dos TILSPs do IFRS.

A fim de continuar a garantir o acesso da comunidade surda aos diferentes contextos sociais, bem como a canais de comunicação sobre a própria pandemia, os intérpretes de Libras-Português transformaram suas residências, impelidos tanto pelas instituições em que atuam quanto pela realidade autônoma de atuação, em verdadeiros estúdios de imagem e som para permitir a interpretação de aulas, atividades artístico-culturais, reuniões, cultos religiosos e conferências de diferentes tipos (Nascimento; Nogueira, 2020, p. 3).

Os desafios enfrentados durante esse período poderiam potencialmente resultar em problemas e na diminuição da qualidade dos serviços prestados aos indivíduos Surdos. Mas, com o objetivo de aprimorar a qualidade do trabalho realizado pelos tradutores e intérpretes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), várias iniciativas de formação foram planejadas e implementadas. Durante esse processo, dicas foram compartilhadas, ideias surgiram e, à medida que as necessidades se tornavam evidentes, muitos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILSP) optaram por adquirir ou criar seus próprios equipamentos de forma caseira.

Uma informação relevante a ser destacada é a de que, quando a solicitação para a tradução dos cursos foi feita à Comissão de Estudos Surdos (CES), a pesquisadora prontamente se dispôs a coordenar os trabalhos. Tal posicionamento decorreu de sua experiência na área de formação em Tradução e Interpretação, assim como de sua participação ativa em diversos grupos de trabalho e comissões da instituição, incluindo a Comissão de Educação de Surdos (CES), o Grupo de Trabalho da Acessibilidade para Surdos (GT) e o Grupo de Trabalho de Processos Seletivos e Concursos Acessíveis para Surdos (GT). O envolvimento e a proximidade da pesquisadora com as questões de acessibilidade para a comunidade surda no âmbito do IFRS representaram uma valiosa contribuição para o desenvolvimento da atividade.

3.3 DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE TRADUÇÃO DOS CURSOS MOOCS NO PERÍODO DE PANDEMIA NO IFRS

A atividade realizada no IFRS nos cursos MOOCs é considerada neste trabalho como uma tradução, uma vez que cada tradutor e intérprete tinha acesso ao material a ser traduzido com antecedência, realizava o estudo prévio dos materiais na íntegra e desenvolvia o processo tradutório no seu tempo.

A tradução dos cursos MOOCs, realizada em *home office*, foi iniciada rapidamente, uma vez que não sabia-se exatamente por quanto tempo haveria a suspensão das atividades letivas e, conseqüentemente, para a realização dos trabalhos. A atividade principal era a tradução dos conteúdos dos cursos em diversos formatos (texto, vídeo e áudio), exclusivamente do português para a Libras. Esse modelo de curso não permite interação com o receptor do conteúdo, o que elevou o desafio relacionado à adaptação para o público-alvo, uma vez que os cursos MOOCs não exigem formação prévia e não há processo seletivo, o que possibilita a participação dos inscritos em variados níveis de formação e conhecimento.

O contexto emergente de pandemia e o início abrupto dos trabalhos dos profissionais TILSP nos cursos MOOCs fez com que surgissem diversos questionamentos sobre as formas de atuação. Junto com os desafios, vieram as adaptações e as suas realidades, abrindo, dessa maneira, novas possibilidades de investigação no âmbito dos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (ETILS).

O primeiro desafio foi selecionar quais cursos seriam acessibilizados, tendo em vista que o IFRS contava com 148 cursos ofertados naquele período. Os cursos foram selecionados com base no número de alunos Surdos matriculados. Esse levantamento foi realizado pela CEaD, que repassou a lista à coordenadora da ação, que distribuiu os cursos entre os profissionais TILSP, de acordo com as suas áreas de atuação.

Os cursos possuíam uma carga horária que variava entre 20 e 40 horas, e a distribuição para as traduções respeitou o seguinte critério: os intérpretes com carga

horária semanal de 20h, assumiram os cursos de até 25 horas; os intérpretes com carga horária de 40h semanais, assumiram os de até 40 horas.

Antes de iniciar os trabalhos, foi realizada uma reunião com todos os TILPs para as orientações gerais e apresentação da proposta. Após e durante o trabalho, a coordenadora ficou à disposição da equipe para dar suporte e esclarecer eventuais dúvidas que surgissem ao longo do trabalho.

Cada dupla ficou responsável por um curso. A proposta inicial era a de que os cursos pudessem ser acessibilizados em uma semana com a possibilidade de estender o prazo por mais tempo, caso houvesse a necessidade e desde que justificado o aumento da carga horária. Para o registro das atividades, foi elaborado o documento *Planejamento de trabalho remoto dos cursos do Moodle do IFRS*¹⁸, que consistiu em um plano de trabalho da atividade de tradução do curso com as informações dos TILSPs, período da atividade, informações do curso e as atividades organizadas e divididas ao longo da semana, de acordo com a carga horária de trabalho e turno de cada profissional.

Quanto ao tempo destinado para a tradução dos materiais, não havia uma métrica. Dessa maneira, no primeiro momento, os cursos com carga horária de 20 horas teriam 40 horas de trabalho destinadas à tradução. Como o trabalho era realizado em dupla para essa carga horária, cada intérprete traduziria 10 horas de conteúdo do curso. Da mesma forma, um curso de 40 horas teria 80 horas de tradução destinadas a ele, ou seja, cada intérprete ficaria responsável por 20 horas de curso, reservando 40 horas da sua carga horária de trabalho para a tradução.

Outra orientação importante para a qualidade do trabalho era que o curso fosse dividido em duas partes, com a quantidade de conteúdos aproximados, na qual um intérprete da dupla iria ficar com a primeira parte e o outro profissional com a segunda. Ambos deveriam fazer as combinações necessárias dos sinais específicos e poderiam apoiar-se nas dúvidas, sempre de forma remota.

Com o início dos trabalhos, novas necessidades foram sendo detectadas e novas ações foram sendo implementadas. A maioria da equipe de intérpretes estava habituada a atuar em sala de aula com experiência em interpretação, porém, não em tradução. Muitos começaram a relatar dificuldades em realizar a atividade.

¹⁸ Exemplo do Planejamento de trabalho remoto dos cursos do Moodle do IFRS no Anexo C.

Desta forma, a fim de capacitar os profissionais que possuíam níveis de formação e tempo de experiência variados, foi elaborado um projeto de ensino intitulado *I Seminário On-line de Linguística e Estudos da Tradução*, com o objetivo de auxiliá-los a compreender melhor o processo tradutório do português para a Libras. A formação foi ministrada por convidados internos e externos à instituição, mestres e doutores com pesquisas em Linguística, Estudos da Tradução e Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (TALS). Infelizmente, nem todos os profissionais puderam fazer parte dessa experiência; entretanto, os que participaram tiveram a oportunidade de ressignificar e aprimorar seus conhecimentos, refletindo diretamente em suas práticas.

Vale ressaltar que todo o trabalho realizado foi em *home office*. Os profissionais realizaram as gravações de suas residências, com os equipamentos que tinham à disposição. Alguns TILSP tinham apenas o celular para realizar as gravações, muitos não possuíam paredes brancas ou neutras em casa nem iluminação adequada e espaço de armazenamento para as gravações suficientes.

Ao longo do desenvolvimento dos trabalhos, novas necessidades foram trazidas, o que proporcionou um aprimoramento do processo: elaborou-se um modelo de *Roteiro de Edição*¹⁹, no qual o TILSP deveria colocar as informações a serem incluídas no vídeo em Libras de forma detalhada como, por exemplo, a necessidade da inserção de legenda, imagem ou alguma outra observação relevante para que o editor pudesse realizar a edição com o maior número de indicações possíveis. Esse documento foi necessário para que a ação fosse padronizada.

Alguns tutoriais também foram criados para auxiliar os profissionais TILSP como, por exemplo, de que maneira realizar o *upload* dos vídeos do celular ou computador para o *Google Drive*, ferramenta que foi escolhida para o armazenamento dos vídeos; ou como criar pastas e cópias de documentos no *Google Drive*. Sugestões de programas de gravação como o *OBS Stúdio* também foram compartilhadas.

Quando os vídeos chegaram para a revisão, percebeu-se uma grande diversidade na forma de trabalho dos TILSPs e, conseqüentemente, nos materiais recebidos, tais como vídeos na vertical, gravados de ângulos distintos (de cima para

¹⁹ Modelo do Roteiro de Edição no Anexo D.

baixo ou de baixo para cima). Neste momento, percebeu-se a importância de um vídeo teste para que a estética das gravações pudessem ser analisadas e as correções feitas antes das versões finais dos vídeos. É importante salientar que as formações continuavam sendo fornecidas enquanto os trabalhos seguiam sendo desenvolvidos. A essas formações, íamos adicionando assuntos que fossem ao encontro das necessidades percebidas. Ao longo do desenvolvimento dos trabalhos, *e-mails* com novas orientações eram enviados às equipes que estavam executando as traduções.

Quando os cursos começaram a ser finalizados, um formulário de avaliação²⁰ do trabalho desenvolvido foi enviado para os TILSPs para ser respondido de forma anônima. Doze respostas foram recebidas, o que possibilitou conhecer melhor o perfil dos profissionais envolvidos na atividade, além do nível, tempo de formação, tipo de contratação (servidores efetivos, temporários ou terceirizados - contratados via CLT), os principais desafios, etc.

Segundo os dados obtidos por meio da aplicação do formulário, a maioria dos profissionais possuía pós-graduação em Tradução e Interpretação em Libras, seguido de curso de extensão em Tradução e Técnico em Tradução. Uma pessoa possuía curso de extensão e técnico em Tradução e uma outra tinha graduação em Letras com habilitação em Tradução em Libras.

No que se refere ao tempo de atuação na área, apenas três pessoas possuíam três anos ou menos de formação, e três atuavam há mais de oito anos na área da tradução. Questionamos também o conhecimento que os profissionais tinham sobre o Moodle, uma vez que o acesso aos materiais a serem interpretados era por meio da plataforma, e apenas uma pessoa não conhecia.

Visto que o trabalho foi desenvolvido em *home office*, foi perguntado aos participantes quais foram os desafios e as limitações encontradas durante a realização das atividades. Apenas uma pessoa mencionou não ter tido nenhuma dificuldade, porém, a maioria relatou não ter estrutura física e tecnologia adequadas para a realização do trabalho. Alguns mencionaram que possuíam filhos ou pessoas na residência que dependiam de auxílio. Além disso, outras limitações citadas foram a falta do apoio presencial de colegas intérpretes e de sinais específicos, assim

²⁰ Anexo E – Formulário de avaliação da atividade de tradução dos cursos MOOCs.

como dificuldades com a filmagem. Na parte mais técnica do trabalho, foram citadas a falta de suporte e a limitação dos recursos próprios como *internet* para *upload*, etc.

Com o intuito de auxiliar os profissionais na realização das atividades, foi criado um grupo no *WhatsApp* intitulado *Sinalário IFRS* para trocas, pesquisa de sinais e apoio aos colegas. O curto prazo e métrica de tempo estipulado para a entrega do material também foi mencionado, bem como questões pessoais como insegurança e desconhecimento da atividade.

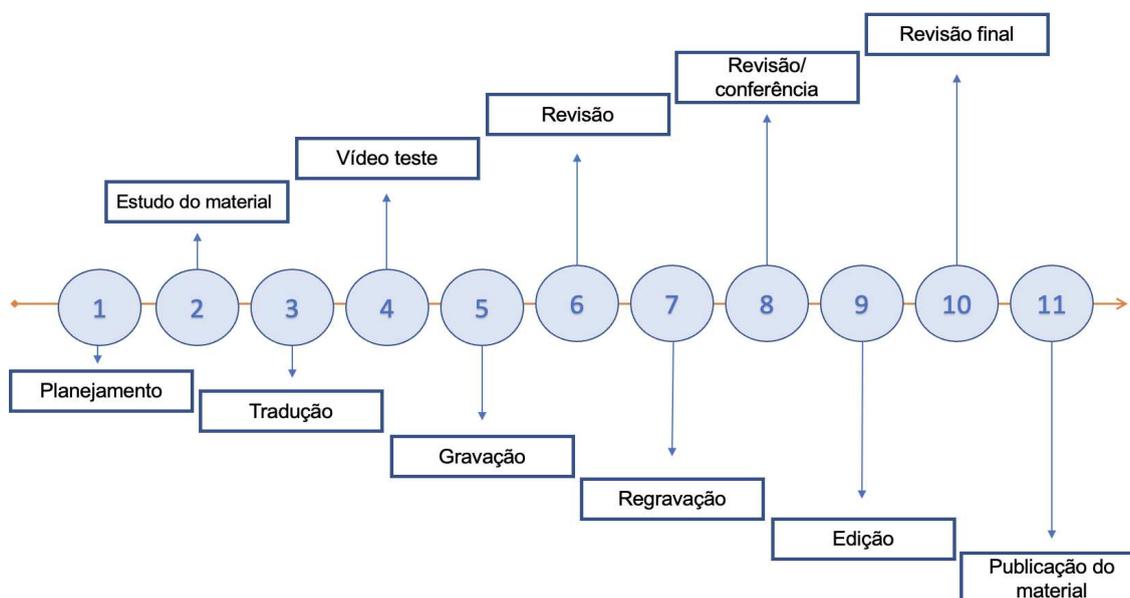
A maioria dos profissionais utilizaram os materiais que já dispunham em suas casas, alguns compraram *chromakey*, tripé, *ring light* e suporte para o celular. Outros improvisaram ou pediram equipamentos emprestados.

Como o foco desta pesquisa são as traduções realizadas em *home office* no período pandêmico, é relevante mencionarmos a evolução significativa da tecnologia, que permitiu que as traduções em Libras dos cursos MOOCs fossem possíveis. Segundo Olsen (2012), podemos aliar a tecnologia a nosso favor, moldando-as para nosso próprio benefício. A maioria dos profissionais do IFRS precisou adaptar seus ambientes domiciliares com recursos tecnológicos como câmeras, computadores, celulares, programas de edição, fundo verde e iluminação. Aliados, esses elementos favorecem a performance do intérprete em sua atuação, e foi exatamente esse arcabouço tecnológico que permitiu que, mesmo no período pandêmico da COVID-19, fosse possível fornecer acessibilidade nos cursos MOOCs do IFRS na plataforma Moodle.

3.4 ETAPAS DE TRADUÇÃO DOS MATERIAIS DOS CURSOS MOOCs

No decorrer do processo de tradução dos cursos MOOCs, foi recomendada aos tradutores e intérpretes de Libras a seguinte metodologia para a tradução dos vídeos, composta por onze etapas, conforme ilustrado na figura a seguir:

Figura 6 - Etapas do processo de tradução dos cursos MOOCs do IFRS



Fonte: Elaborado pela autora.

A primeira etapa era a do *planejamento*, que começou com o preenchimento do documento *Planejamento de trabalho remoto dos cursos do Moodle do IFRS*. Para que este documento fosse preenchido, o profissional necessitava acessar o curso e navegar por todos os seus módulos, conhecendo sua estrutura e verificando os tipos de materiais inseridos nele (textos em PDFs, áudios, vídeos, *links* externos) para poder realizar a divisão do curso em duas partes, organizar seus conteúdos e separá-los ao longo da semana, de acordo com a sua carga horária de trabalho e turno. Durante o planejamento, era possível ter um panorama geral do trabalho que seria realizado e organizar as atividades de acordo com cada etapa do processo.

A segunda etapa era a do *estudo do material*, que consistiu em analisar o material a ser traduzido para que fossem iniciadas as reflexões sobre o trabalho de tradução que seria desenvolvido.

A partir desta análise geral (tipo de material, tempo do vídeo, tema, informações adicionais que pudessem estar na página onde os materiais seriam hospedados), deu-se início ao estudo do conteúdo do material. Aqui iniciou a preparação para o começo da tradução. Neste momento, o profissional deveria pensar em como pretendia executar o processo de tradução. Além disso, era nesse ponto que dava-se início ao estudo do material na língua-fonte, onde o tradutor iria iniciar a construção do sentido do texto a ser traduzido posteriormente.

A partir desse estudo, de acordo com o tipo de material, era pensada a divisão para tradução. Esse material poderia ser fragmentado em textos menores, em parágrafos ou frases; poderia haver a construção de glosas ou gravações de áudios para a sinalização posterior. A partir dessa familiaridade com o material, eram estudadas as melhores estratégias tradutórias que seriam implementadas na etapa de gravação. Aqui também eram realizadas as pesquisas linguísticas, semânticas e terminológicas necessárias, que depois eram utilizadas na tradução para a língua-alvo, processo que podia permanecer até o fim do trabalho. Ainda, nessa etapa, era iniciado o processo de preenchimento do Roteiro de Edição, que podia ser completado e finalizado antes e durante a etapa de tradução.

Já a *tradução*, ocorre quando o processo de translação, ou seja, de verter o conteúdo de uma língua à outra (Rodrigues e Beer, 2015) acontece de fato. É nesta fase que o produto na língua-alvo começa a tomar forma. Aqui, nesta terceira etapa, iniciou-se o processo de concretização da etapa anterior, quando as ideias tomaram forma e se efetivaram, assim como a sinalização dos testes das possibilidades tradutórias da língua-fonte para a língua-alvo.

As anotações, gravações dos áudios, materiais de apoio (grafia de palavras complexas, dicas de sinalização, lembretes de posição) foram elaborados e fixados próximos à câmera para auxílio durante a gravação e, nesse momento, foi organizado e finalizado o Roteiro de Edição. As expressões traduzidas e que demandaram o uso de datilografia foram marcadas mostrando a necessidade da inserção de legenda, bem como a inclusão de imagens ou fórmulas ao longo do vídeo. Além disso, os recortes necessários nos vídeos também foram informados no Roteiro de Edição.

Após a etapa de tradução, foi realizado um *vídeo teste* devido a questões técnicas como o enquadramento e o posicionamento da câmera, a fim de evitar a regravação. A imagem abaixo mostra o teste que foi sugerido para ser feito em frente à câmera, para que houvesse o enquadramento adequado. Depois de finalizado, o vídeo era enviado ao revisor ou à coordenadora do projeto para verificar se estava adequado.

Figura 7 - Padrão de enquadramento IFRS



Fonte: Elaborado pela autora.

A quinta etapa, *gravação*, ocorria quando havia o registro formal e quase finalizado com a execução das etapas cunhadas anteriormente. Nesse momento, o tradutor devia estar com a vestimenta acordada (camiseta preta ou lisa, de acordo com o tom da pele), sem acessórios (brincos grandes, pulseiras, colares), com maquiagem (foi sugerido o uso de pó compacto para amenizar o reflexo da oleosidade da pele na câmera) e cabelos alinhados (preferencialmente presos).

Isto posto, aqui será colocado em prática oficialmente tudo o que foi idealizado durante as etapas de planejamento, estudo e tradução.

Segundo Pyfers (1999), melhores resultados podem ser alcançados nas filmagens quando o próprio tradutor sistematiza seu material para a gravação. Por isso, é de extrema importância que o mesmo profissional que fará a gravação elabore todos os processos anteriores.

É importante observar também o período entre as etapas de estudo, tradução e gravação para que não seja extenso, a fim de manter a linha lógica idealizada pelo tradutor, evitando, assim, esquecimentos ou perdas de informações ao longo do caminho. Logo, quanto mais curto for o período entre as etapas, melhor será para o tradutor lembrar suas escolhas tradutórias. Além disso, também é importante manter todos os equipamentos no mesmo local em que estavam durante o vídeo teste, para garantir que tudo esteja de acordo com o enquadramento.

Após a etapa de gravação, o material era armazenado e compartilhado com o revisor destinado em uma pasta com o nome do curso no *Google Drive*. O

documento Roteiro de Edição era adicionado na mesma pasta e um *e-mail* enviado ao revisor informando o término da filmagem, com as informações necessárias sobre a parte gravada e o *link* de acesso ao arquivo.

A *revisão*, sexta etapa, realizada por uma equipe de onze profissionais professores de Libras e Tradução, consistiu em conferir a estética do material e as questões linguísticas que poderiam comprometer o texto-alvo e que não eram percebidas durante a filmagem, caso fosse necessário realizar a regravação.

Pyfers (1999) menciona a importância da presença de Surdos na equipe que realizará o processo de tradução. A autora fala sobre a escassez de profissionais Surdos com formação na área e reitera a importância da oferta de treinamento para que eles possam atuar junto com os ouvintes, contribuindo com a qualidade do material a ser publicado. Devido ao número de professores Surdos do IFRS, eles atuaram juntamente com os professores de Tradução durante a etapa de revisão. Nessa parte, era verificado se a tradução do texto de chegada estava de acordo com o texto de partida e, caso houvesse alguma questão, o tradutor era informado por *e-mail* e deveria realizar a regravação.

A *regravação* consistiu em gravar novamente os materiais solicitados pelo revisor que contivessem erros ou equívocos. Dependendo da indicação, poderiam ser regravados desde trechos até materiais completos. Para a regravação, deviam ser observados os mesmos critérios do texto gravado, assim como a vestimenta e o cabelo, que deveriam estar da mesma forma, principalmente quando fossem regravados somente alguns trechos de materiais. Após isso, era realizada a revisão e a conferência do material regravado. Se estivesse tudo de acordo, o material era enviado para a próxima etapa, a edição.

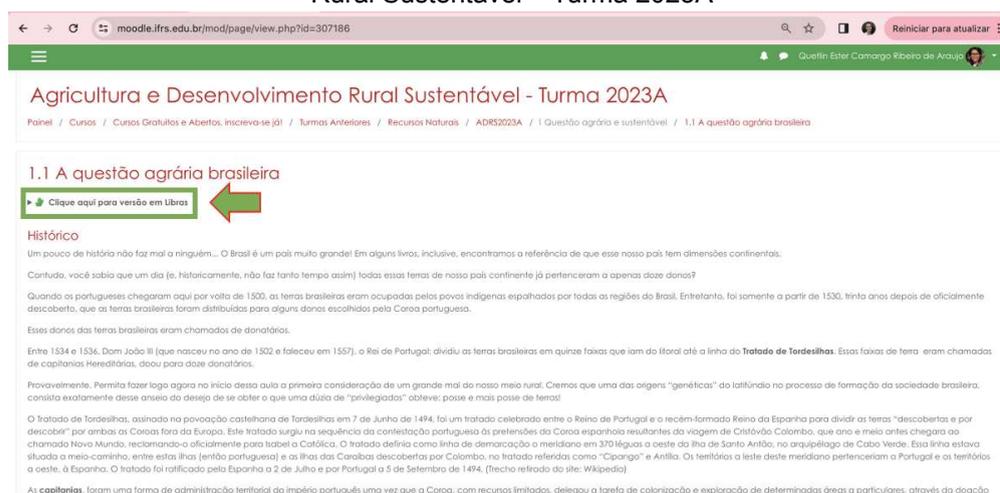
A *edição* dos vídeos, que ocorria após o processo de revisão e conferência, era realizada pela equipe da CEaD, a solicitante. O processo de edição era executado de acordo com as informações e as orientações contidas no Roteiro de Edição, enviado na pasta junto ao material. O Roteiro de Edição era necessário para que a edição das gravações fosse realizada da forma correta e para que as legendas, imagens e demais informações fossem inseridas nos locais indicados, a fim de que a informação chegasse ao usuário de forma clara.

Após essa etapa, realizou-se uma revisão final para garantir que os vídeos estivessem correspondendo aos textos corretos e as inserções de legenda, imagens, recortes, entre outros, tivessem sido feitas nos locais apropriados.

No projeto de tradução dos cursos MOOCs durante a pandemia, a revisão final não foi concluída. Isso ocorreu porque, nesse período, o IFRS retomou as atividades do calendário acadêmico e, devido à falta de disponibilidade de carga horária por parte dos revisores, tornou-se inviável a realização dessa etapa do processo. Dessa forma, após a edição, o material foi publicado no Moodle do IFRS e incorporado aos cursos correspondentes.

A última etapa do processo consistiu na *publicação do material*. Nas figuras 8 e 9, podemos ver como o material foi publicado, com a disposição da tradução dentro do curso. Quando o material traduzido era em texto, o vídeo em Libras era disponibilizado em formato de *link* acima do texto, com o símbolo de duas mãos em verde, com a frase “*Clique aqui para versão em Libras*”, como mostra a figura 8. Quando o *link* era acionado, abria uma caixa de vídeo em Libras do material traduzido, apresentada na figura 9. Os vídeos foram hospedados no *YouTube*, no canal da CEaD.

Figura 8 - *Link* da tradução em Libras de texto inserido no curso de Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável – Turma 2023A



Fonte: Curso no Moodle do IFRS²¹

²¹ Disponível em: <https://moodle.ifrs.edu.br/mod/page/view.php?id=307186>.

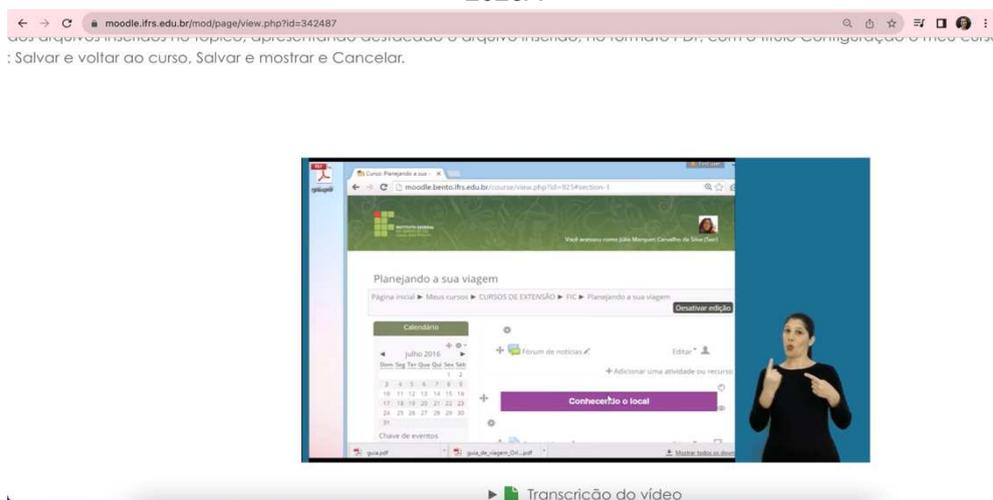
Figura 9 - Janela com a tradução em Libras no curso de Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável –Turma 2023A



Fonte: Curso no Moodle do IFRS

Quando tratava-se de materiais de vídeo traduzidos, duas alternativas se apresentavam para incorporar a tradução em Libras: no caso em que o vídeo fosse de propriedade do IFRS ou de instituições parceiras, inclusive algumas externas, procedia-se à obtenção de autorização para incorporar a janela de Libras²² diretamente no vídeo. Dessa forma, a tradução era integrada ao vídeo original, como ilustra a figura 10.

Figura 10 - Janela de Libras inserida no vídeo do curso Moodle Básico para Professores - Turma 2023A



Fonte: Curso no Moodle do IFRS - Moodle Básico para Professores - Turma 2023A.²³

²² Usaremos a terminologia *janela de Libras*, tal como na legislação brasileira, para indicar o espaço destinado à exibição da tradução feita por um TILSP, em que o conteúdo de uma produção audiovisual é traduzido num quadro reservado, preferencialmente, no canto inferior esquerdo da tela.

²³ Disponível em: <https://moodle.ifrs.edu.br/mod/page/view.php?id=291536&forceview=1>.

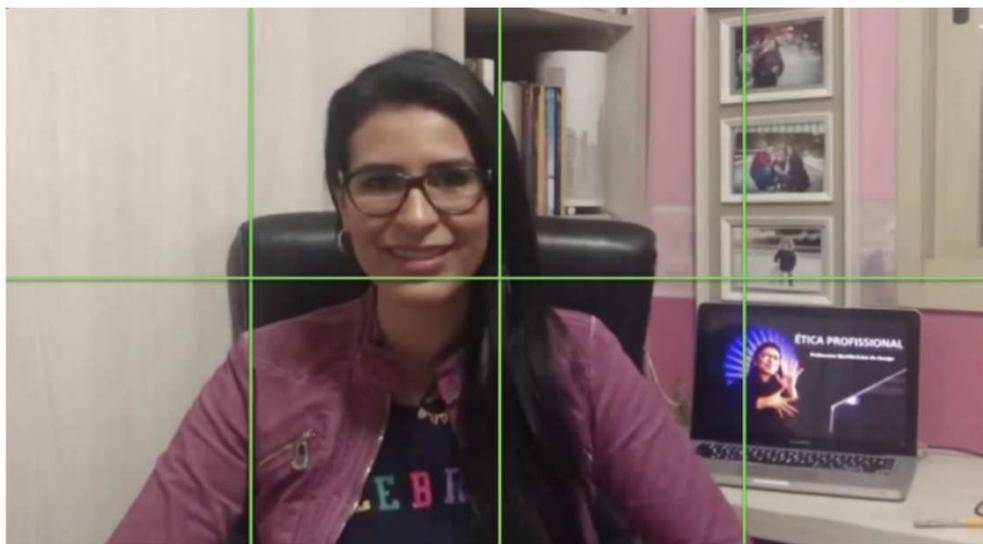
Para a edição da janela de Libras, atualmente, é aplicada a norma de acessibilidade na televisão NBR 15.290, estabelecida pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Esta norma aborda diretrizes relacionadas à captação e edição do TLSP no contexto televisivo, com o propósito de estabelecer regras gerais para a promoção da acessibilidade na comunicação televisiva.

No que diz respeito à janela de Libras, a norma contempla especificações referentes ao ambiente de gravação, iluminação, posicionamento da câmera e plano de fundo. Quanto ao recorte ou *wipe* da imagem do TLSP, a norma prevê o seguinte:

- a) a altura da janela deve ser no mínimo metade da altura da tela do televisor;
- b) a largura da janela deve ocupar no mínimo a quarta parte da largura da tela do televisor;
- c) sempre que possível, o recorte deve estar localizado de modo a não ser encoberto pela tarja preta da legenda oculta;
- d) quando houver necessidade de deslocamento do recorte na tela do televisor, deve haver continuidade na imagem da janela (ABNT, 2005, p. 9).

O parâmetro descrito acima para inserção e edição da janela de Libras deve seguir a seguinte divisão espacial:

Figura 11 - Divisão espacial da tela, conforme ABNT 15.290 para inserção da janela de Libras

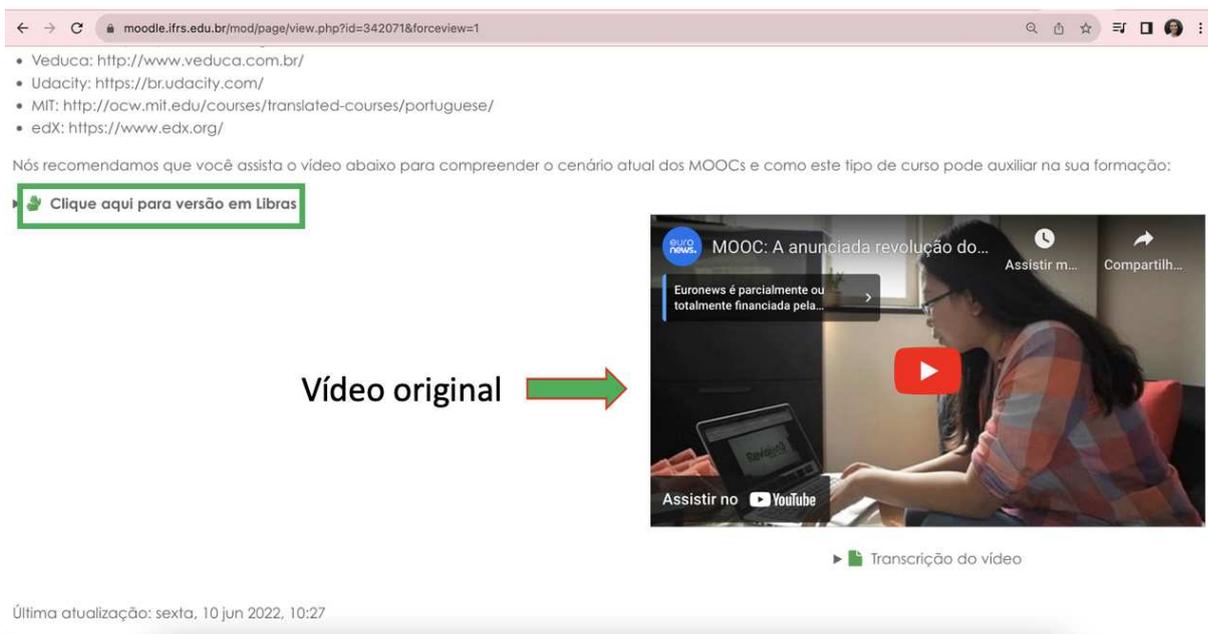


Fonte: Elaborado pela autora.

No caso de vídeos produzidos por terceiros, em que a autorização para inserir a janela de Libras não estava disponível devido à propriedade intelectual, a tradução

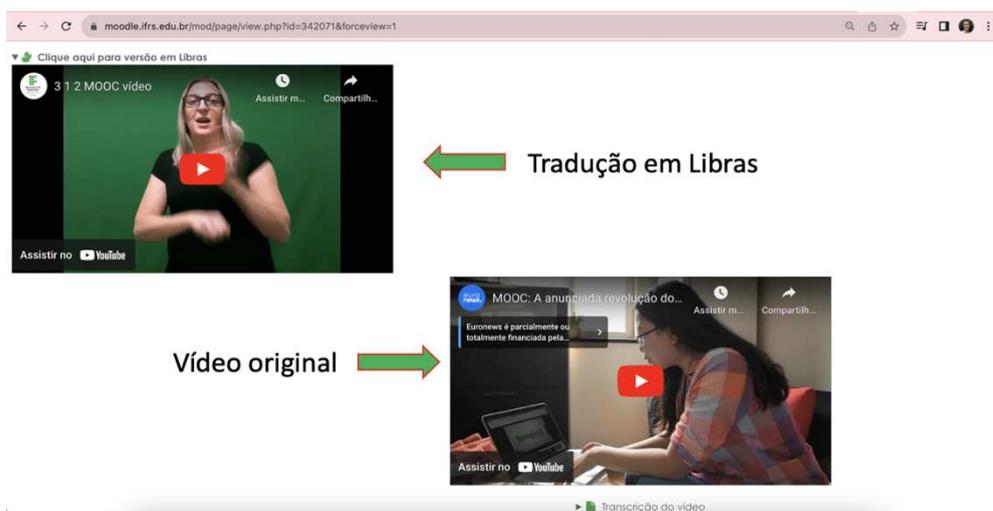
era incorporada à página por meio de um *hiperlink*, posicionado acima do vídeo original. Ao clicar nesse *link*, uma janela contendo a tradução em Libras era aberta, conforme exemplificado nas figuras 12 e 13.

Figura 12 - *Link* da tradução em Libras de vídeo inserido no curso Abordagens Pedagógicas Modernas na Educação à Distância - Turma 2023A



Fonte: Curso no Moodle do IFRS.²⁴

Figura 13 - Janela com a tradução em Libras de vídeo inserido no curso Abordagens Pedagógicas Modernas na Educação à Distância - Turma 2023A



Fonte: Curso no Moodle do IFRS.²⁵

²⁴ Disponível em: <https://moodle.ifrs.edu.br/mod/page/view.php?id=291152&forceview=1>.

²⁵ Disponível em: <https://moodle.ifrs.edu.br/mod/page/view.php?id=291152&forceview=1>.

Com o objetivo de orientar sobre o fluxo de tradução em Libras dos materiais dos cursos MOOCs do IFRS, foi instituída a Instrução Normativa nº 09, de 27 de agosto de 2021²⁶, da Pró-reitoria de Ensino (PROEN), que dispõe das possibilidades de inserções da janela de Libras.

Ao todo, foram iniciados dezenove cursos na fase de tradução com a participação de vinte e quatro Tradutores e Intérpretes de Libras/Língua Portuguesa (TILSP), além de onze revisores que eram professores de Libras e de Tradução.

A partir do próximo capítulo, será apresentada a metodologia da pesquisa, elucidando os procedimentos adotados para a descrição e para a transcrição do *corpus*. Em seguida, haverá o avanço para a construção da análise, focando nos discursos produzidos pelos tradutores durante as sessões de autoconfrontação.

²⁶ Instrução Normativa disponível em:
<https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2021/08/IN-09-Dispoe-o-fluxo-de-traducao-em-Libras-de-videos-e-audios-de-cursos-online-abertos-massivos-do-IFRS.-1.pdf>.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa é de abordagem qualitativa do tipo exploratório-descritivo cuja centralidade do estudo está no aprofundamento da compreensão de significações e relações humanas, e não na análise de dados quantitativos (MINAYO, 2001).

A pesquisa foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEPESH da UFSC (CAAE nº 64510522.00000.0121), com parecer consubstanciado favorável.²⁷ O CEPESH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à UFSC, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. A pesquisadora comprometeu-se em atuar de acordo com o que preconiza a Resolução 466/2012 e a Resolução 510/2016 do CNS, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa e da pesquisa na Educação e nas Ciências Humanas.

Neste trabalho, será tratado das relações dialógicas estabelecidas entre os tradutores de Libras que atuaram nos cursos MOOCs com os produtos que foram por eles produzidos e publicados na plataforma Moodle por meio do dispositivo da autoconfrontação.

Buscou-se identificar as realidades imbricadas na atuação de tradutores de Libras na tradução dos cursos MOOCs, durante o período da pandemia da COVID-19, e tem-se como objetivos específicos da pesquisa (i) analisar os discursos dos tradutores sobre o processo de tradução dos cursos MOOCs; (ii) descrever quais adaptações foram necessárias para as atuações em *home office*; (iii) analisar as metodologias de trabalho adotadas no processo de tradução; (iv) investigar se houve lacunas na atuação que possam ser resolvidas por meio de formação, a fim de tornar a tradução em *home office* mais qualificada.

A fim de alcançar os objetivos apontados acima para a construção do *corpus*,²⁸ participaram da pesquisa três tradutores e intérpretes do IFRS que

²⁷ Parecer Consubstanciado CEP - Anexo B.

²⁸ Nesta pesquisa, será usado o termo “construção do *corpus*” em vez de “coleta de dados”, pois, na perspectiva bakhtiniana assumida nesse trabalho, os dados não estão prontos para serem “coletados”, mas sim construídos a partir da relação dialógica estabelecida entre o pesquisador e o objeto/sujeito de pesquisa.

atuaram na tradução dos cursos MOOCs na plataforma Moodle durante o período pandêmico.

Como instrumento de construção do *corpus*, foi utilizado o dispositivo metodológico da autoconfrontação que, segundo Vieira (2004, p. 10), constitui-se em

[...] um dispositivo de análise que permite refletir experiências práticas como um espaço privilegiado de produção de um saber operacional [...] em dois níveis da produção de sentido: o da própria atividade realizada e o da representação que o protagonismo faz da atividade (Vieira, 2004, p. 10).

A escolha desse dispositivo metodológico é justificada pelo fato de que ele viabiliza a interação dialógica acerca do que os protagonistas percebem em relação às suas atividades.

[...] Não se trata de reduzir, de abrandar a expressão, mas ao contrário de discernir, com o máximo de chance de sucesso, as dimensões compostas de significações concretas, feitas de associação de enunciados produzidos e do que revela suas relações efetivas ao que eles referem (Vieira & Faïta, 2003, p. 35).

A metodologia de Vieira & Faïta, segundo Nascimento (2023), está organizada em três etapas: 1) *constituição do grupo de análise*, que é o estabelecimento do grupo de análise, envolvendo a seleção do coletivo a ser analisado e o número de protagonistas que participarão das atividades que serão filmadas; 2) *realização das autoconfrontações simples*, em que após a gravação das atividades realizadas, os participantes discursivamente mobilizam suas experiências observadas durante o registro. Nesse processo, os protagonistas devem elaborar um discurso em relação à atividade observada, juntamente com o analista/pesquisador; 3) *extensão do trabalho de análise*, que se refere ao processo de análise do pesquisador, com base nos enunciados produzidos nas autoconfrontações.

O dispositivo em questão possibilita a construção de relações dialógicas que envolvem o protagonista da atividade e a sua própria percepção. Esse processo, conforme concebido por Bakhtin, é denominado exotópico. Ele ocorre quando o protagonista transita de sua função de tradutor em um cronotopo anterior para assumir o papel de observador de si mesmo em um momento subsequente.

Como observado por Amorim (2018), o conceito de exotopia descreve uma tensão entre, pelo menos, dois pontos de vista: o do sujeito, que vive uma experiência e observa a partir de sua perspectiva; e o do observador externo, que tenta expressar o que percebe a partir da perspectiva do sujeito.

Tanto na criação estética quanto na pesquisa, esse processo envolve um movimento dual. Em primeiro lugar, busca-se enxergar o mundo com os olhos do outro, compreendendo a experiência a partir de sua perspectiva. Em seguida, há o retorno à própria perspectiva, onde o sujeito reafirma sua singularidade e valores dentro de um contexto específico.

O cerne da investigação concentrou-se nas produções surgidas a partir dessas relações, especificamente nos enunciados gerados quando os sujeitos se confrontaram com suas próprias traduções em um cronotopo distinto, separado no espaço e no tempo. A análise desses enunciados tornou-se o foco da pesquisa.

No contexto da pesquisa, a análise centrou-se nas produções geradas a partir dessas relações. Especificamente, foram analisados os enunciados resultantes dos encontros dos sujeitos consigo mesmos, deslocados espacial e temporalmente para um cronotopo distinto, quando confrontados com suas próprias traduções em tela.

Durante o procedimento de análise, a pesquisadora utilizou questões disparadoras quando necessário com o intuito de direcionar a reflexão dos participantes sobre o desenvolvimento dos seus trabalhos. Essas questões foram formuladas da seguinte maneira: 1) A partir do vídeo assistido, quais os principais desafios vivenciados durante a tradução dos materiais didáticos dos cursos MOOCs do IFRS? 2) Quais adaptações foram necessárias para as suas atuações em *home office*? 3) Quais foram as metodologias de trabalho propostas pelo projeto para o processo de tradução? 4) Houve lacunas na atuação que pudessem ser resolvidas por meio de treinamento, a fim de tornar a tradução em *home office* mais qualificada? Além dos mencionados, outros questionamentos para a obtenção de esclarecimentos sobre os temas relacionados à pesquisa também foram realizados.

O método de solicitação das experiências e dos saberes em ato permite relações dialógicas a partir do que o participante vê da sua atividade no momento da autoconfrontação. A pesquisadora explorou as experiências vividas no processo tradutório e isso permitirá um diálogo espontâneo com maior fluidez. Essa relação

dialógica foi estabelecida entre o que o participante vê da sua atividade no momento da autoconfrontação e as inquietações iniciais sobre a atuação do profissional TILSP nesta esfera, com um tema central norteador: os cursos MOOCs.

4.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA E CONTEXTO DA CONSTRUÇÃO DO *CORPUS*

Para a realização deste estudo, cumprindo a primeira etapa do instrumento metodológico, foram convidadas duas participantes que atuaram na tradução em *home office* para a Libras dos cursos MOOCs do IFRS no ano de 2020, durante a pandemia de COVID-19. As participantes foram selecionadas com base em critérios específicos: (i) ter traduzido o maior número de cursos (participação em múltiplas traduções); (ii) estar atuando no IFRS na data da autoconfrontação; e (iii) ter sua tradução nos cursos publicada integralmente no Moodle.

Em caso de recusa por parte das primeiras convidadas, novas tentativas seriam feitas por meio da eliminação dos critérios, até ser alcançado o número mínimo necessário de dois participantes para o estudo. No entanto, é importante mencionar que as duas primeiras convidadas preenchiem todos os critérios e prontamente aceitaram o convite para colaborar com a pesquisa.

Para contatá-las, foi utilizada uma planilha, disponibilizada pela CES, com informações como nome, telefone, *e-mail* e campus de lotação de todos os profissionais da área de Libras do IFRS. Além disso, para acessar os cursos traduzidos, recorreu-se à planilha do projeto, na qual estão registrados todos os cursos, seus tradutores, endereços de *e-mail* e prazos de entrega. Para identificar os cursos acessibilizados em Libras, foi realizada uma minuciosa conferência, acessando todos os cursos traduzidos na plataforma Moodle do IFRS e verificando todas as páginas.

O primeiro passo consistiu em estabelecer o contato inicial com as possíveis participantes por meio do *WhatsApp*, a fim de lhes solicitar cooperação na pesquisa. Após a aceitação, procedeu-se por *e-mail* o envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que faz parte do Anexo A, para formalizar a concordância. Esse documento também continha informações detalhadas sobre a pesquisa, um

convite formal e a marcação do dia e do horário para a realização do procedimento de autoconfrontação.

A tecnologia desempenhou um papel fundamental nesta pesquisa, uma vez que o procedimento foi realizado remotamente, de acordo com a disponibilidade das participantes e por meio da plataforma de videoconferência escolhida, o *Google Meet*.

Na segunda etapa do instrumento metodológico, os diálogos foram gravados utilizando o *software* de suporte multimídia *QuickTime* e armazenados em um *notebook*, permitindo a revisão dos dados durante a transcrição e a análise ao longo do estudo. As capturas de áudio e vídeo foram necessárias para possibilitar a análise das imagens obtidas, uma vez que os discursos estavam relacionados a Libras, língua de modalidade gestual-visual.

A imagem das participantes era relevante quando elas apresentavam ou exemplificavam algum léxico em Libras durante suas narrativas, conforme destacado por Nascimento (2016). Após a construção do *corpus* e a partir das autoconfrontações, deu-se início à terceira etapa do método escolhido: o processo de análise.

O uso dessas informações (identidades, imagens e vozes) foi autorizado pelas participantes por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo A), aprovado pelo CEP-UFSC (Anexo B). o uso das suas para fins de análise do estudo. Por dois motivos, foram utilizados os dados reais das participantes: (i) a possibilidade do uso de Libras durante a autoconfrontação para exemplificar sinais, sendo necessário, durante a transcrição, a utilização de recortes de suas sinalizações e imagens na discussão dos dados, haja vista que os enunciados eram de natureza bimodal, ou seja, duas modalidades linguísticas diferentes (gesto-visual e oral-auditiva). Como a Libras é uma língua gestual-visual e toda a produção discursiva acontece pelo uso do corpo, a imagem do falante era imprescindível para a pesquisa; (ii) devido ao uso da imagem das participantes, não fez-se necessário o uso de nomes fictícios. Por isso, foram utilizados os nomes reais das profissionais que colaboraram com a pesquisa e as imagens coletadas durante as autoconfrontações, a fim de dar autoria aos enunciados produzidos no decorrer da construção do *corpus*.

No total, toda a equipe envolvida na tradução dos cursos MOOCs era composta por vinte e quatro Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILSP): vinte e três mulheres e um homem. No entanto, apenas duas pessoas atendiam aos critérios estabelecidos e foram convidadas para participar da pesquisa. Cada curso foi traduzido por uma dupla.

As participantes do procedimento de autoconfrontação compuseram uma dupla, participando da tradução dos mesmos cursos, e suas interações foram registradas em vídeo. Ambas possuem formação de nível superior, e uma delas concluiu uma especialização e, atualmente, está cursando outra.

Para uma melhor visualização das participantes da pesquisa, o Quadro 2 exibe um resumo dos perfis.

Quadro 2 - Perfil das participantes da pesquisa²⁹

Identificação	Idade	Formação	Tempo de experiência	Experiência em tradução anterior?
Luciana	32 anos	especialização (em andamento)	4 anos	Sim ³⁰
Natasha	29 anos	graduação	8 anos	Sim ³¹

Fonte: Elaborado pela autora.

Na figura 14, é possível observar a participante Luciana durante a realização do procedimento de autoconfrontação. Luciana, de 32 anos de idade, licenciada em Educação Especial, teve seu primeiro contato com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) durante uma disciplina da graduação. Ao sentir a necessidade de aprofundar seus conhecimentos em Libras, ela optou por cursar o Técnico em Tradução e Interpretação de Libras, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), com o objetivo de aprimorar sua proficiência na língua. No entanto, ao longo do curso, desenvolveu um maior interesse pela tradução em comparação ao ensino, escolhendo seguir por esse caminho.

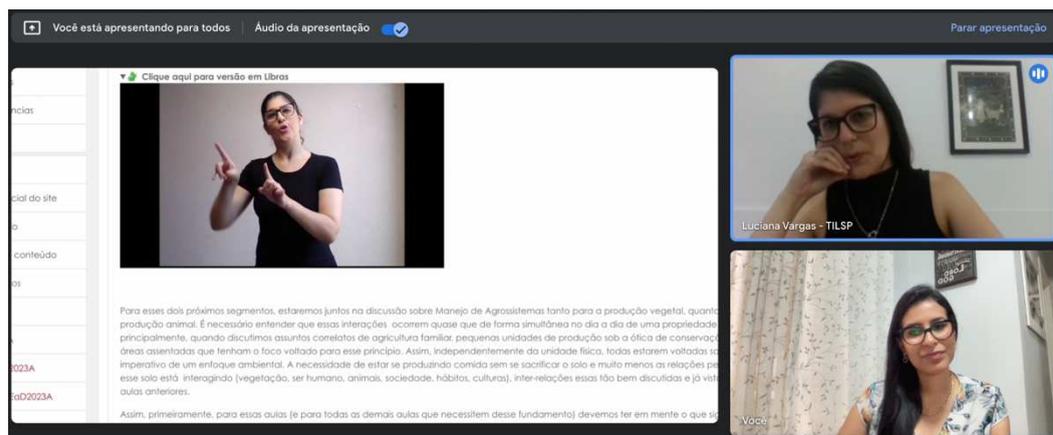
²⁹ Informações de janeiro de 2023.

³⁰ Sua experiência foi na disciplina de Prática Profissional durante sua formação no curso Técnico em Tradução e Interpretação de Libras, no IFRS.

³¹ Sua experiência foi esporádica para a TV ULBRA, onde atuava, pois a tarefa era de outra colega.

Após concluir o curso em 2019, Luciana participou do processo seletivo para uma vaga no cargo de Técnico Especializado em Linguagem de Sinais (TILSP) no IFRS, campus Alvorada, iniciando sua primeira experiência na função no mesmo campus onde estudou e se formou como TILSP.

Figura 14 - Participante Luciana durante o procedimento de autoconfrontação

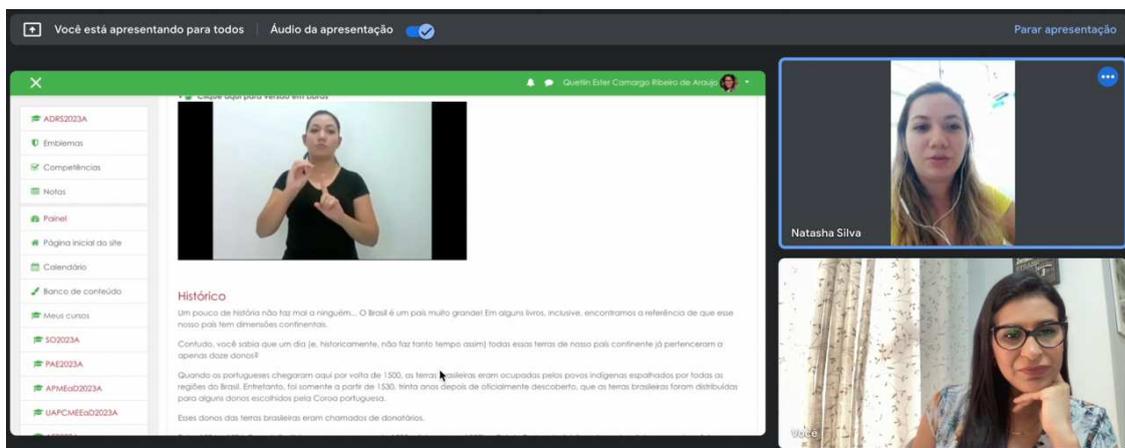


Fonte: Elaborado pela autora.

Na figura 15, a participante Natasha é observada durante a realização do procedimento de autoconfrontação. Natasha, de 29 anos de idade, graduada em Design Gráfico, teve seu primeiro contato com a Língua Brasileira de Sinais aos 14 anos, por meio de um curso de Libras. Ao expressar o desejo de aprofundar seus conhecimentos na língua, ela buscou um curso de formação de intérpretes. Desde a conclusão deste curso em 2014, Natasha atua como intérprete no ensino superior.

Ela ingressou no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) no ano de 2019, ocupando uma vaga no cargo de Técnico Especializado em Linguagem de Sinais, com lotação no campus Canoas.

Figura 15 - Participante Natasha durante o procedimento de autoconfrontação



Fonte: Elaborado pela autora.

Dos cursos que foram objeto de tradução, como é possível observar no Quadro 3, Luciana teve participação na tradução de quatro deles: *Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável*, com carga horária de 40 horas; *Agências de Viagem e Turismo*, com duração de 30 horas; *Eventos: Conceitos*, com de 20 horas carga horária; e *Matemática - Análise Combinatória*, de 50 horas. Porém, deste último, foram traduzidos apenas os vídeos do curso.

Natasha, por sua vez, teve participação na tradução dos seguintes cursos: *Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável*, com uma carga horária de 40 horas; *Agências de Viagem e Turismo*, com duração de 30 horas; e iniciou o processo de tradução do curso *Eventos: conceitos*. No entanto, este último não foi finalizado.

Quadro 3 - Tabulação dos cursos traduzidos pelas participantes da pesquisa

Curso	TILSP	CH/ curso	Contrato	CH/ trabalho	Conclusão do curso
Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável	Luciana	40h	Temporária	40h	sim
	Natasha		Temporária	40h	sim
Agências de Viagem e Turismo	Luciana	30h	Temporária	40h	parcial ³²
	Natasha		Temporária	40h	
Eventos: conceitos	Luciana Natasha	20h	Temporária Temporária	40h 40h	não ³³
Matemática - Análise Combinatória	Luciana			50h	não

Fonte: Elaborado pela autora.

³² A conclusão do curso está como “parcial”, pois ambas concluíram a tradução dos materiais. Contudo, a revisão não foi realizada e a tradução não foi publicada no curso.

³³ A conclusão do curso está como “não”. Contudo, uma das TILSP finalizou a tradução de sua parte, enquanto a outra não a completou.

O procedimento de autoconfrontação com as duas participantes ocorreu na tarde do dia 26 de janeiro de 2023. A primeira participante apresentada, Luciana, iniciou o procedimento às 16 horas e a gravação teve duração de 23 minutos e 54 segundos. Já com a participante Natasha, o procedimento teve início às 13 horas e a gravação estendeu-se por 46 minutos e 57 segundos.

Posteriormente, realizou-se o processo de transcrição das falas para a língua portuguesa, a fim de organizar as informações provenientes dos discursos das participantes. Após, foi realizada a revisão, na qual os erros da primeira transcrição foram identificados, ajustados e corrigidos. Em seguida, efetuou-se repetidamente a leitura das transcrições, o que permitiu a identificação de temas comuns que se replicavam ou divergiam nas falas das TILSPs.

Esses registros foram utilizados como base para a discussão relacionada à análise na identificação dos objetivos delineados na pesquisa.

Os conceitos propostos por Bakhtin e apresentados anteriormente neste projeto, juntamente com os Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais, possibilitaram a análise e a compreensão dos desafios enfrentados pelos TILSPs ao longo do processo de tradução dos cursos MOOCs do IFRS durante o período pandêmico por meio da metodologia de autoconfrontação. Esses conceitos serviram como uma lente para a análise e formação de todo o corpo de pesquisa.

Este estudo buscou aprofundar a compreensão da realidade e determinar se é possível estabelecer padrões, estruturar modelos teóricos e oferecer suporte aos profissionais que atuam na área.

4.2 METODOLOGIA E TRANSCRIÇÃO

Esta pesquisa propõe-se a realizar uma análise aprofundada dos discursos dos sujeitos da pesquisa, tendo como base o *corpus* de análise composto pelas autoconfrontações realizadas. Este estudo visa uma compreensão mais profunda dos discursos, com o intuito de lançar luz sobre os processos e desafios inerentes ao ato da tradução de materiais didáticos, os cursos MOOCs. A metodologia de autoconfrontação simples emerge como uma ferramenta fundamental nessa

empregada, permitindo que os próprios sujeitos revisitem e reflitam sobre suas práticas interpretativas.

O *corpus* da pesquisa foi originado a partir dos enunciados produzidos pelas participantes frente à autoconfrontação de suas próprias atividades. Para a sua análise, adotou-se o modelo da verticalidade e horizontalidade de análise de enunciados construída por Campos (2018; 2021), que utiliza esses conceitos em pesquisas nas Ciências Humanas.

Assim como a referida autora, pretende-se “articular a verticalidade à horizontalidade e buscar, no cruzamento dessas direções, profundidade e abrangência; singularidades e a generalização possível e desejável em uma pesquisa” (Campos, 2021, p. 405). Dessa forma, para a análise dos enunciados deste estudo, optou-se pela abordagem proposta por ela.

Essa metodologia, que se baseia na perspectiva bakhtiniana, permite ao pesquisador equilibrar a profundidade e a amplitude da análise, uma tarefa frequentemente complexa em pesquisas que envolvem a escuta da alteridade como entrevistas, grupos focais, depoimentos e outras formas de coleta do *corpus* (Campos, 2021).

A interseção desses dois eixos, caminho seguido por Campos (2021), possibilitou à pesquisadora construir uma base sólida para suas conclusões durante a análise do *corpus*. Isso ocorreu porque a verticalidade se refere aos temas abordados pelos sujeitos autoconfrontados, enquanto a horizontalidade se relaciona ao papel da pesquisadora por meio da detecção de pontos comuns dos indivíduos participantes da pesquisa.

[...] o tema é construído dialogicamente no enunciado e está orientado para o signo ideológico, ou seja, trata-se de uma construção valorada, segundo os elementos discursivos que integram um dado enunciado produzido na interação entre falantes.

Assim, entende-se por tema a realização singular e irrepitível de um dado enunciado que se coloca na cadeia discursiva, que afirma um posicionamento. O tema, portanto, é dado pelo sentido que a palavra constrói em um enunciado em dado evento, em um dado contexto de interação (Campos, 2021, p. 407).

Assim, o método promove o diálogo ao abrir espaço para as vozes diversas que participaram desse delicado processo de interação entre sujeitos que ocupam diferentes posições discursivas, mas que estão em constante contato, de forma que

A compreensão dos enunciados integrais e das relações dialógicas entre eles é de índole inevitavelmente dialógica (inclusive a compreensão do pesquisador de Ciências Humanas); o entendedor (e também o pesquisador) se torna participante do diálogo ainda que seja em um nível especial (em função da tendência da interpretação e da pesquisa) (Bakhtin, 2020, p.104).

Nesse contexto, a análise das autoconfrontações se configura como um método de investigação que busca explorar as percepções e reflexões dos sujeitos em relação ao seu próprio trabalho interpretativo. Ao examinar esses discursos, podemos desvendar as nuances, estratégias e decisões adotadas pelos participantes durante o processo de tradução, com base no exposto por eles durante a autoconfrontação simples. Para Campos,

A análise vertical toma cada entrevista como um enunciado concreto e desenvolve uma investigação profunda, vertical [...] ao pesquisador, suficiente para, de sua posição exotópica, buscar o que poderia ser horizontalizado, estabelecendo a generalização possível a partir da análise do conjunto dos enunciados. Examina a materialidade sónica, textual e discursiva, linguística e extralinguística, e tem como objetivo identificar o projeto enunciativo-discursivo de cada sujeito entrevistado (Campos, 2021, p. 407).

Ao utilizar esse dispositivo, ocorreu uma forma específica de citação: a intermodal demonstrativa, que se destaca pela apresentação do termo em Libras e sua referência em português por meio de dêiticos demonstrativos (Nascimento, 2016; Nascimento & Brait, 2021). Dadas as diferenças nas modalidades linguísticas empregadas nas enunciações intermodais, Nascimento, no prelo, desenvolveu um sistema de transcrição multimodal para permitir a representação das manifestações linguísticas em língua de sinais e em português.

Devido a essas características particulares, a transcrição e apresentação dos enunciados produzidos nesta pesquisa envolveram a utilização das imagens dos participantes e seus nomes reais, conforme autorizado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com a proposta de Nascimento (2016), adaptada em Melo e Nascimento (2021).

Esse método combina a transcrição do discurso em língua portuguesa, a inclusão de imagens dos enunciadores realizando as referências em Libras, glosas que indicam o significado por eles expressos durante o processo de autoconfrontação e, quando aplicável, a apresentação do discurso original que foi

citado durante a autoconfrontação com uma coluna adicional correspondente ao discurso-fonte da interpretação, como ilustrado na figura 16.

Figura 16 - Proposta de transcrição multimodal

Joyce - 00031.MTS		
	Transcrição intermodal com citação	Discurso citado
TILS	<p>Tem uma parte do vídeo que ele aponta que ele lista cinco coisas, né? e aí no começo a tradutora fez, no caso eu, fiz assim porque eu havia pensado</p> <p style="text-align: center;"> BOIA (CIT_A)</p> <p>na estratégia de fazer assim mas aí o meu tradutor apoio lembrou de uma</p> <p style="text-align: center;"> BOIA</p> <p>de uma informação que eu havia esquecido de que essas informações</p> <p style="text-align: center;"> (APONTAÇÃO Esquerda) (CIT_B)</p> <p>iriam estar no vídeo, então eu não teria que ter essa preocupação de listar aqui e dizer e o nome de cada uma delas porque elas estavam logo</p> <p style="text-align: center;"> BOIA (CIT_C) (Aponta para dedos da boia)</p> <p style="text-align: center;"> APONTAÇÃO</p> <p>ao lado só tinha que apontar e isso tava na glosa mas a glosa como não</p> <p style="text-align: center;"> APONTAÇÃO (CIT_D)</p> <p>tava comigo tava com apoio ele tinha essa função também de passar para a gente as anotações que a gente mesmo fazia</p>	<p> (CIT_A)</p> <p> (CIT_B)</p> <p> (CIT_C)</p> <p> (CIT_D)</p>

Fonte: Melo e Nascimento (2021, p. 224).

A escolha de usar as imagens das protagonistas para mostrar os enunciados intermodais justifica-se pela necessidade de representar as características linguísticas de acordo com as modalidades, especialmente da Libras.

Nesse contexto, a fim de abordar a diversidade linguística, enunciativa e discursiva presente no *corpus* deste estudo, empregaremos o método combinado delineado por Nascimento (2016) e, posteriormente, adaptado por Melo e Nascimento (2021), conforme já mencionado.

Para a transcrição dos enunciados unimodais em língua portuguesa, seguimos uma versão adaptada das Diretrizes de Transcrição do Projeto NURC -

Norma Linguística Urbana Culta - (PRETI, 2003), de acordo com as convenções a seguir.

Quadro 4 - Convenções de transcrição das autoconfrontações

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO ³⁴
Interrogação.	?	Por grupo? No privado?
Citações literais de memórias durante a gravação.	“ ”	“O que será que eu quis dizer aqui mesmo?”
Comentários descritivos do transcritor.	grifado em vermelho	(risos)
Sobreposição, simultaneidade de vozes e produção intermodal.	[ligando as linhas	às vezes sai aqui [SINAL
Prolongamento de vogal/consoante (como o, a, s)	::	por todo::
Qualquer pausa.	...	gato miando... cadela aparecendo...
Informação adicional para contextualização.	[]	[a iluminação]

Fonte: adaptado de Preti (2003).

³⁴ Todos os exemplos foram retirados do *corpus*.

5. ANÁLISES: DA VERTICALIDADE DOS SUJEITOS SINGULARES À HORIZONTALIDADE DO SUJEITO COLETIVO

A análise vertical considera cada autoconfrontação como um enunciado concreto e realiza uma investigação minuciosa, com base no que foi apresentado nos discursos dos participantes da pesquisa. A contemplação e observação da autoconfrontada em sua atividade é um excedente de visão. Segundo Bakhtin (2010),

O excedente de minha visão em relação ao outro indivíduo condiciona certa esfera do meu ativismo exclusivo, isto é, um conjunto daquelas ações internas ou externas que só eu posso praticar em relação ao outro, a quem elas são inacessíveis no lugar que ele ocupa fora de mim; tais ações contemplam o outro justamente naqueles elementos em que ele não pode completar-se. Essas ações podem ser infinitamente variadas em função da infinita diversidade de situações da vida em que eu e o outro nos encontramos num dado momento, mas em toda parte e em quaisquer circunstâncias esse excedente do meu ativismo existe e sua composição tende a uma constância estável (Bakhtin, 2010, p. 22-23).

Assim, a partir da próxima seção, apresenta-se e analisa-se dialogicamente as autoconfrontações extraídas dos excertos dos sujeitos de pesquisa.

[...] o que nos importa são apenas os atos de *contemplação-ação* - pois a contemplação é ativa e eficaz -, os quais não ultrapassam o âmbito do dado do outro e apenas unificam e ordenam esse dado; às ações de contemplação, que decorrem do excedente de visão externa e interna do outro indivíduo, também são ações puramente estéticas (Bakhtin, 2010, p. 23).

5.1. A VERTICALIDADE: OS SUJEITOS DE PESQUISA E SUAS SINGULARIDADES

5.1.1. Autoconfrontada 1

A primeira tradutora e intérprete submetida à autoconfrontação foi Luciana Munhoz Vargas Oliveira, que atualmente exerce essa função no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), com vínculo terceirizado.

A trajetória de Luciana teve início durante sua licenciatura em Educação Especial quando, ao cursar a disciplina obrigatória de Língua Brasileira de Sinais (Libras), teve seu primeiro contato com a língua. Após essa experiência inicial, ela reconheceu a importância de aprofundar seus estudos sobre o assunto, uma vez que o aprendizado na disciplina foi por ela considerado “*simplório*”.

Em decorrência dessa percepção, em 2017, Luciana optou por retomar seus estudos no IFRS com o objetivo de aprimorar o seu conhecimento sobre a língua de sinais. Contudo, ao iniciar o curso Técnico em Tradução e Interpretação de Libras, ela deparou-se com um ambiente educacional descrito por si própria como “*um mundo completamente diferente*”.

Antecipando o aprendizado focado na língua, Luciana encontrou um currículo que abordava de maneira aprofundada aspectos de Linguística, Tradução, Modalidade Visual, Estratégias e Práticas de Tradução, entre outras disciplinas que a prepararam para a atuação como intérprete.

Luciana concluiu seu curso técnico em agosto de 2019 e, no mesmo ano, ingressou como intérprete no IFRS com vínculo temporário. Recém-formada e com pouca experiência, deparou-se com a eclosão da pandemia no início de 2020.

Figura 17 - Print do momento da autoconfrontação



Fonte: Elaborado pela autora.

O contato com Luciana aconteceu, inicialmente, via *WhatsApp*, por meio de uma mensagem-convite, explicando sucintamente o teor da pesquisa, como seria a autoconfrontação e, em caso de confirmação do interesse, o TCLE e demais

detalhes da pesquisa seriam enviados por *e-mail*. Ao aceitar participar do estudo, a autoconfrontação foi agendada.

A partir do seu aceite, foi selecionado um dos vídeos traduzidos por Luciana durante a pandemia. O vídeo escolhido foi do curso de Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável, o primeiro curso traduzido por ela.

Figura 18 - Tradução da página 2.5: Manejo de agrossistemas para produção vegetal do curso Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável

Para esses dois próximos segmentos, estaremos juntos na discussão sobre Manejo de Agrossistemas tanto para a produção vegetal, quanto para a produção animal. É necessário entender que essas interações ocorrem quase que de forma simultânea no dia a dia de uma propriedade agrícola, principalmente, quando discutimos assuntos correlatos de agricultura familiar, pequenas unidades de produção sob a ótica de conservação ou áreas assentadas que tenham o foco voltado para esse princípio. Assim, independentemente da unidade física, todas estarem voltadas sob o imperativo de um enfoque ambiental. A necessidade de estar se produzindo comida sem se sacrificar o solo e muito menos as relações pelas quais esse solo está interagindo (vegetação, ser humano, animais, sociedade, hábitos, culturas), inter-relações essas tão bem discutidas e já vistas em aulas anteriores.

Fonte: Curso MOOC IFRS³⁵

Durante a tradução deste curso, Luciana compartilhou a responsabilidade com outra profissional. Enquanto a segunda intérprete foi encarregada da tradução da primeira parte do curso, que correspondia ao módulo 1, ela assumiu a segunda parte, compreendida do módulo 2 até o módulo 3.

De acordo com Rodrigues (2022), a atividade desempenhada por elas refere-se a uma função de tradução. Esta atividade proporcionou à Luciana a oportunidade de realizar um planejamento, dedicar um tempo ao estudo dos materiais, além de receber apoio por meio de recursos e ferramentas tecnológicas,

³⁵ Disponível em: <https://moodle.ifrs.edu.br/mod/page/view.php?id=307199>.

quando necessário. Contudo, é importante ressaltar que essa atividade não envolveu interação direta com o público-alvo.

Com a eclosão da pandemia, os profissionais tradutores e intérpretes de Libras do IFRS, que anteriormente executavam suas atividades de interpretação de maneira presencial, enfrentaram um desafio inédito. Essa adaptação à nova realidade poderá ser observada nas reflexões da autoconfrontada 1, que serão apresentadas posteriormente.

O processo de autoconfrontação teve início com orientações básicas. A primeira delas consistiu em assistir ao vídeo com a atuação da intérprete, permitindo que falas, informações e comentários fossem tecidos a qualquer momento.

Enquanto a tela do curso era projetada e ajustada, Luciana, ao deparar-se com a tradução realizada por ela mesma, manifestou um riso, sugerindo um certo estranhamento ao visualizar sua própria imagem. Essa reação, comumente observada durante procedimentos de autoconfrontação, encontra respaldo na máxima bakhtiniana de alteridade, que afirma que ao nos observarmos “dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos” (Bakhtin, 2010, p. 21): o da posição que ocupamos durante a exposição e o da posição do outro ao realizar a atividade.

Ao exibir o vídeo, após 29 segundos, Luciana solicitou permissão para interromper a reprodução, expressando o desejo de fazer seu primeiro comentário.

EXCERTO 1:

L: ãh... Já vou falando, agora?

P: Pode, pode ir falando, ãham... Se tu preferir eu posso pausar ou tu pode ir falando. Bem tranquilo.

L: Tá. A gente percebe muitas mudanças, né, que... ne... Desse trabalho inicial... Nos cursos MOOCs, né. Tinha muita insegurança, porque era tudo muito novo. Então, eu me lembro muito disso, sabe, aquela insegurança, o receio. Porque a gente não tinha na... Nada assim pra começar a fazer essas traduções. Nenhuma base, nunca tinha trabalhado com isso antes. Então, a gente percebe ali, ãh, a questão de iluminação, de fundo, todos esses detalhes que a gente preza hoje em dia, nesse começo a gente não tinha, né. Foi muito rápido, assim. Então, eu percebo isso, assim. E me le... E me tra... E me lembro dessas questões que foi bem... Nos... nos... Me trouxe um certo incômodo no começo, sabe, e hoje já é algo tão natural.

Na primeira interrupção, observamos que Luciana sente a necessidade de justificar o modo como atuava naquela época, considerando que sua atuação após isso, na atividade atual, é mais especializada. Por meio de algumas hesitações, ela

evoca lembranças e sensações, “*Então eu me lembro muito disso, sabe, aquela insegurança, o receio*” e usa o verbo “*Tinha*”, no pretérito imperfeito, indicando suas ações justamente pela ausência de preparo e da insegurança que sentia diante daquele novo contexto.

De forma que o primeiro apontamento é referente às mudanças (melhorias) que ocorreram ao longo do tempo, a justificativa apresentada por Luciana nessa primeira pausa gira em torno da preocupação sobre os aspectos visuais de sua tradução, tendo em vista que o início dos trabalhos ocorreu de forma repentina, e ela nunca havia experienciado esta tarefa.

Aqui, é interessante retomar que Luciana mencionou, no início da conversa (antes da autoconfrontação), que durante sua formação havia tido contato na disciplina de Prática Profissional com atividades de tradução. Este relato foi feito como uma forma de dizer que ela já havia experienciado a atividade de tradução, como mostra o excerto 2.

EXCERTO 2:

P: Tu já tinhas feito algum trabalho de tradução como foi desenvolvido no curso? Tradução de textos, vídeos?

L: Sim, nos períodos de disciplina Prática, né. Conta, né?

Mas como podemos ver, o início dos trabalhos de tradução dos cursos MOOCs foi de certa forma desafiador, uma vez que ela menciona no excerto 1 que o trabalho foi iniciado “*sem nenhuma base*” e que ela “*nunca tinha trabalhado com isso antes*”, quando fala da sua insegurança.

Após, ela segue explicando que alguns detalhes visuais foram deixados em segundo plano, como a iluminação e o fundo, além da atividade, inicialmente, ter lhe trazido um certo desconforto durante a realização.

Vale destacar que a entrada de Luciana no cargo de TILSP da instituição ocorreu sete meses antes da suspensão do calendário acadêmico devido à pandemia, no mesmo mês em que ela concluiu sua formação. Em outras palavras, ela possuía sete meses de experiência na função quando a pandemia teve início.

Ao ratificar a afirmação sobre os desafios da atividade e ao ver sua tradução no curso MOOC do português para a Libras, Luciana afirma que lembra muito bem do sentimento de insegurança que pairava sobre sua atuação. Por meio dos termos

“insegurança” e “receio”, ela expressiu seu sentimento no início dos trabalhos. A locução pronominal “a gente” e a mudança para a terceira pessoa fez com que ela generalizasse sua percepção como se fosse a mesma dos demais profissionais que estavam atuando em outros cursos. Este é um olhar de si próprio enquanto sujeito que pertence a um coletivo de profissionais que compartilham da mesma percepção e dificuldade, tratando-se do desafio no trabalho remoto.

Autores como Fraguas, Sampaio e Marques (2020) retratam algumas realidades vividas pelos profissionais tradutores e intérpretes de Libras que, durante a pandemia, tiveram que fazer essas adaptações. E, segundo Marques (2020), a interpretação remota emergencial no período da pandemia do coronavírus foi uma realidade para os profissionais TILSP que precisaram adaptar-se às tecnologias utilizadas neste novo formato de trabalho.

Ao continuar com a visualização do vídeo e a segunda pausa pedida por Luciana, ela fica em dúvida com o que mais poderia contribuir para a pesquisa, e acaba trazendo mais elementos visuais que confirmam o amadurecimento ao longo do processo e do tempo de experiência.

EXCERTO 3:

L: Não sei no que mais eu posso... (risada) Te auxiliar em relação aos meus sentimentos. Acho que... Tem mais outros cuidados que eu teria hoje. Hoje que não faço mais vídeos utilizando óculos, porque muitas vezes a gente usa iluminação e ela fica um reflexo aqui nas lentes. Então, ali como ainda eu não tinha [a iluminação] (risos) não tem reflexo, mas hoje eu não consigo mais gravar vídeos usando óculos.

Durante essa pausa, Luciana continua a fornecer informações sobre as melhorias que ocorreram desde a tradução do primeiro curso em comparação com a sua forma de atuação no momento presente.

A decisão de não usar óculos durante as gravações decorreu das melhorias que foram empreendidas, juntamente com a introdução da iluminação adequada. Inicialmente, a ausência de iluminação não afetava diretamente a qualidade visual de sua atividade. No entanto, mesmo nesse cenário era possível observar que, ao inclinar a cabeça para cima, a luz ambiente refletia ligeiramente na parte superior de seus óculos, lançando um feixe luminoso na tela e podendo prejudicar a receptividade da mensagem. Essas considerações nos conduzem a refletir, em consonância com Brait (2004), sobre as práticas adotadas por Luciana que

formula e inscreve em seu texto o outro: o destinatário, aquele a quem o texto se destina. Em princípio, prevê o interlocutor não em termos individuais, mas como conjunto representativo de uma comunidade de leitores, ouvintes e espectadores. Esse texto, por sua vez, apresenta, de alguma maneira, as pistas sobre a identidade desse outro e essas pistas podem apontar para o saber desse destinatário, para sua posição social, para suas aptidões, seus interesses, suas necessidades (Brait, 2004, p.15).

Essa melhoria implementada foi direcionada para atender às necessidades do público-alvo, os destinatários da mensagem. A seguir, é possível visualizar a maneira como o reflexo nos óculos de Luciana ocorria durante o processo de tradução.

Figura 19 - Tradução da página 2.5: Manejo de agrossistemas para produção vegetal do curso Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável



Fonte: Curso MOOC IFRS³⁶

A relação entre a iluminação e o uso dos óculos trazidos por Luciana faz sentido quando analisamos a orientação apontada pela Norma Brasileira (NBR) 15.2901, que apresenta diretrizes para o uso da janela de Libras no que tange à captação, edição e exibição.

Aprovada e publicada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), ela apresenta procedimentos que devem ser prezados para que haja qualidade na apresentação do texto em Libras e para a garantia da acessibilidade das pessoas Surdas que fazem uso deste recurso.

³⁶ Disponível em: <https://moodle.ifrs.edu.br/mod/page/view.php?id=307199>.

Segundo a ABNT sobre a captação do tradutor ou do intérprete de Libras, a norma prevê no item 7.1.2, d) que “a iluminação adequada deve evitar o aparecimento de sombras nos olhos e/ou seu ofuscamento” (ABNT, 2005, p. 9). Por mais que a norma não mencione a palavra “óculos”, da mesma forma que as notas técnicas 01/2017, 02/2017 e 04/2020 da Febrapils, o conceito de ofuscamento pode ser enquadrado neste quesito.

No vídeo analisado, a maior parte do tempo se caracteriza pela ausência de reflexos. A utilização dos óculos não exerceu uma influência significativa, conforme ilustrado na figura 20, apresentada a seguir.

Figura 20 - Tradução da página 2.5: Manejo de agrossistemas para produção vegetal do curso Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável



Fonte: Elaborado pela autora.

Na sequência do processo de autoconfrontação, perguntei à Luciana sobre os principais desafios na realização da atividade. Sua resposta demonstrou que houve vários desafios e que eles são inerentes à atividade de tradução, tal como o vocabulário específico da área, uma vez que tratava-se de um curso relacionado à agronomia. Além disso, foram acrescentadas situações próprias do trabalho em *home office*, como, por exemplo, ter um local adequado para a gravação.

Roziner e Shlesinger (2010) indicam quatro grandes estressores no trabalho de interpretação remota, e o segundo diz respeito às condições laborais precárias, como a ausência de estrutura apropriadas para acessar e produzir a mensagem.

No excerto 5, Luciana menciona sobre o fato de sua casa ser pequena, o que ela considerou como um desafio, uma vez que precisava de uma parede lisa, neutra

e que coubesse no enquadramento da câmera. Nesse local, ela ainda poderia gravar somente em determinado horário do dia devido à iluminação. Quando Luciana explica sobre as marcas que o sol fazia na parede, ela utiliza as mãos e os recursos da Libras para mostrar como era o desenho dessas marcas na parede.

Como a Libras e o português são línguas de modalidades distintas, sendo o português uma língua oral-auditiva e a Libras uma língua espacial-visual produzidos por canais articulatórios diferentes que não competem entre si (Quadros; Lillo-Martin; Pichler, 2011), Luciana conseguiu demonstrar visualmente como eram os raios de luz na parede, enquanto fazia a explicação oralmente, como observa-se no excerto 5.

EXCERTO 4:

P: ãham... E quais foram assim, os principais desafios que tu, ãh, te recorda quando você foi realizar esta atividade?

L: Tudo. Falta de vocabulário nessa área foi bem assustador pra mim no início. Que exige um trabalho de pesquisa antes de você iniciar a gravação de um vídeo, né. E nesse, existiu... Exigiu bastante de mim em relação a isso. Acho que foi um dos maiores desafios e também pensar num... De tentar achar um local adequado para fazer um vídeo de melhor qualidade sem ter os (risos) materiais necessários (risos).

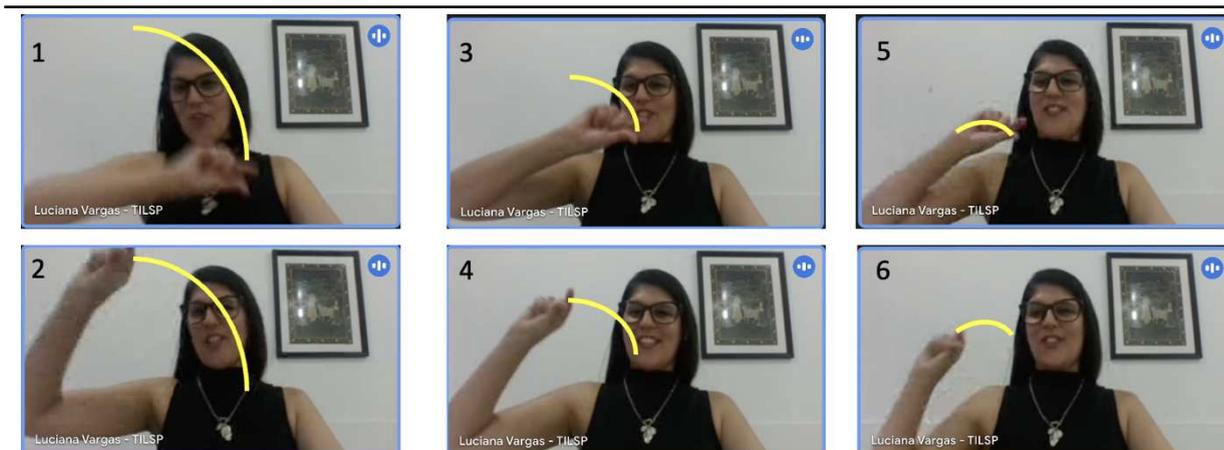
EXCERTO 5:

P: ãham. E você comentou também, alguma... Que coisa... Sobre... Relacionado à estrutura, né?

L: Ah, sim (balançando a cabeça afirmativamente com a mão no queixo). Sim, ãh... Nesse período também... ãh, eu nem conhecia a questão dos fundos, tá?! Vou te ser bem sincera, fui conhecer isso depois. E nesse período, eu morava numa casa bem pequena, então, foi difícil achar uma parede que coubesse o enquadramento, entende? (risos) Uma parede lisa... Enfim, foi uma questão também, bem desafiadora (ri e balança a cabeça de forma afirmativa).

P: ãham.

L: E também outra coisa que eu lembrei agora. Essa única parede lisa aí, tinha um horário do dia que dava pra gravar nela, porque nos outros horários o sol pegava bem ali, **aí ficava uns riscos assim no vídeo (risadas).**



Tem mais esses desafios, (risos) e de noite impossível, porque ainda não tinha iluminação... Então... Sem chances... Então, era só um horário “x” que tu conseguia fazer.

No seguimento do processo de autoconfrontação, eu a questiono sobre a metodologia adotada por ela para a realização da atividade. Luciana citou as seguintes etapas: estudo do material, tradução e gravação. Ela voltou a mencionar a insegurança durante o processo, mas relatou que se agradava do processo de tradução devido à possibilidade de dedicação e acesso ao material para estudo. Além disso, como a atividade era em dupla, ela disse que conseguia sanar algumas dúvidas e fazer combinações com sua colega de forma virtual.

EXCERTO 6:

P: Sim... E me diz uma coisa, como que foi a questão, ãh, do processo, da metodologia que tu utilizou... ãh... No processo tradutório. Como que tu te organizava, como que tu fazia, assim... As etapas, o passo a passo. Teve alguma dificuldade, não?

L: Tá. ãh, primeiramente né, eu... Eu... Estudava... Eu me... me... Familiarizava com a questão do texto, na minha língua, né, pra depois que eu entendesse o conceito, enfim, tentar buscar algumas alternativas tradutórias para a língua de sinais daí. Tá, aí, após isso, eu escrevia, eu sou muito de escrever, sabe, então eu escrevia toda glosa. Como eu iria sinalizar, já, porque essa foi minha primeira experiência né, fazendo vídeos. Então, eu fazia certinho ali a glosa como deveria ser, e fazia o áudio e depois escutava e gravava.

P: ãham. E como é que foi esse processo? Era tranquilo?

L: Ah... No início... Muita insegurança, sabe. Mas depois passa a ser natural (Luciana segue com mão escorada no queixo). Eu gosto de trabalhar assim de forma mais autônoma, sabe. Então, pra mim é, é... De boas fazer esse tipo de trabalho. Eu prefiro fazer esse tipo de trabalho tradutório (Luciana balança a cabeça afirmativamente com a mão escorada no queixo).

P: Legal, interessante!

L: É, porque tu consegue se dedicar, tu consegue ter acesso ao... Ao estudo prévio, o que que tu vai fazer, part... O passo a passo, sabe. Eu gosto... Eu funciono muito no passo a passo (Luciana dá risadas enquanto fala).

L: É. Mas te confesso. Quando eu soube dessa notícia foi bem desafiador (risada). Coitada da Karina (risos).

P: Por quê?

L: (Risadas) Porque sim, né. Incomodei muito ela, por causa da questão de insegurança, né. Imagina... Quantos meses de experiência eu tinha e veio a pandemia?

P: E aí, quando tu precisava assim de, de apoio, tu recorria a quem... O que... Como que tu...

L: Na verdade, esses primeiros trabalhos organizaram a gente em dupla pra fazê, né. Então, tu tinha o apoio da outra pessoa pra trocar figurinhas, enfim, pra combinar os sinais porque ia ser dentro do mesmo curso né. Tinha que ter uma combinação ali. Então, a gente acabava se reunindo algumas vezes...

EXCERTO 7:

P: ãh, como que foi a questão das adaptações, de equipamentos, o que que tu utilizava, o que tu tinha? Teve que adquirir alguma coisa?

L: Não. Nesse primeiro momento, eu usava dois celulares, se eu não me engano. Um pra ouvir o áudio e outro pra gravar. E aí depois sim, eu fui adquirindo o fundo verde, que foi aumentando as exi... exi... a e-xi-gên-cia... Aí eu fui adquirindo o fundo verde, já usava o áudio para escutar no *notebook* e gravava no celular. Luzes era “*enjanbreichion*”, luminárias posicionadas (enquanto fala Luciana gesticula com as mãos como se estivesse posicionando as luminárias em vários lugares no espaço-neutro. Balança a cabeça de forma afirmativa e sorri). Então.. Mas ali (se referindo ao vídeo que assiste) era só o celular do áudio e o celular da gravação mesmo, nesse primeiro vídeo, nesses primeiros, né (risos).

Outro questionamento feito à participante está relacionado a sua formação em Tradução. Com o objetivo de identificar se havia lacunas ao longo da formação profissional do TILSP que pudessem ter interferido na realização da atividade de tradução, trouxe este tema para a autoconfrontação. Com relação ao tema, Campos afirma que

Diferentemente da significação, que afirma os sentidos mais estáveis do signo, o tema é construído dialogicamente no enunciado e está orientado para o signo ideológico, ou seja, trata-se de uma construção valorada segundo os elementos discursivos que integram um dado enunciado produzido na interação entre falantes (Campos, 2021, p. 407).

No excerto 9, Luciana afirma que não sentiu falta da competência tradutória, que segundo Albir (2005), “é um conhecimento especializado, integrado por um conjunto de conhecimentos e habilidades, que singulariza o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues não tradutores” (Albir, 2005, p.19).

No entanto, ela destaca que, como já apontado no excerto 4, a falta de vocabulário foi um dos principais desafios. A ausência desse conhecimento específico, denominado de “vazio lexical” por Gile *et al.* (2019), está frequentemente

associado a não competência linguística. Esse vazio lexical pode ser contornado por meio do uso da iconicidade da língua, que consiste em utilizar imagens e encenação para expressar o mesmo conceito da língua-fonte na língua de sinais. Contudo, Gile *et al.* (2019, p. 282) reconhecem que há um comprometimento da performance do intérprete na ausência de correspondência lexical em língua de sinais, o que demonstra a relevância de léxicos específicos da temática-alvo na tradução.

Luciana, ao prosseguir-se com o procedimento de autoconfrontação, foi questionada acerca da existência de apoio no projeto para o desenvolvimento da atividade. A partir de sua perspectiva, ela destacou que os tradutores não foram meramente encarregados de executar suas tarefas desamparados. A participante esclareceu que, ao longo do processo, diretrizes que abrangiam recomendações quanto à padronização de vestuário, acessórios, maquiagem, entre outros, foram disponibilizadas. Além disso, profissionais estavam à disposição para eventuais questionamentos e esclarecimentos.

EXCERTO 8:

P: Sim, ãh, e tu falou um pouquinho ali a questão de como que, ãh... Era... As etapas né, como que tu fazia a questão do estudo, né... E como que foi, no início desse trabalho, ãh, vocês receberam algum tipo de orientação, vocês receberam algum tipo de ajuda? Quando vocês precisavam, vocês tinham algum suporte? Como que foi isso?

L: Sim, a gente recebeu, na verdade, vários, várias orientações durante o processo, tá. De alguma regra em relação a roupa, cabelo, né. Maquiagem leve, ãh... não usar acessórios, teve sim, foi bem amparado esse processo. Tinha pessoas que nos auxiliavam, pessoas que ficavam à disposição em caso de dúvida, com certeza. Não foi assim: "faz isso e pronto!" Teve uma reunião também prévia, antes né, quando nos comunicaram que ia ser feito esse processo de acessibilidade dos cursos, agendaram uma reunião para trazer todos os esclarecimentos. Acho que foi mais de uma vez, inclusive. Sim, teve todo o amparo.

EXCERTO 9:

P: E em relação a tua formação, né. ãh, tu percebe que a questão da tradução ela foi trabalhada na tua formação? ãh, tipo, te deu um bom suporte pra quando tu foi realizar a atividade ou tu sente assim que houve algumas lacunas que poderiam, né, ter sido... ãh... Mais embasadas durante a formação pra quando esse momento chegasse? Como que tu vê essa questão?

L: Eu não sinto falta em questão de conhecimento de processo tradutor, tá? Porque eu sempre tive isso bem claro, da questão de adaptação que não existem equivalências... Não.. Não existem traduções de uma língua para outra em equivalências né. Às vezes tu não tem uma palavra na Libras e no português iguais, mas tu vai ter algo que equivale pra ti fazer uma substituição. O que eu senti falta não foi de competência tradutória, foi de vocabulário mesmo. Foi bagagem de vocabulário.

Indagada a respeito de sua avaliação em relação ao resultado do trabalho realizado no curso, Luciana expressa satisfação com o desfecho. Ela observa que, embora pudesse haver aspectos passíveis de aprimoramento, os elementos essenciais do trabalho, tais como o enquadramento, a uniformidade de fundo e a ausência de sombras, foram eficazmente alcançados.

EXCERTO 10:

P: E... Como que tu avalia assim essa questão... Ah... Técnica, né, do resultado final assim? Agora tu olhando, né, tu te olhando. Como que tu vê, como que tu enxerga isso?

L: Eu acho que apesar de ter questões a melhorar, né, porque esse foi um projeto bem inicial, (pausa com expressão), eu até fiquei contente com o resultado, assim. Pelo... Por todo:: Por trás disso... Desse... Desse primeiro momento, sabe?

P: Uhum...

L: Por toda a questão por trás, eu fiquei contente com o resultado. Sabe, analisando assim que... Daquele período, tá?! Porque hoje teria que ter um fundo, teria que ter mais luzes, né. Mas... Não tem sombra, não tem nada cortando, sabe? (expressão) E outra coisa que me surpreendeu muito, eu não sei se tem a ver com o teu projeto de pesquisa, mas por ser essa a minha primeira experiência com tradução de vídeo, o revisor era Surdo e eu fiquei muito contente, porque eu não acreditei quando ele entrou em contato comigo pra trazer a primeira revisão e não tinha... Tinha um vídeo pra refazer só, porque o meu cabelo caiu no meio do vídeo. E ele todo sem jeito pediu pra refazer esse único vídeo. E isso me trouxe, sabe, que eu não esperava que isso aconteceria. Enquanto todos os intérpretes estavam reclamando que iam ter que refazer milhões de vídeos, não aconteceu isso comigo. E eu não esperava mesmo (risada).

Na conclusão do procedimento de autoconfrontação, destaca-se um aspecto que chamou a atenção de Luciana durante o desenvolvimento do projeto: a presença de um revisor Surdo encarregado de revisar os vídeos por ela produzidos. A tradutora compartilha sua surpresa ao ser abordada por ele, que lhe forneceu *feedback* sobre os vídeos gravados. Ela observa que houve a necessidade de regravar apenas um dos vídeos devido a um incidente, em que seu cabelo obstruiu seu rosto. No entanto, a surpresa agradável foi constatar que os demais vídeos haviam sido aprovados após a revisão.

Reichert (2015), em sua pesquisa acerca do processo de tradução de provas de vestibular, enfatiza a relevância da participação de indivíduos Surdos nesse processo.

A presença deste profissional se justifica pela questão linguística, pois, mesmo que os tradutores ouvintes detenham o conhecimento linguístico, a presença de um tradutor Surdo auxilia na construção da tradução, uma vez que utiliza a mesma língua que o candidato, ou seja, tem competência mais

próxima para avaliar a forma como as informações podem ser processadas pelo candidato Surdo (Reichert, 2015, p. 81).

A partir do exposto, é notória a importância da participação de revisores Surdos no processo de tradução, como enfatizado por Reichert (2015), podendo-se discernir a clara manifestação de relações dialógicas nesse contexto. A presença do revisor Surdo que compartilha a mesma língua e, portanto, uma competência mais próxima do público-alvo Surdo, cria um espaço de interação linguística rica em diálogo.

A visão bakhtiniana das relações dialógicas como um elemento fundamental na construção do discurso ressoa de maneira pertinente nesse cenário. O encontro entre o revisor Surdo e a tradutora estabelece uma plataforma na qual o diálogo não apenas aprimora a qualidade da tradução, mas também promove uma compreensão mais profunda das nuances linguísticas e comunicativas envolvidas. Esse diálogo não é apenas um ato unidirecional de tradução, mas um processo interativo no qual as vozes dos envolvidos se entrelaçam em uma rede de significados.

À luz da teoria bakhtiniana, podemos considerar que as relações dialógicas que emergem da colaboração entre o revisor Surdo e a tradutora não se limitam apenas à tradução de palavras, mas também à tradução de experiências culturais, contextos e identidades. Esse encontro, dialogicamente enriquecido, contribuiu para uma tradução mais autêntica e sensível, refletindo não apenas as palavras, mas também a diversidade e a riqueza da experiência surda.

Portanto, ao analisar a presença e o papel dos revisores Surdos no processo de tradução, observa-se a aplicabilidade das noções bakhtinianas de relações dialógicas como um meio de aprofundar a compreensão sobre como o diálogo linguístico e cultural que enriquece a tradução e promove uma comunicação eficaz.

5.1.2. Autoconfrontada 2

A segunda tradutora e intérprete que participou da autoconfrontação foi Natasha Figueiró da Silva, intérprete do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), com vínculo terceirizado.

Natasha iniciou seu contato com a Libras aos 14 anos, em um curso de língua de sinais. Depois de alguns anos, ingressou no curso de extensão de formação para

intérprete de Libras em uma instituição de ensino superior. Ela comenta ter se encontrado no curso e descoberto o interesse, anteriormente desconhecido, pela linguística (fonética, fonologia etc.). Concomitantemente, ela cursou a graduação em Design. Dois ou três anos após formar-se como intérprete, em meados de 2014, Natasha passou a atuar como intérprete de Libras no ensino superior, nível que permaneceu durante todos estes anos.

Por ter conhecimento em espanhol há algum tempo e ter dado início aos estudos em inglês, atualmente ela desempenha atividades de interpretação do inglês para a Libras e do espanhol para a Libras como *freelancer* para empresas.

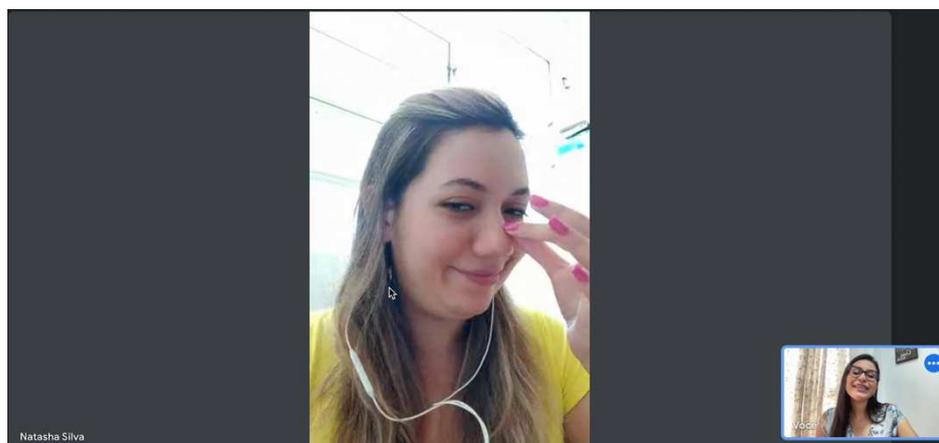
Natasha passou por várias instituições de ensino durante sua trajetória profissional, como SENAC, SENAI, UNILASALLE e ULBRA, até chegar ao IFRS como temporária por dois anos, incluindo o tempo de atuação no projeto. No momento atual, ela permanece como terceirizada na mesma instituição.

Natasha relatou que, apesar de ter se identificado com a área da linguística durante o curso de extensão de formação para intérprete de Libras, ela sentiu falta de mais práticas de tradução e interpretação. A participante também mencionou que teve uma boa base teórica no curso que aconteceu na mesma época em que ocorreu o Letras/Libras bacharelado e, por isso, tinha acesso aos materiais por meio dos professores. Contudo, a prática realmente foi insuficiente, principalmente a de interpretação, na qual ela justifica por ter sido um curso de curta duração (um ano).

Logo depois do momento inicial da apresentação e narrativa autobiográfica, deu-se início à autoconfrontação. Após as orientações básicas, foi informado à participante que os comentários poderiam ser tecidos a qualquer momento. Enquanto ajustava a projeção do curso na tela, Natasha sinalizou uma gíria em Libras no nariz³⁷, como mostra a figura 21, demonstrando claramente o estranhamento do momento. Em seguida, ela riu.

³⁷ Em uma tradução livre, essa gíria pode significar, de forma irônica, a expressão “Socorro!” ou “Misericórdia!”.

Figura 21 - Sinalização de uma gíria em Libras durante a autoconfrontação



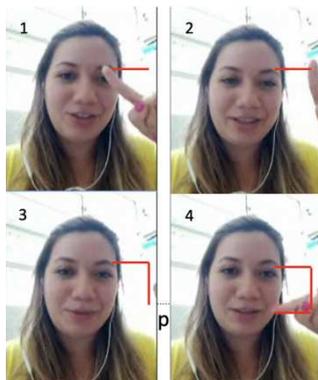
Fonte: Elaborado pela autora.

O objeto disparador foi o vídeo do curso MOOC do IFRS - Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável. O vídeo observado era a tradução de um texto do português para a Libras, e foi escolhido por ter sido o primeiro curso do projeto traduzido por ela. No total, Natasha finalizou a tradução de dois cursos e, no terceiro, a tradução não foi concluída.

Foi solicitado à participante que contasse como era a dinâmica de trabalho naquele contexto, dentro dos limites, obviamente, de sua memória. Ela alegou, de modo muito sincero em determinado momento, que poderia não se lembrar de alguma coisa por ter transcorrido dois anos da tradução. Porém, ao iniciar sua fala sobre a dinâmica, Natasha lembrou de detalhes importantes sobre o processo.

EXCERTO 1:

<p>P: E como que tu te sente vendo o trabalho final?</p>	<p>Discurso-fonte da citação</p>
<p>N: Sinto que o apoio faltou bastante (intensidade na fala). E, como é que é, dá pra ver que tem vá... não só o enquadramento da câmera, que eu tinha que ter colocado um pouquinho mais pra cima.</p> <p>[</p>  <p>Depois eu fui ajustando também, conforme a compra de materiais, mas a parte de enquadramento também.</p> <p>[</p>	



Eu vi que várias vezes os sinais foram comidos.

P: Tá, e com... Isso que tu comentou agora, da compra de materiais, como é que foi isso pra ti?

Discurso-fonte da citação

N: Eu tinha espaço, no caso. Eu já tinha uma parede branca, minha casa é toda branca, então, foi bem tranquilo isso. Tanto é que eu nunca comprei o pano verde, até porque eu acho que pra tradução o verde fica... O verde *chromakey* né, ele fica ruim. E daí, eu não... Como designer né... Eu acredito que não fica bom pro olho. E no momento, o branco era o que tinha, então, eu tive que começar com o branco e ir até o final. Aí, deixa eu ver o que mais... Eu tive que conseguir um tripé com uma amiga, depois eu comprei o... a... O **anel** (inaudível)... A coisinha... (risos).



O tri que vem com o tripé, tudo, e a luz, aí ficou melhor. Deixa eu ver, sobre os materiais também, eu coloquei papel na frente das lâmpadas (risada).

P: Colocou o quê?

N: Papel, papel manteiga, porque vinha a iluminação direta e daí com a... Com o papel ele, ele difun... difunde um pouco a luz.

P: Entendi.

N: Porque ficou bastante sombra, eu tentei colocar uma luz atrás de mim, não funcionou, eu testei várias formas e depois com o papel ficou melhor. Um pouco melhor. Pelo menos não deu a sombra das outras lâmpadas.

EXCERTO 2:

N: Também na posição de mão que, depois com o tempo, a gente vai aprendendo que alguns sinais têm que dar uma viradinha pra conseguir visualizar melhor. Durante a tradução eu descobri isso. A tradução no trabalho remoto, né, e em *live* também, a gente descobre que tem que dar uma viradinha para algumas coisas.

P: Sim.

N: Mas eu achei bem ruim de não ter ninguém para ficar te corrigindo na postura... Dos sinais. Também os apoios, que tem horas que eu vi que eu tranco pra tentar lembrar, “que cara mesmo que eu tinha que fazer? O que será que eu escutei?”...

Natasha iniciou suas considerações, no excerto 1, apontando a falta do intérprete de apoio. A presença do intérprete de apoio configura-se como um trabalho em equipe. Russell (2011, p. 1) afirma que “A interpretação em equipe refere-se a situações de interpretação em que dois ou mais intérpretes trabalham em conjunto com o objetivo de criar uma interpretação, se beneficiando dos pontos fortes de cada um e apoiando-se mutuamente para garantir consistência e êxito”³⁸.

O trabalho em equipe envolve, pelo menos, duas posições: a do intérprete que realiza a atividade interpretativa, o intérprete de turno; e a do intérprete que está no suporte ou na espera para atuar no turno. No processo de tradução, o intérprete de apoio trabalha como um suporte para o que está realizando a gravação.

Segundo Nascimento (2023, p. 103), “o intérprete na função de apoio acompanha o trabalho da interpretação e monitora a mensagem dita na língua-fonte e a mensagem produzida na língua-alvo pelo intérprete de turno”. Natasha mencionou que a presença do intérprete de apoio poderia ter lhe auxiliado mais rapidamente na detecção de equívocos e proposto melhorias, como a posição da câmera e do enquadramento, que ela conseguiu identificar apenas posteriormente.

Carneiro, Vital e Souza (2020), reiteram a relevância da presença desse profissional durante o processo tradutório, contribuindo com a diminuição de retrabalho na etapa de regravação, pois, ao acompanhar a gravação, o intérprete de apoio pode identificar os equívocos, como os mencionados por Natasha, e corrigi-los rapidamente. Os autores denominam o intérprete de apoio de supervisor de filmagem; porém, neste trabalho o denominaremos como intérprete de apoio.

Segundo Carneiro, Vital e Souza, 2020,

O supervisor de filmagem é o tradutor responsável por acompanhar a filmagem oficial do texto e verificar se a sinalização (produção linguística na Libras - Língua Brasileira de Sinais) corresponde aos rascunhos já revisados, além de atentar para problemas de ordem técnica que possam acarretar a necessidade de refilmagem da cena, como falta de clareza na execução de um sinal ou erro em uma soletração manual. O trabalho do

³⁸ No texto-fonte: “*Team interpreting refers to interpreting situations where two or more interpreters are working together with the goal of creating ONE interpretation, capitalizing on each other's strengths, and supporting each other for consistency and success*”.

supervisor diminui drasticamente a necessidade de refilmagens posteriores (Carneiro; Vital; Souza, 2020, p. 142).

Na continuidade da observação do vídeo e em um ponto posterior, Natasha recordou, como ilustrado no excerto 2, outros momentos em que a assistência do intérprete de apoio se tornaria crucial. Simultaneamente à sua narrativa oral, Natasha elaborou o léxico em Libras, utilizando uma das mãos para o termo “*câmera*” ao mesmo tempo em que explicava que o objeto deveria ser posicionado mais acima. Nesse instante, ela ajustou a posição da mão, movendo-a para uma posição superior, como se estivesse ajustando a câmera. Ao discutir o enquadramento da janela de Libras, a participante também sinalizou o léxico correspondente à “*janela*”, conforme demonstrado na imagem no excerto 1.

Visto que a Libras e o português são línguas produzidas por canais articulatorios diferentes que não concorrem entre si (Quadros; Lillo-Martin; Pichler, 2011), Natasha produziu os itens lexicais “*câmera*” e “*janela*” em Libras e em língua portuguesa simultaneamente, uma prática comum entre falantes bilíngues bimodais (Quadros, 2017).

De acordo com Sousa e Quadros (2012), o fenômeno da sobreposição de língua, conhecido como *code-blending* em inglês, ocorre exclusivamente quando indivíduos bilíngues utilizam línguas que possuem modalidades linguísticas diferentes. Isso acontece porque os mecanismos de articulação não entram em competição. Como resultado, é possível observar a produção simultânea de sinais gestuais ou não-verbais juntamente com a fala oral durante seu ato de enunciação.

Ao prosseguir com a autoconfrontação, Natasha foi questionada sobre as estratégias utilizadas durante o processo.

EXCERTO 3:

P: Qual foi a estratégia que tu utilizou pra gravação? Tu memorizava ali, escutava?

N: Como é que eu fiz... Áudios, mandei num grupo meu do *WhatsApp*, de mim para eu mesma. Não funcionou em alguns momentos, porque eu tenho o costume de ler rápido. Quando eu leio pra mim, eu leio rápido e eu tentei ler de uma forma mais... Que eu conseguisse interpretar depois. Aí, não funcionou em muitos áudios. E... Como é que é... Eu também tive que fazer a estratégia de pegar, ler a glosa que eu tinha feito, ler o texto em português, ler a glosa e escutar o áudio pra saber como é, a ênfase, quando que não é, porque na hora que eu tava escrevendo a ênfase tava na minha cabeça, mas na hora de gravar o áudio (*coloca a mão no queixo, como se estivesse contracenando aquele momento*), “O que será que eu quis dizer aqui mesmo?”. Eu peguei e fiz todas as glosas, depois eu fiz todos os áudios e depois eu fiz os vídeos. Então, eu tive que ir

buscando lá atrás (aqui ela faz uma sinalização que remete ao sinal de passado), “não, isso aqui era o texto que estava dizendo”. Ai, grava de novo que não era bem isso que a glosa tava falando, tava querendo dizer. Aí, ah gravei. Tá, vou sinalizar, tá muito rápido, volta, grava de novo. Isso também foi bem complicado de fazer sozinha.

P: E como que foi o processo, ãh da metodologia de trabalho? Fala um pouquinho sobre isso.

N: Ah, deixa eu ver, ãh, eu li o material (inaudível), conversei com a colega, preparei o material com ela, aí li o material. Eu não sei se eu li e já fui glosando, não me lembro ou eu li tudo e depois eu fui lendo de novo e fazendo a glosa, acho que, tipo, um misto dos dois. Aí tinha muito termo, termos que eu não conhecia também. Tinha muita coisa sobre história, ãh, no caso... (inaudível) Estudado muito no (inaudível) e realmente eu não tive história do Brasil na, no, durante o meu ensino básico, então, tudo que eu traduzi foi novo (risos). Não tinha ideia do que estava acontecendo ali. Fora os termos específicos de agronomia, e... Ecologia e agricultura que tinha nesse trabalho específico. E aí, muita coisa não tem sinal, e aí.. Ah, dá pra fazer a estratégia de, ãh, empréstimo linguístico. Tá, mas aí depois tem um outro termo que se eu fizer esse empréstimo linguístico vai ficar a mesma coisa desse outro, desses dois termos juntos, ãh, e aí discutindo com a colega foi muito, sobre os termos. Mas a metodologia foi praticamente leitura, pesquisa e glosa. Sinalizando junto ali né.

No excerto 3, Natasha descreveu o processo de planejamento e execução da tradução, onde ela colaborou com sua colega para criar o estudo, as glosas e os áudios antes de prosseguir para a gravação. As glosas foram elaboradas e, após serem transformadas em áudio no celular, foram compartilhadas em um grupo no *WhatsApp* composto apenas por ela mesma, para que ela pudesse ouvi-las posteriormente e realizar a gravação.

Natasha mencionou o desafio de sinalizar na mesma velocidade do áudio, o que muitas vezes lhe exigia a revisão do material para garantir a correspondência com o texto original. Durante a gravação, ela frequentemente precisou parar e regravar quando percebia que a sua sinalização não correspondia ao texto ou quando o áudio estava muito rápido. Portanto, segundo a participante, todo esse processo de gravação se revelou complexo quando realizado individualmente.

De acordo com as formulações de Bakhtin (1988), a linguagem possui dimensões dialógicas e ideológicas intrinsecamente vinculadas a contextos históricos específicos. Cada palavra carrega propósitos subjacentes que demandam uma análise cuidadosa para desvendar o conteúdo discursivo, seja ele oral ou escrito. A compreensão não se limita apenas à identificação da expressão linguística formal e das convenções normativas da língua, mas também inclui a interpretação de subtextos e intenções não explicitamente expressas.

Quando Natasha se afastou da posição de interlocutora da atividade, ela colocou a mão no queixo e recriou uma fala evocada a partir da sua visão na tela: “O que será que eu quis dizer aqui mesmo?”. Essa ação era uma maneira de relembrar

a situação que ocorreu durante a atividade, com base em seu cedente de visão. A partir da perspectiva dialógica do discurso, podemos compreender que o autoconfrontado deve

[...] entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, contemplar o horizonte dele como o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (Bakhtin, 2010, p. 24).

Para Bakhtin (2010, p. 298-299), “A entonação que isola o discurso do outro (marcado por aspas no discurso escrito) é um fenômeno de tipo especial: é uma espécie de alternância dos sujeitos do discurso, transferida para o interior do enunciado”. Na sequência, ela colocou-se novamente na posição daquele indivíduo do vídeo quando diz “*não, isso aqui era o texto que estava dizendo*”.

Desta forma, ela viu-se através do excedente de sua visão, naquele momento de construção daquela materialidade que foi vivida em outro cronotopo e que agora está diante dos seus olhos, mas que “[...] está ainda vivo, que não é somente o que aconteceu ou o que foi feito, mas também o que não aconteceu ou o que não foi feito e que se poderia eventualmente fazer” (Clot, 2010, p. 192). Para o autor, a autoconfrontação pode ser compreendida como

uma atividade psíquica de auto-observação [...], um diálogo no interior do sujeito entre todas as suas vozes. A autoconfrontação simples propõe um novo contexto no qual o próprio sujeito se torna um observador exterior de sua atividade [...]. O comentário das gravações em vídeo do trabalho realizado sem dúvida ocorre mediante interpretações e questões já levantadas pela auto-observação. Mas a atividade, até então essencialmente intrapsicológica, torna-se interpsicológica. (Clot, 2010, p. 192)

Natasha seguiu falando sobre outra estratégia usada no processo tradutório: a consulta aos colegas, como pode-se ver no excerto 4.

EXCERTO 4:

N: Nas estratégias de tradução mesmo, eu compartilhei bastante com a colega, com os próprios colegas né, com quem tem mais experiência pra ver... realmente eu digo que é um assunto bem “densinho”.

P: E como era feito o compartilhamento com os colegas?

N: Zap zap? (risos)

P: Por grupo? No privado?

N: Mais no privado, que aí eu pegava alguns colegas que eu sei que já trabalhavam com tradução e que eu tenho mais intimidade também.

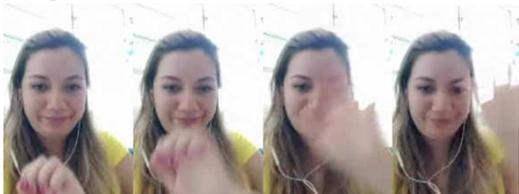
Natasha comentou que a consulta aos colegas era realizada por meio do “Zap zap”. Ela utilizou esse termo para referir-se ao *WhatsApp*, um aplicativo gratuito lançado em 2009 para smartphones, que possibilita o compartilhamento de mensagens de texto e voz, fotos, vídeos e documentos, além de chamadas de voz e vídeos utilizando a *internet*. Segundo o *site* da Forbes, no ano de 2020 o *WhatsApp* alcançou a marca de 2 bilhões de usuários, consolidando-se como a segunda maior plataforma de mídia social no mundo a atingir esse feito. Dessa forma, percebe-se que essa ferramenta é muito utilizada e que tornou-se acessível a todos.

Aqui, é possível perceber que Natasha utilizou dois critérios para selecionar suas referências para consultas no desempenho da atividade: (i) pessoas que já atuavam com tradução, ou seja, pessoas que já tinham experiência na atividade; e (ii) pessoas com quem ela possuía mais intimidade, pois, desta forma, ela se sentia mais à vontade para sanar suas dúvidas.

Nas cenas subsequentes, ao abordar a utilização do alfabeto manual (datilológico), uma estratégia tradutória que emprega as letras do alfabeto de forma manual para representar nomes de indivíduos, locais ou terminologias que careçam de sinais correspondentes, Natasha descreveu que levou um tempo até que ela identificasse o local espacial mais apropriado para a sua execução, como exemplificado em sua declaração no excerto 5.

EXCERTO 5:

	Discurso-fonte da citação
<p>N: Também a posição do datilológico que eu fui descobrir depois, onde é que eu tinha que botar (risos). Preocupada onde vai aparecer melhor, aí às vezes sai aqui, às vezes sai aqui, às vezes sai aqui</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">[</div> <div style="text-align: center;">[</div> <div style="text-align: center;">[</div> </div>	
P: E como é que tu definiu qual era a melhor forma?	Discurso-fonte da citação
N: Na <i>live</i> eu gosto de fazer aqui na frente	

<p>[</p>  <p>e geralmente [o fundo] fica preto e daí fica bem mais claro de... Claro de entender</p> <p>[</p> 	
<p>P: Uhum...</p>	<p>Discurso-fonte da citação</p>
<p>N: como é que é, o ideal... Na vida é esse aqui né, do ladinho do ombro.</p> <p>[</p>  <p>Mas pra... dependendo da gravação, onde... (inaudível) Aí tem que fazer na frente do corpo. Aí, tem que cuidar também a blusa, se não tem um decote muito profundo... (inaudível). Se fizer o sinal aqui também no pescoço já fica meio... Meio grave, não.... Traduzindo (risada).</p>	
<p>P: Responde em Libras: Entendi.</p> <p>[</p> 	

A preocupação de Natasha com relação a melhor localização para realizar o uso datilológico é pertinente, uma vez que, segundo Nascimento (2016), o fundo adequado possibilita a boa visualização dos sinais.

A NBR 15.290 estabelece diretrizes gerais referentes à acessibilidade em comunicação televisiva. Dentre as várias orientações, no que tange ao fundo da janela de Libras, ela instrui que devem ser evitados fundo e vestimenta em tons próximos ao tom da pele do intérprete. Assis Silva, (2020, p. 118) menciona que a

roupa do tradutor deve servir de pano de fundo para as mãos, ele afirma que se o intérprete “tiver pele negra ou morena, deve usar roupa clara; se branca, deve usar roupa escura, garantindo o contraste”.

Ao continuar sua fala, a participante relata como foi trabalhar em um espaço que não era institucional, mas sim seu lugar de descanso e lazer e que rapidamente se transformou em seu novo ambiente de trabalho, o que talvez não fosse um problema, se os elementos pertencentes à família não permanecessem lá também.

EXCERTO 6:

N: Ah, sem contar que foi com gato, cachorro, marido, ca... Como é que é... Caminhão do ovo, moto acelerando... (risos).

P: Conte-me mais sobre isso... (fala sobreposta).

N: Caminhão passand... (risos). É, às vezes o vídeo tá indo... Ou o marido passando nu atrás da câmera (risos)... Como é que é, o vídeo já está ali na terceira, quarta, quinta tentativa, né. A primeira não foi, aí grava de novo, aí a segunda não foi, aí tenta até pegar no tranco né, tá indo, tá indo, aí passa alguma coisa, aí eu não escuto muito bem o quê que foi falado. O quê que foi falado mesmo? Pera, para e grava de novo (risos). Um clássico rabo de gato passando... Gato miando... Cadela aparecendo... Os vizinhos soltando foguete. “Vamos soltar foguete!”. Daí a cadela vem (risos).

P: Tudo. Todas as possibilidades possíveis.

N: Todas as possibilidades. Aí na minha rua não tem quebra-molas, por não sei quantos quilômetros, aí os carros passam meio rapidinho. E às vezes o pessoal vem pra testar carro ali também, então, é barulho.... (inaudível) e volta.

P: Bah! Os desafios do trabalho remoto.

A norma técnica da Febrapils destaca que, para garantir uma interpretação remota simultânea de alta qualidade, é fundamental que o intérprete atue em um ambiente livre de ruídos ou distrações (Febrapils, 2020). No entanto, é importante reconhecer que, no contexto da pandemia, essa recomendação foi desafiadora para ser cumprida, dependendo da situação familiar de cada profissional. Além disso, a norma técnica também aborda as condições ideais do ambiente para uma interpretação remota eficaz, incluindo a necessidade de um espaço reservado, a ausência de trânsito de pessoas e a presença de uma parede com fundo neutro e boa iluminação, dentre outros aspectos.

Natasha menciona que os componentes de sua família como o marido, o gato e a cachorra acabaram por interferir na realização da sua atividade. Mesmo havendo uma nota técnica da Febrapils com orientações para a organização do ambiente de

trabalho remoto, a estrutura arquitetônica da residência e a familiar também acabam por interferir no processo.

Marques (2020), relata como foi para ele esse processo de trabalho remoto em meio a rotina familiar no período da pandemia.

Sempre interpreto na sala da minha casa, porque fica mais perto do roteador de *internet*. Já tentei interpretar no quarto, mas a minha imagem sempre ficava travando, prejudicando a qualidade da interpretação. [...] na sala fico bem mais exposto aos barulhos e movimentações da minha família, o que também dificulta a interpretação em outros aspectos. Por estar na sala, fico suscetível: aos barulhos da cozinha, praticamente integrada à sala, à necessidade de dar atenção ao meu filho, a algum desenho que deixamos na TV para que meu filho possa ficar um pouco mais parado (Marques, 2020, p. 27).

Coleta e Salum (2020) já advertiram sobre as várias dificuldades associadas à realização do trabalho na modalidade remota: presença dos filhos em casa, questões relacionadas à ergonomia, gestão do tempo, manutenção do foco e aumento da produtividade. Essas adversidades tornam complicada a tarefa de equilibrar as atividades profissionais e pessoais.

No excerto 7, Natasha falou das dúvidas que foram surgindo ao longo do seu trabalho de tradução e que eram sanadas nas reuniões com a equipe que estava atuando no projeto. Aqui, percebe-se também a importância do conhecimento de todas as etapas do processo e do projeto como um todo.

A edição, por exemplo, não era uma atividade realizada pelos intérpretes; porém, ela estava diretamente ligada ao processo tradutório, já que para realizar os apontamentos quando fossem inseridos materiais visuais no vídeo, o intérprete precisava conhecer como seriam editados e inseridos esses elementos para, então, saber o lugar que deveria apontar durante a sinalização da tradução.

EXCERTO 7:

N: As dúvidas no início foi surgindo, a gente que teve uma reunião, acho que em algum tempo depois do início, não tenho ideia de quanto tempo depois do início desse projeto. Ah, que todas as gurias tiraram bastante dúvidas e eram dúvidas, e eram dúvidas de todo mundo. Ah, texto a gente tem que traduzir? Vídeo a gente tem que traduzir ou vai ter legenda? A questão de legenda, de imagem, de legenda de foto, tem que fazer marcação de capítulo ou não, como é que a gente faz cada parte do capítulo, a gente faz vários videozinhos, a gente faz um vídeo inteiro? Enfim, o pessoal foi perguntando e a gente foi falando e (inaudível) sei lá as minhas dúvidas foram as das colegas também. E a questão dos termos técnicos que foi... Ah.. como é que é... Não foi só nesse projeto, né, é na vida. Então, nesse projeto a gente só precisou realmente estudar mais por ser tradução.

No excerto 8, Natasha mencionou o desafio de realizar a atividade desconhecendo o público-alvo de sua tradução. Nesse ínterim, um dos desafios enfrentado pelos tradutores no processo de tradução é a configuração da interação entre os participantes, o que nos remete aos argumentos de Sobral e Guimarães quando escrevem que:

Pensar no contexto implica pensar também na recepção ativa do interlocutor do discurso, isto é, todo discurso tem um tom, uma valoração que aproxima locutor e interlocutor, trazendo este último para a superfície discursiva. Esta relação entre entoação avaliativa e recepção ativa mostra que todo discurso é endereçado e, através dos presumidos, faz emergir em sua superfície um embate de vozes, de posições, de ideologias, em que participam ativamente locutor e interlocutor (Sobral; Guimarães, 2015, p. 105).

Na interpretação presencial, atividade que era realizada majoritariamente pelos intérpretes da instituição antes do início da pandemia, ocorre o olho no olho, proximidade entre o interlocutor e o receptor com observações efetivas de resposta (positiva ou negativa) diante do exposto, e o uso de outras estratégias como apontar etc., conforme mencionado por Natasha. Já na tradução remota ou em *home office*, tem-se a ausência de referência do receptor e de sua resposta ao que está sendo traduzido, como exposto pela participante no excerto 8.

EXCERTO 8:

N: É que na interpretação de sala de aula específica, a gente tem outras estratégias. A gente consegue conversar com o Surdo, a gente consegue apontar, a gente consegue desenhar se realmente não tiver outra forma de... de... enfim conseguir passar a informação, desenhar em último caso, né. Mas na tradução, por não ter, como é que é, a gente não tem acesso ao interlocutor, né. A gente não saber o que ele tá entendendo, então complica mais. Pela própria tradução, pelo próprio processo de tradução ser eu comigo mesma, com outra pessoa eu ter que tirar a minha ideia e tentar passar pra outra pessoa que eu não sei quem vai ser.

EXCERTO 9:

N: A gente também teve o apoio de um Surdo no processo de tradução, ou supostamente a gente teria um Surdo por tantos cursos, durante o processo de tradução, mas a gente mandou os vídeos, a gente foi compartilhando os vídeos, e acho que eu tive uma ou duas vezes que o Surdo me retornou. Ou estava muito bom (risos), e ele não reclamou (som da vinheta final do vídeo que estava rolando toca e eu retiro), daí ele pediu para corrigir um ou dois vídeos ali que eu tinha confundido o sinal de sistemas. Enfim, como é que é... Sistema de informática e sistema de sistema, daí eu me perd... Eu confundi (faz um aceno com a mão de confusão, mas não é o sinal). Daí, eu: tá bom (inaudível) (risos). Ficou uma hora um, outra hora outro, aí eu fiz esse e no outro vídeo também tinha uma pequena coisinha pra corrigir, e no resto não teve mais. Ou eram muitos vídeos e tava com muito trabalho e talvez ele não tenha conseguido acompanhar. Mas foi poucos os *feedbacks* que eu recebi.

Natasha mencionou, no excerto 9, a presença de um revisor Surdo para realizar a verificação dos seus vídeos. Ela comentou que o Surdo a procurou para que ela pudesse regravar uma ou duas vezes. A participante recorda que, em uma das vezes, havia confundido o sinal de “*sistema*” (conjunto de elementos relacionados, criados para realizar um objetivo definido) com o “*sistema computacional*” (informática).

O *feedback* de sinalizantes Surdos foi muito valioso para balizar as escolhas tradutórias de tradutores ouvintes, como adaptações culturais e a adaptação do texto escrito de uma modalidade vocal auditiva para a oralidade da Libras de modalidade gesto visual. Se até mesmo uma equipe de tradução formada principalmente por sinalizantes Surdos foi beneficiada pelas críticas do público Surdo, tanto mais benéfico seria essa validação para trabalhos de tradução de português para Libras desenvolvidos por equipes compostas apenas por ouvintes. Portanto, toda tradução nessa direção do par linguístico deveria incluir no mínimo um sinalizante Surdo, mesmo que não seja um tradutor, esse membro da equipe poderia atuar como consultor Surdo (Alves, 2019, p. 34).

Anjos (2017), em seu estudo sobre a tradução para Libras no contexto cinematográfico, complementa que, pela atuação dos consultores Surdos, o texto em Libras sofre adequações. Esse fato indica que a participação dos revisores Surdos serve para aprimorar a qualidade da tradução. No caso mencionado, o consultor solicitou que Natasha regravasse o texto adequando o sinal de “*sistema*” que se encaixasse melhor no contexto da mensagem, aprimorando a tradução.

Em determinado momento de seu relato, Natasha mencionou que a tradução, como atividade central, ocupou muitas horas consecutivas de sua carga horária, e destacou o surgimento de uma sensação de cansaço e monotonia decorrentes desse esforço prolongado. Contudo, em contrapartida, ela também ressalta os benefícios resultantes da prática tradutória, especialmente no contexto da pandemia, que impôs a necessidade do distanciamento social.

Segundo sua perspectiva, as diversas fases envolvidas no processo de tradução lhe proporcionaram a oportunidade de refletir sobre a sua prática, visando o aprimoramento de sua atividade tradutória. Esses aspectos, no cotidiano da interpretação, muitas vezes, passam despercebidos.

Além disso, Natasha destaca que participar do projeto contribuiu para a manutenção de sua proficiência em Libras, prevenindo o seu risco de esquecimento da língua durante o período de restrições sociais.

EXCERTO 10:

N: A interpretação é praticamente o que eu faço durante o ano (risos), trabalhar só com interpretação, que dificilmente, a gente trabalha com tradução, mas eu sei que a... como é que é... por mais chato, enfim, a tradução ela, me ajudou na pandemia a buscar outras estratégias, e refletir sobre as estratégias que a gente usa, e refletir aonde é que a gente posiciona as coisas e como é que a gente se comporta na frente da câmera ou do Surdo. A tradução é bom, porque ela te faz refletir sobre isso, mas tem momentos, assim, que tem que parar de fazer e voltar pra interpretação e voltar, e voltar... (faz gesto de um lado para o outro) e ficar nesse processo. É que a gente deveria fazer mais tradução, refletir mais sobre a tradução, mas a gente não tem tempo dentro do trabalho pra isso muitas vezes, então, tu fica só interpretando, e aí tu não pensa, não reflete sobre a forma de fazer aquilo.

P: Hum, entendi, entendi...

N: (inaudível) pré-processo, né. Seria o pré-processo da interpretação, mas a gente vai direto pra interpretação e fica nisso, o tempo todo.

P: Sim, uhum... Legal... Interessante essa fala, essa reflexão sobre a vantagem que a tradução te propiciou.

N: E também, como é que eu quis dizer, que poucos Surdos também. Eu sou uma pessoa que não tem membros da comunidade surda na minha família ou no meu círculo comunitário ou no meu círculo de qualquer coisa. E daí não ter um Surdo conversando comigo durante a pandemia foi bem complicado, porque... Como é que é... O bom é que eu estava em processo de tradução, então eu tinha que assistir muitos vídeos, eu tinha que fazer, eu tinha que estar em contato direto com a língua, mas em questão de... como é que é... Ver outra pessoa sinalizando, eu já comecei a me perder também nesse período. Mas a tradução foi bom, porque daí eu tinha que pensar em Libras, eu tinha que falar em libras. Todo esse processo daí me ajudou a não esquecer (risada).

Um ponto interessante para reflexão é a falta de valorização da tradução na instituição. Nas falas das participantes, percebe-se que essa não é uma atividade corriqueira do profissional TILSP em seu cotidiano.

No histórico apresentado, observa-se que a tradução dos cursos MOOCs era uma demanda reprimida da instituição, aparentemente devido à falta de carga horária disponível dos profissionais. Normalmente, eles utilizavam sua carga horária completa para atuar em sala de aula, conforme mencionou Natasha: “A gente deveria fazer mais tradução, refletir mais sobre a tradução, mas a gente não tem tempo dentro do trabalho para isso muitas vezes. Então, tu fica só interpretando, e aí tu não pensa, não reflete sobre a forma de fazer aquilo.”

Logo, percebe-se que essa atividade só foi possível devido à suspensão do calendário acadêmico na instituição, pois com o cancelamento das aulas, os TILSPs

tiveram carga horária disponível para a tradução dos cursos. No entanto, ao ser retomado o calendário acadêmico, a atividade de tradução foi interrompida e não foi possível retomá-la e continuá-la da mesma forma que no período pandêmico.

Um outro questionamento feito à Natasha estava relacionado a sua formação em tradução. Com o objetivo de identificar se havia lacunas ao longo da formação profissional dos TILSPs que pudessem ter interferido na realização da atividade de tradução, esse tema foi trazido para a autoconfrontação.

A autoconfrontação foi finalizada com uma pergunta sobre a experiência de tradução dos cursos MOOCs.

EXCERTO 11:

P: E com relação a tua formação, né, tu comentou ali que tu é formada como intérprete, né?

N: Eu fiz o curso de extensão de tradução e interpretação.

P: O curso aquele de extensão na ULBRA?

N: Isso.

P: Em que ano que foi, tu lembra?

N: Em 2010 eu comecei e terminei em 2011.

P: Uhum...

N: Como é que é... Na época que o Letras/Libras ainda estava sendo cursado e os guris traziam bastante materiais deles. E tinha muita coisa que não existia ainda na época (risos). Não tinha pesquisas tanto, então. Como é que é, meu curso ele foi bom, mas ao mesmo tempo se eu fizesse hoje, seria outro curso (risos).

P: Sim, faz sentido. E o que que tu acha assim, que poderia ter na formação, como tu comentou agora né, que a formação seria muito diferente, ãh, o que que tu acha que deveria ter, por exemplo, e que não teve na tua?

N: A minha, eu acho que a gente teve pouca prática de tradução e interpretação, a gente tinha mais oficinas. Tinha oficinas extras, só que eu também tinha faculdade, então, muitas coisas eu não conseguia fazer de extra. Eu conseguia fazer o curso em si né, e até pelos horários eu não conseguia participar das outras atividades. Mas em termos de prática em sala de aula, de tradução do professor (aspas) corrigindo ali ou explicando qual a melhor estratégia para usar, isso aí faltou bastante. A gente tinha uma quantidade, para a época, muito boa de material teórico, mas a gente tinha, eu acho que a gente teve mais teoria do que prática no meu curso. E eu vi que em outros cursos, de outras instituições, e outras gerações tiveram mais prática.

N: Como é que é... Tava tudo dentro da cabeça, mas a prática da interpretação, a agilidade e tudo que envolve a interpretação em si, eu não tive. E daí eu ganhei realmente com o trabalho (risos), foi no tranco. E na tradução a gente teve bastante prática e, mesmo assim, eu achei que foi pouco, mas num curso de um ano também, não sei se tem como colocar mais do que foi colocado.

Natasha relata que, por realizar a atividade de interpretação durante a maior parte da sua atuação profissional, tendo em vista que, segundo ela, dificilmente

trabalhou com tradução, foi uma experiência positiva, pois lhe permitiu refletir sobre as possibilidades de estratégias e o uso do espaço durante o processo de tradução.

5.2. A HORIZONTALIDADE E OS TEMAS DE PESQUISADOR

No tópico anterior, foi examinada minuciosamente cada autoconfrontação em relação aos seus aspectos discursivos individuais, com foco na maneira como as participantes descreveram suas percepções. Nessa análise, buscou-se compreender as temáticas e os significados atribuídos pelas participantes com base nas suas interações na relação dialógica, estabelecida a partir da observação das gravações em que atuaram como tradutoras.

Bakhtin (2010) enfatiza que a linguagem é intrinsecamente dialógica, ou seja, é moldada pela interação de múltiplas vozes e perspectivas. Na autoconfrontação, cada participante traz em seu discurso suas experiências e visões. Os discursos foram analisados de forma verticalizada, considerando-se que cada tradutora representa uma voz única. Entretanto, na horizontalidade, essas vozes interagem e se entrelaçam, contribuindo para a construção de uma generalização de perspectivas e experiências coletivas.

A experiência de autoconfrontar-se não é consensual e a polêmica funciona como um instrumento que permite desenvolver um procedimento que não é o do comentário, mas um funcionamento dialógico interior em direção a enunciações que o autoconfrontado não poderia destravar sem a presença de um texto visualizável (imagem, fala....) que o força a ajustar os seus ditos com os seus feitos. Nesse momento, aparecem os objetos e as ações que o protagonista mobiliza para fazer o duplo movimento entre o discurso e a atividade, e tem-se a chance de captar os temas do sujeito, trazidos pelo seu discurso interior [...] (Vieira; Faïta, 2023, p. 43).

Dessa forma, sucede-se à análise da dimensão horizontal que, “diferentemente da análise vertical, em que cada discurso é tomado como um enunciado, passa a ser considerado como enunciado o conjunto das entrevistas”. Nesse caso, “é do pesquisador a seleção do que poderá ser generalizado na horizontalidade a partir da análise na verticalidade” (Campos, 2021, p. 412).

Um dos elementos-chave desta pesquisa reside na identificação das categorias relacionadas à horizontalidade que emergem a partir das autoconfrontações. Essas categorias representam temas recorrentes que conectam

as experiências dos participantes e fornecem uma compreensão mais ampla das práticas interpretativas comuns entre eles. Ao adotar a abordagem da horizontalidade, esta pesquisa busca identificar elementos compartilhados, permitindo, assim, a generalização das descobertas para um contexto mais amplo.

Essa investigação não apenas promoverá um aprofundamento na compreensão do trabalho interpretativo, mas também contribuirá para o enriquecimento da literatura acadêmica no campo da interpretação. Ao explorar as autoconfrontações e as categorias de horizontalidade, este estudo lança luz sobre os aspectos colaborativos e comuns que permeiam as práticas tradutórias, oferecendo, assim, uma contribuição valiosa para a pesquisa nesse domínio.

5.3.1. Trabalho em equipe de tradução

Esta análise inicia com a reflexão sobre o conceito de trabalho em equipe. Silva (2013), afirma que

O trabalho de interpretação em duplas consiste em um trabalho de equipe onde um intérprete apoia quando necessário. Enquanto um dos profissionais realiza a interpretação o outro, no papel de apoio, continua atento ao discurso proferido e ao colega, apoiando-o caso tenha dúvidas em relação à interpretação de algum termo por não conhecê-lo ou por não tê-lo ouvido de forma correta, por exemplo (Silva, 2013 p. 78, grifo da pesquisadora).

Nogueira (2016) aponta que “uma equipe de interpretação se refere a situações em que dois ou mais intérpretes estão trabalhando juntos com o objetivo de realizar uma interpretação, no qual um intérprete apoia o outro”. Desta forma, podemos afirmar que o trabalho em equipe de tradutores se caracteriza por uma relação dialógica entre os profissionais, que desempenham uma atividade colaborativa e mantêm diálogos construtivos para se ajudarem mutuamente.

Nos primeiros minutos do vídeo, a autoconfrontada 2 (Natasha) compartilhou, nos excertos 1 e 2, suas percepções sobre o apoio recebido durante a execução da atividade, enfatizando a falta de suporte e a intensidade dessa experiência negativa. Por outro lado, a autoconfrontada 1 (Luciana), apresentou uma perspectiva distinta em relação à autoconfrontada 2.

Mikhail Bakhtin introduziu o conceito de valoração, que diz respeito à atribuição de valores a diferentes pontos de vista e perspectivas. No contexto da

autoconfrontação, os sujeitos de pesquisa têm a oportunidade de expressar suas próprias valorações por meio de seus discursos. Especificamente no que diz respeito às práticas de trabalho em equipe, foi possível identificar o que ambas consideraram relevante e digno de valorização.

Durante as sessões de autoconfrontação, emergiu uma relação intrincada entre os discursos das participantes e o conceito de polifonia, que pode referir-se à coexistência de vozes autônomas e independentes. Uma análise mais aprofundada dos discursos nas autoconfrontações, nas quais elas compartilharam suas perspectivas sobre o trabalho em equipe, revelou uma distinta perspectiva de vozes e percepções. A polifonia torna-se relevante ao reconhecer que cada indivíduo traz consigo sua própria bagagem cultural, social e histórica, influenciando sua maneira única de perceber o mundo. Quando duas pessoas expressam opiniões diferentes, essas vozes distintas estão apontando para uma pluralidade axiológica em torno do mesmo tema.

A teoria de Bakhtin (2018) destaca a interação dinâmica entre essas vozes, em que diferentes pontos de vista não estão simplesmente em conflito, mas também se influenciam mutuamente. A polifonia reconhece a complexidade do discurso, permitindo a coexistência e a interação de diversas perspectivas, enriquecendo, assim, a compreensão das opiniões em jogo.

Portanto, a perspectiva divergente entre duas pessoas pode ser entendida à luz da polifonia como uma expressão da multiplicidade de vozes e pontos de vista presentes no diálogo. Essa polifonia enriquece a complexidade dos discursos, possibilitando uma reflexão mais ampla e abrangente sobre determinados temas que, mesmo coexistindo, divergem entre si.

EXCERTO 6 - AUTOCONFRONTADA 1 (Luciana)

L: Na verdade, esses primeiros trabalhos **organizaram a gente em dupla** pra fazer, né. Então, **tu tinha o apoio da outra pessoa** pra trocar figurinhas, enfim, pra combinar os sinais porque ia ser dentro do mesmo curso né. Tinha que ter uma combinação ali. Então a gente acabava se reunindo algumas vezes...

EXCERTO 1 - AUTOCONFRONTADA 2 (Natasha)

N: Sinto que **o apoio faltou bastante (intensidade na fala)**. E, como é que é, dá pra ver que tem vá... Não só o enquadramento da câmera, que eu tinha que ter colocado um pouquinho mais pra cima. Depois eu fui ajustando também, conforme a compra de materiais, mas a parte de enquadramento também. Eu vi que várias vezes os sinais foram comidos

EXCERTO 2 - AUTOCONFRONTADA 2 (Natasha)

N: Mas eu achei bem ruim de não ter ninguém para ficar te corrigindo na postura... Dos sinais. Também os apoios, que tem horas que eu vi que eu tranco pra tentar lembrar “que cara mesmo que eu tinha que fazer? O que será que eu escutei?”...

A divergência evidente nas declarações de Luciana e Natasha sobre suas percepções acerca do apoio no contexto do trabalho em equipe pode ser submetida a uma análise sob a luz dos conceitos de Bakhtin. O autor introduziu o conceito de valoração, que diz respeito à atribuição de valores a distintos pontos de vista e perspectivas.

No cenário das sessões de autoconfrontação, as participantes articularam suas próprias valorações por meio de seus discursos, proporcionando *insights* acerca de como elas atribuíram valor à experiência de colaboração em equipe.

Todo enunciado reflete e refrata certo recorte do mundo social, uma certa projeção do mundo social, ou como Volochínov (2013) pontua em “O discurso na vida e o discurso na arte”, o enunciado é como um cenário da vida social. Esse cenário é sempre um cenário social-avaliativo, social-expressivo e social-axiológico (Fuza *et al.* 2021, p. 486).

Luciana mencionou sentir-se apoiada, principalmente devido à organização em duplas para realizar o trabalho. Ela destacou o apoio da colega com quem compartilhou a tradução no projeto, o que lhe proporcionou a troca de conhecimentos e a combinação de sinais, já que ambas estavam no mesmo curso. Essa perspectiva enfatiza a importância da colaboração e do apoio mútuo para o sucesso da tarefa.

Por outro lado, Natasha apresentou uma visão oposta, afirmando que sentiu a ausência de apoio. Ela apontou problemas relacionados ao enquadramento da câmera, à qualidade dos sinais, à carência de correções na sua postura e na execução dos sinais. Para ela, a falta de suporte prejudicou a qualidade do trabalho.

Essa divergência de perspectivas e valorações reflete a polifonia presente nas falas das participantes. A polifonia diz respeito à simultaneidade de vozes independentes e autônomas e, no contexto dessas autoconfrontações, as vozes de Luciana e Natasha são claramente distintas.

Para a ADD³⁹, os signos são ideológicos. Ideologia aqui não significa falsa consciência. Significa que todo signo é usado no discurso a partir de uma dada posição social e histórica de um locutor diante de seu interlocutor. Não recebemos palavras neutras da língua, mas signos que vêm de pessoas reais e revelam uma valoração, ou avaliação, do que é dito (Sobral, Giacomelli, 2016 p. 1093).

Essa divergência torna os discursos mais complexos e destaca a importância de considerar as diferentes valorações e perspectivas ao analisar o trabalho em equipe. A reflexão sobre essa divergência nos permite compreender como as vozes individuais se entrelaçam e contribuem para uma visão mais abrangente do processo nesse tipo de trabalho, evidenciando a riqueza da polifonia na análise das experiências.

As autoconfrontações das participantes apontaram para o início do projeto como um período de incertezas e dúvidas. A necessidade de esclarecimento se manifestou em questões essenciais: “*o que deve ser traduzido em texto?*”, “*quais elementos dos vídeos precisam de tradução ou legenda?*”, “*como lidar com a marcação de capítulos e a organização dos conteúdos?*”. Essas dúvidas não se restringiram a uma única integrante da equipe, já que eram questões compartilhadas pela maioria dos envolvidos.

EXCERTO 7 - AUTOCONFRONTADA 1 (Luciana)

L: Sim, a gente recebeu, na verdade, vários, várias orientações durante o processo, tá. De alguma regra em relação a roupa, cabelo, né. Maquiagem leve, ãh... Não usar acessórios, teve sim, foi bem amparado esse processo. Tinha pessoas que nos auxiliavam, pessoas que ficavam à disposição em caso de dúvida, com certeza. Não foi assim: “faz isso e pronto!” Teve uma reunião também prévia, antes né, quando nos comunicaram que ia ser feito esse processo de acessibilidade dos cursos, agendaram uma reunião para trazer todos os esclarecimentos. Acho que foi mais de uma vez inclusive. Sim teve todo o amparo.

EXCERTO 7 - AUTOCONFRONTADA 2 (Natasha)

N: As dúvidas no início foi surgindo, a gente que teve uma reunião, acho que em algum tempo depois do início, não tenho ideia de quanto tempo depois do início desse projeto. ãh, que todas as gurias tiraram bastante dúvidas e eram dúvidas, e eram dúvidas de todo mundo. ãh, texto a gente tem que traduzir? Vídeo a gente tem que traduzir ou vai ter legenda? A questão de legenda, de imagem, de legenda de foto, tem que fazer marcação de capítulo ou não, como é que a gente faz cada parte do capítulo, a gente faz vários videozinhos, a gente faz um vídeo inteiro? Enfim, o pessoal foi perguntando e a gente foi falando e (inaudível) sei lá, as minhas dúvidas foram as das colegas também. E a questão dos termos técnicos que foi... ãh... Como é que é... Não foi só nesse projeto, né, é na vida. Então, nesse projeto a gente só precisou realmente estudar mais por ser tradução.

³⁹ Análise Dialógica do Discurso.

Nesse contexto, o diálogo por meio de reuniões emergiu como uma ferramenta crucial para enfrentar essas incertezas iniciais. Conforme as participantes destacaram, a reunião ofereceu um espaço para que todas as dúvidas fossem apresentadas e discutidas. Nesse momento, a voz de cada integrante da equipe foi ouvida, e as preocupações e perguntas foram debatidas em um ambiente colaborativo. Esse processo reflete as ideias bakhtinianas de diálogo como um local de interação e co-construção do conhecimento.

É interessante observar que, ao longo do projeto, as orientações continuaram a ser uma parte integral do processo. Regras sobre vestuário, cabelo, maquiagem e o uso de acessórios foram fornecidas, contribuindo para a padronização e a qualidade do trabalho. Essas orientações não apenas refletiram aspectos práticos, mas também promoveram a igualdade no processo de tradução, criando um ambiente inclusivo para todos os envolvidos.

As autoconfrontações também mencionaram que a disponibilidade de profissionais para esclarecimento de dúvidas desempenhou um papel fundamental. As participantes sentiram-se amparadas, pois sabiam que havia suporte e recursos disponíveis quando necessário. Esse aspecto reforça a ideia de que o diálogo e a interação com outros membros da equipe e com os profissionais foram essenciais para a solução de desafios.

Além disso, as reuniões prévias, em que todos os esclarecimentos foram fornecidos, representaram uma prática consistente com a visão bakhtiniana do diálogo como um processo contínuo de interação. A disponibilidade de múltiplas reuniões, em diferentes momentos do projeto, demonstrou o compromisso com o diálogo e a co-construção de conhecimento.

Portanto, as autoconfrontações revelam como o diálogo e as interações em equipe também desempenharam um papel fundamental na condução eficaz do projeto. Por intermédio da comunicação, da busca por esclarecimentos e do compartilhamento de dúvidas, as relações dialógicas enriqueceram a experiência de trabalho em equipe, resultando em um processo mais eficiente e inclusivo.

Além do envolvimento de outros profissionais no âmbito da equipe como apresentado acima, é de extrema importância a contribuição de outros membros-chave, a exemplo do revisor, como evidenciado nos excertos a seguir.

EXCERTO 8 - AUTOCONFRONTADA 1 (Luciana)

L: [...] E outra coisa que me surpreendeu muito, eu não sei se tem a ver com o teu projeto de pesquisa, mas por ser essa a minha primeira experiência com tradução de vídeo, **o revisor era Surdo e eu fiquei muito contente, porque eu não acreditei quando ele entrou em contato comigo, pra trazer a primeira revisão e não tinha...** Tinha um vídeo pra refazer só, porque o meu cabelo caiu no meio do vídeo. E ele todo sem jeito pediu pra refazer esse único vídeo. E isso me trouxe, sabe, que eu não esperava que isso aconteceria. Enquanto todos os intérpretes estavam reclamando que iam ter que refazer milhões de vídeos, não aconteceu isso comigo. E eu não esperava mesmo (risada).

EXCERTO 9 - AUTOCONFRONTADA 2 (Natasha)

A gente também teve o apoio de um Surdo no processo de tradução, ou supostamente a gente teria um Surdo por tantos cursos, durante o processo de tradução, mas a gente mandou os vídeos, a gente foi compartilhando os vídeos, e acho que eu tive uma ou duas vezes que o Surdo me retornou.

A teoria da polifonia de Bakhtin (2018) reconhece que em qualquer discurso há uma multiplicidade de vozes e perspectivas que coexistem. Isso significa que as contribuições dos revisores Surdos representam vozes distintas dentro do discurso dos tradutores. Nesse contexto, os tradutores podem ser vistos como parte desse discurso polifônico, e a surpresa e felicidade que apresentaram-se na fala da autoconfrontada 1 refletem a interação entre essas vozes.

A valoração, de acordo com Bakhtin, refere-se à maneira como as vozes dentro de um discurso são avaliadas e hierarquizadas. É possível perceber nos excertos que as tradutoras valorizaram a contribuição dos revisores Surdos, destacando seu papel fundamental na revisão, que visou ao aprimoramento das traduções. Isso reflete a valoração positiva que elas atribuíram aos revisores e suas expertises.

Assim, a teoria de polifonia e valoração de Bakhtin pode ser utilizada para explicar e embasar as reações das tradutoras em relação aos revisores Surdos, destacando como a interação entre essas vozes contribui para a qualidade das traduções e o enriquecimento do processo tradutório em Libras em materiais audiovisuais.

5.3.2. Processo de tradução

Outro ponto elencado nas autoconfrontações foi o de tradução. A compreensão das etapas do processo tradutório e das relações dialógicas

subjacentes é fundamental para aprofundar o entendimento sobre a jornada a ser trilhada ao longo desse processo.

Embora o projeto tenha proposto uma metodologia estruturada em onze etapas, a técnica da autoconfrontação adotada teve o intuito de investigar a trajetória percorrida pelas participantes durante suas atuações. Essa abordagem justifica-se pela ênfase dada à análise horizontal, que considera as práticas de tradução em sua totalidade.

Nesse contexto, as autoconfrontações foram consideradas como um conjunto coeso, que compuseram o *corpus* de análise, permitindo a identificação de tendências, desafios comuns e estratégias gerais empregadas pelas tradutoras. O emprego da análise horizontal visa proporcionar uma compreensão abrangente do processo de tradução e dos diversos elementos que o atravessam do ponto de vista das próprias participantes da pesquisa, contribuindo para uma visão mais difundida e abrangente dessa atividade profissional.

EXCERTO 6 - AUTOCONFRONTADA 1 (Luciana)

L: Tá, ãh, primeiramente né, eu... Eu... Estudava... Eu me... me... Familiarizava com a questão do texto na minha língua, né. Pra depois que eu entendesse o conceito, enfim, tentar buscar algumas alternativas tradutórias para a língua de sinais daí. Tá, aí após isso, eu escrevia, eu sou muito de escrever, sabe. Então, eu escrevia toda glosa, como eu iria sinalizar, já, porque essa foi minha primeira experiência, né, fazendo vídeos. Então, eu fazia certinho ali a glosa como deveria ser e, fazia o áudio e depois escutava e gravava.

EXCERTO 7 - AUTOCONFRONTADA 1 (Luciana)

L: [...] Nesse primeiro momento, eu usava dois celulares, se eu não me engano. Um pra ouvir o áudio e outro pra gravar. E aí, depois sim, eu fui adquirindo o fundo verde, que foi aumentando as exi... Exi... A e-xi-gên-cia... Ai eu fui adquirindo o fundo verde, já usava o áudio para escutar no *notebook* e gravava no celular. Luzes era “*enjanbreichion*”, luminárias posicionadas (enquanto fala, Luciana gesticula com as mãos como se estivesse posicionando as luminárias em vários lugares no espaço-neutro. Balança a cabeça de forma afirmativa e sorri). Então, mas ali (se referindo ao vídeo que assiste) era só o celular do áudio e o celular da gravação mesmo, nesse primeiro vídeo, nesses primeiros né (risos).

EXCERTO 3 - AUTOCONFRONTADA 2 (Natasha)

N: Como é que eu fiz... Áudios, mandei num grupo meu do *WhatsApp*, de “mim para eu mesma”. Não funcionou em alguns momentos, porque eu tenho o costume de ler rápido. Quando eu leio pra mim, eu leio rápido e eu tentei ler de uma forma mais... Que eu conseguisse interpretar depois. Aí, não funcionou em muitos áudios. E... Como é que é... Eu também tive que fazer a estratégia de pegar, ler a glosa que eu tinha feito, ler o texto em português, ler a glosa e escutar o áudio pra saber como é, a, ênfase, quando que não é, porque na hora que eu tava escrevendo a ênfase tava na minha cabeça, mas na hora de gravar o áudio (coloca a mão no queixo, como se estivesse contracenando aquele momento). “O que será que eu quis dizer aqui mesmo?”. Eu peguei e fiz todas as glosas, depois eu fiz todos os áudios e depois eu fiz os vídeos. Então, eu tive que ir buscando lá atrás (aqui ela faz uma sinalização que remete ao sinal de passado), “Não, isso aqui era o texto que estava

dizendo”. Aí, grava de novo que não era bem isso que a glosa tava falando, tava querendo dizer. Aí, ah gravei, tá vou sinalizar, tá muito rápido, volta, grava de novo. Isso também foi bem complicado de fazer sozinha.

As autoconfrontações apresentadas nos excertos 6 e 3 ilustram o processo de tradução e as estratégias adotadas por Luciana e Natasha ao enfrentarem o desafio de traduzir textos do português para a Libras. Esses relatos são fundamentais para compreender o processo de tradução durante o período de pandemia na tradução dos cursos MOOCs do IFRS, e destacam a complexidade envolvida na tradução de textos do português escrito para a língua de sinais.

A especificidade de cada texto indica que os elementos melhor servem à sua análise (ressignificação, valoração, signo ideológico) são os que vêm de sua base: as relações enunciativas que ele cria. Os principais elementos desse cenário são precisamente o tempo, o lugar e as relações enunciativas entre os sujeitos envolvidos (Sobral; Giacomelli, 2018, p. 316).

O excerto 6, apresentado por Luciana, expôs as memórias do seu processo de tradutório. Ela mencionou a importância de primeiro entender o conceito do texto na língua-fonte, familiarizando-se com o conteúdo por meio do estudo dos materiais e, em seguida, buscando alternativas tradutórias para a língua de sinais.

Segundo Carneiro *et al.* (2020), “a leitura é feita pelo tradutor sob a ótica de leitor, a fim de construir o sentido do texto a ser traduzido posteriormente. Nesse momento, o tradutor procurará entender o objeto do texto, pesquisar suas referências, conceitos e terminologias apresentados na língua-fonte”.

Luciana também mencionou sua preferência por escrever, e tanto ela quanto Natasha descreveram o processo de glosa, que envolve a transcrição do texto original em língua de sinais, tendo em vista as diferenças de modalidade entre o português e a Libras. Quadros e Souza (2008) descrevem os desafios enfrentados pela equipe de tradução no processo de registro do português para a língua de sinais. Eles destacam a significativa relevância desse procedimento, porém ressaltam sua complexidade, uma vez que envolve a tradução entre línguas de modalidades linguisticamente distintas.

Nesse sentido, a equipe de tradutores/atores Surdos começou a vivenciar “ao vivo” os conflitos tradutório-processuais de “ler o texto em português, memorizando os significados desse para expressá-los na língua de sinais”,

ou seja, “sinalizar/encenar” diante da câmera. O uso da memória de textos longos é inviável. Assim, há a necessidade de “ler o texto na estrutura da língua de sinais com palavras do português”, ou seja, fazer uso de uma interlíngua escrita, uma espécie de “glosa” em português do texto na língua de sinais, para apoiar a memória da tradução sinalizada (Quadros; Souza, 2008, p. 186).

Souza (2010) discute a influência da exposição gráfica das diferenças de modalidade entre o português e a Libras no uso das glosas como ferramentas de suporte na tradução para Libras.

Assim, por conta da exposição gráfica das diferenças de modalidade entre o português e a Libras, por exemplo, o uso das glosas evidencia a complexidade dos procedimentos de tradução para língua de sinais. Isto é, como as glosas são ferramentas de suporte de tradução e constituem uma interlíngua escrita da estrutura do texto traduzido em Libras, nota-se que, a simples exposição gráfica das ordens das frases, dos elementos dêiticos, entre outros itens, revela as condições complexas e singulares em que acontecem os procedimentos tradutórios (Souza, 2010, p. 159).

Com base no destaque dado por ambas as participantes durante a autoconfrontação, é evidente que as glosas, como estratégias de atribuição semântica de enunciados de uma língua para outra, desempenham um papel fundamental na tradução da língua de sinais. Elas funcionam como uma representação gráfica para registro durante a fase de estudo, com o objetivo de ser um apoio à memória durante o processo de tradução. Em resumo, a representação gráfica de elementos como a ordem das frases e os elementos dêiticos, entre outros, revelam as complexas e singulares condições que caracterizam o processo tradutório.

Além dos aspectos abordados como a complexidade no uso das glosas, é importante atentarmos para a influência que as Línguas Orais (LOs) exercem sobre as Línguas de Sinais (LSs) nesse processo. Segundo Leite *et al.* (2021, p. 6-7), “o registro das LSs para fins de pesquisa tem sido historicamente mediado pela escrita das LOs de cada país, por meio da criação de sistemas de notação baseados em glosas das LOs para representação dos sinais manuais”.

Contudo, as glosas possuem alguns limites que devem ser considerados. Por exemplo, uma palavra glosada em uma LO e utilizada com determinado léxico pode não se enquadrar na referência semântica desejada em LS. De acordo com Nascimento (2023b), “ainda que os sujeitos realizem uma descrição detalhada da

composição material do trecho em Libras citado, o discurso oral transcrito apenas, sem a imagem, não revela a intermodalidade como complexidade discursiva”.

Um exemplo facilmente aplicado é a glosa do léxico da palavra “*casa*”, que pode não ser o significado próprio do sinal em LS, e que pode ser designado para morar, residir, residência etc. Se durante o processo tradutório essa diferença não estiver bem alinhada, pode confundir o campo de estudo da semântica lexical aplicada a Libras com o campo de Estudos da Tradução Libras-Português. Por isso, pensar em outras estratégias para além do uso de glosa, que se torna de certa forma limitada devido à diferença de modalidade entre a LO e a LS, deve ser considerado. Segundo Leite *et al.* (2021),

[...] especialmente nestes tempos de grande avanço tecnológico, dispomos de uma variedade de recursos para uma representação dos sinais que não envolvem a mediação das LOs – fotos, vídeos, além das próprias escritas de sinais, que embora possam não ser tão disseminadas para fins de comunicação cotidiana, certamente podem ser empregadas como instrumentos de registro, análise e apresentação de dados em pesquisas científicas (Leite *et al.*, 2021, p. 8)

O uso da gravação de áudio emerge como uma estratégia recorrente durante o processo de tradução, conforme discutido por ambas as participantes. Luciana relatou a prática de utilizar um dispositivo móvel para ouvir o áudio a ser traduzido, ao passo que, simultaneamente, outro dispositivo registrava sua imagem na Libras.

Por outro lado, Natasha identificou desafios ao adotar a estratégia de gravação dos áudios, particularmente a necessidade de ajustar seu ritmo de leitura que, de acordo com ela, tende a ser naturalmente rápido, de modo a viabilizar uma sinalização clara e adequada. Ela também salientou a importância de monitorar a ênfase dada a determinados termos e a entonação vocal durante a gravação, uma vez que o significado muitas vezes é transmitido não somente pelas palavras em si, mas também pela maneira como são vocalizadas. Essas considerações evidenciam um processo de tradução cuidadoso e iterativo, que destaca a centralidade atribuída à qualidade do trabalho realizado.

As tradutoras enfrentaram desafios como a necessidade de monitorar a velocidade da leitura, a entonação e a clareza na língua de sinais. Também é evidente a natureza reflexiva e iterativa do processo tradutório, com revisões

frequentes para aprimorar a qualidade da tradução final. Natasha mencionou a importância de revisar e refinar sua tradução, o que implicou na criação de várias versões e ajustes para garantir a qualidade final. Em ambas as autoconfrontações, observa-se a ênfase na compreensão profunda do texto de origem, na adaptação cultural e na importância da comunicação expressiva.

Durante a autoconfrontação das participantes, surgiram considerações relacionadas ao ambiente de gravação e aos fatores que prejudicaram suas atividades. Essas considerações mostram-se relevantes e merecem ser ponderadas como variáveis importantes. Vale ressaltar que, devido ao contexto de trabalho das profissionais durante o período pandêmico, que ocorreu em suas próprias casas, diversos elementos que não faziam parte da equipe de tradução foram introduzidos, como familiares e animais de estimação. Além disso, cada família dispunha de diferentes estruturas físicas e equipamentos em suas residências, como destacado por Luciana e Natasha. Segundo Nascimento *et al.* (2020),

[...] muitos profissionais viram-se, da noite para o dia, tendo que criar estratégias, aprender a lidar com plataformas e estruturas de áudio e vídeo para fazer com que a interpretação acontecesse com alguma qualidade. [...] Os intérpretes de língua de sinais precisam garantir uma transmissão da sua imagem visto que, conforme dito, texto de línguas dessa modalidade é acessado com a visualização do corpo do intérprete. Por isso, a estrutura demandada dos intérpretes de língua de sinais é mais parecida com a de um estúdio de filmagem (Nascimento *et al.*, 2020, p. 68).

EXCERTO 1 - AUTOCONFRONTADA 2 (Natasha)

N: Eu tinha espaço, no caso. Eu já tinha uma parede branca, minha casa é toda branca, então, foi bem tranquilo isso. Tanto é que eu nunca comprei o pano verde, até por que eu acho que pra tradução o verde fica... o verde ChromaKey né, ele fica ruim. E daí, eu não... como designer né... eu acredito que não fica bom pro olho. E no momento o branco era o que tinha, então, eu tive que começar com o branco e ir até o final. Aí, deixa eu ver o que mais... Eu tive que conseguir um tripé com uma amiga, depois eu comprei o... a..o **anel... (inaudível)...** a coisinha... **(risos)**.



O tri que vem com o tripé, tudo e a luz, aí ficou melhor. Deixa eu ver, sobre os materiais também, eu coloquei papel na frente das lâmpadas. **(Risada)**.

N: Papel, papel manteiga, porque vinha a iluminação direta e daí com a... com o papel ele, ele difun... difunde um pouco a luz.

EXCERTO 5 - AUTOCONFRONTADA 1 (Luciana)

L: Ah, sim **(balançando a cabeça afirmativamente com a mão no queixo)**. Sim, ãh... nesse período também... ãh, eu nem conhecia a questão dos fundos, tá?! Vou te ser bem sincera, fui conhecer isso depois. **E nesse período eu morava numa casa bem pequena, então, foi difícil achar uma parede que coubesse o enquadramento**, entende? **(risos) Uma parede lisa...** Enfim, **foi uma questão também, bem desafiadora (ela ri e balança a cabeça de forma afirmativa)**.

L: E também outra coisa que eu lembrei agora. Essa única parede lisa aí, tinha um horário do dia que dava pra gravar nela, porque nos outros horários o sol pegava bem ali, **aí ficava uns riscos assim no vídeo (risadas)**. Tem mais esses desafios **(risos)**, e de noite impossível, porque ainda não tinha iluminação... Então... Sem chances... Então, era só um horário “x” que tu conseguia fazer.

EXCERTO 4 - AUTOCONFRONTADA 1 (Luciana)

L: [...] Acho que foi um dos maiores desafios e também pensar num... de tentar achar um local adequado para fazer um vídeo de melhor qualidade **sem ter os (risos) materiais necessários (risos)**.

EXCERTO 6 - AUTOCONFRONTADA 2 (Natasha)

N: Ah, sem contar que foi com gato, cachorro, marido, Ca... Como é que é... Caminhão do ovo, moto acelerando... **(risos)**.

N: É, às vezes o vídeo tá indo... Ou o marido passando nu atrás da câmera **(risos)**...

Como é que é, o vídeo já está ali na terceira, quarta, quinta tentativa, né. A primeira não foi, aí grava de novo, aí a segunda não foi, aí tenta até pegar no tranco né, tá indo, tá indo, aí passa alguma coisa, aí eu não escuto muito bem o que que foi falado. O que que foi falado mesmo? Pera, para e grava de novo **(risos)**. Um clássico rabo de gato passando... Gato miando... Cadela aparecendo... Os vizinhos soltando foguete “Vamos soltar foguete!”. Daí a cadela vem. **(risos)**

Enquanto encontrar um local adequado não representou um desafio para Natasha, Luciana menciona que na época enfrentou adversidades devido à estrutura de sua residência e à falta dos materiais necessários. Ela teve dificuldade em encontrar uma superfície lisa e neutra que se adequasse ao enquadramento necessário para a gravação.

De acordo com as diretrizes da NBR 12.490 de 2005, página 9, que se aplica a materiais audiovisuais que envolvem o uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras), é imperativo que o espaço destinado à sinalização seja suficiente para evitar que o intérprete fique muito próximo ao fundo. Isso é essencial para evitar a ocorrência de sombras indesejadas. Além disso, segundo a norma citada, a vestimenta, a pele e o cabelo do intérprete devem contrastar entre si e em relação ao fundo. É fundamental evitar o uso de fundos e roupas que se aproxime do tom de pele do intérprete. Em relação ao fundo, Luciana recorda que só podia gravar em alguns horários do dia, devido aos raios solares que entravam pela janela e marcavam a parede com reflexos que prejudicavam a sua atividade.

Desafios externos também foram relatados por Natasha durante sua prática, destacando o impacto de fatores ambientais disruptivos. Ela menciona ocorrências como o ruído do “*caminhão do ovo*”, os vizinhos disparando fogos de artifício e a presença de seu marido e animais de estimação que apareciam na tela enquanto ela estava trabalhando. Esses variados incidentes afetaram o ambiente de trabalho da profissional e influenciaram suas decisões durante o processo de tradução. Natasha relata a necessidade de, frequentemente, voltar ao texto de origem e realizar novas gravações devido a essas interrupções inesperadas. Segundo Holz e Bianco (2014),

[...] jamais se trabalha totalmente sozinho. Os “outros” podem ser os colegas de trabalho ou ainda podem estar fora da proximidade imediata; podem ser os avaliadores do trabalho; ou os que pagam pelo trabalho; ou ainda os que fazem a prescrição e as normas científicas, técnicas, organizacionais, gestonárias ou hierárquicas. Tudo isso está presente na intimidade das escolhas que o trabalhador faz sobre esse ou aquele procedimento, fazendo do trabalho uma realidade profundamente coletiva e profundamente individual, visto que é profundamente singular (Holz; Bianco, 2014, p. 498).

Dessa forma, esses desafios que permeiam e interferem no ato tradutório também interferem no processo de tradução.

5.3.3. Formação em tradução

Levando em consideração que cada profissão se baseia em um conjunto específico de conhecimentos e habilidades adquiridos durante a formação, a análise do impacto dessa formação na prática dos profissionais é uma abordagem reflexiva do processo de tradução.

Compreende-se que os tipos de formação existentes (acadêmica e prática), atualmente, não tem dado conta da formação prática para o trabalho remoto ou em *home office*. Podemos exemplificar tal afirmação a partir da falta de conhecimentos dos profissionais tradutores e intérpretes de Libras com relação a questões de enquadramento, edição de vídeo, configurações de câmera etc., detalhes que anteriormente eram pouco explorados, uma vez que não havia essa necessidade, já que eles trabalhavam em estúdio. No entanto, a pandemia trouxe essa necessidade e, a partir do trabalho em *home office*, era esperado que esses profissionais

soubessem usar tais ferramentas tecnológicas de tradução e interpretação de vídeo em línguas de sinais.

Levando em consideração que cada profissão se baseia em um conjunto específico de conhecimentos e habilidades adquiridos durante a formação, a análise do impacto dessa formação na prática dos profissionais é uma abordagem reflexiva do processo de tradução. As questões discutidas anteriormente como maior ou menor dificuldade nas autoconfrontações destacaram tópicos intimamente ligados à questão da formação, e incorporam significados que se relacionam a esse aspecto de forma intrincada.

EXCERTO 9 - AUTOCONFRONTADA 1 (Luciana)

L: Eu não sinto falta em questão de conhecimento de processo tradutor, tá? Porque eu sempre tive isso bem claro, da questão de adaptação que não existem equivalências... Não.. Não existem traduções de uma língua para outra em equivalências né. Às vezes tu não tem uma palavra na Libras e no português iguais, mas tu vai ter algo que equivale pra ti fazer uma substituição. O que eu senti falta não foi de competência tradutória, foi de vocabulário mesmo. Foi bagagem de vocabulário.

EXCERTO 11 - AUTOCONFRONTADA 2 (Natasha)

N: Como é que é... Na época que o Letras/Libras ainda estava sendo cursado e os guris traziam bastante materiais deles. E tinha muita coisa que não existia ainda na época (risos). Não tinha pesquisas tanto, então. Como é que é, meu curso ele foi bom, mas ao mesmo tempo se eu fizesse hoje, seria outro curso (risos).

N: A minha, eu acho que a gente teve pouca prática de tradução e interpretação, a gente tinha mais oficinas. Tinha oficinas extras, só que eu também tinha faculdade, então, muitas coisas eu não conseguia fazer de extra. Eu conseguia fazer o curso em si né, e até pelos horários eu não conseguia participar das outras atividades. Mas em termos de prática em sala de aula, de tradução do professor (aspas) corrigindo ali ou explicando qual a melhor estratégia para usar, isso aí faltou bastante. A gente tinha uma quantidade, para a época, muito boa de material teórico, mas a gente tinha, eu acho que a gente teve mais teoria do que prática no meu curso. E eu vi que em outros cursos, de outras instituições, e outras gerações tiveram mais prática.

N: Como é que é... Tava tudo dentro da cabeça, mas a prática da interpretação, a agilidade e tudo que envolve a interpretação em si, eu não tive. E daí eu ganhei realmente com o trabalho (risos). Foi no tranco. E na tradução a gente teve bastante prática e mesmo assim eu achei que foi pouco, mas num curso de um ano também, não sei se tem como colocar mais do que foi colocado.

EXCERTO 5 - AUTOCONFRONTADA 1 (Luciana)

L: ah, sim. (balançando a cabeça afirmativamente com a mão no queixo). Sim, ãh... nesse período também... ãh, eu nem conhecia a questão dos fundos, tá?!

EXCERTO 6 - AUTOCONFRONTADA 1 (Luciana)

L: (risadas) Porque sim, né. Incomodei muito ela, por causa questão de insegurança né. Imagina... Quantos meses de experiência eu tinha e veio a pandemia?

No excerto 9, Luciana declara que não sentiu falta de competência tradutória ou de conhecimento do processo tradutório.

Diante disso, uma investigação foi conduzida com o propósito de avaliar a possível influência da formação profissional de Luciana no Técnico em Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais (Libras), no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), campus Alvorada. Esta investigação buscou identificar disciplinas do referido curso que estivessem relacionadas aos temas de interpretação/tradução audiovisual, midiática, remota e em *home office*. Uma disciplina com possível relação com esses tópicos foi identificada - Tradução e Interpretação Midiática -, com uma carga horária de 30 horas. De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de 2016, o objetivo geral desta disciplina é “o desenvolvimento de técnicas de atuação em diferentes contextos midiáticos e jornalísticos virtuais e impressos” (PPC, 2016, p. 48).

Luciana mencionou, no início da autoconfrontação, que realizou traduções durante os períodos da disciplina prática de seu curso. O PPC do curso também descreve a disciplina de Atividade de Prática Profissional II, com um objetivo geral de aprofundar atividades de atuação com Surdos em diferentes contextos. No entanto, as informações obtidas nos documentos da instituição são limitadas, não permitindo uma avaliação completa da eficácia da formação prática da participante. Aparentemente, a formação pode ter desempenhado um papel significativo a partir da afirmação de Luciana, quando ela menciona que não enfrentou problemas de caráter tradutório.

Por outro lado, Natasha relata que sua formação teve um amplo embasamento teórico e que os professores disponibilizaram materiais usados na graduação do curso de Letras/Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), oferecido em vários polos pelo Brasil.

Entretanto, ela ressalta que durante sua formação sentiu falta da prática de tradução e interpretação, atribuindo essa carência à carga horária limitada do curso. Uma análise da matriz curricular ou PPC desse curso não pode ser realizada, provavelmente devido à natureza de extensão do programa. No entanto, observando as disciplinas que compuseram o curso, não foi identificado, em nenhuma delas, como foram abordadas as temáticas anteriormente mencionadas.

Portanto, enquanto Luciana destaca a falta de experiência como um fator relevante para sua insegurança e aumento do nível de desafio em sua atividade, Natasha enfatiza que, por meio da experiência prática em sua atuação, seus conhecimentos e qualificações foram aprimorados.

Ocorrem em aderência, em capilaridade com a gestão de todas as situações de trabalho, elas mesmas adquiridas nas trajetórias individuais e coletivas singulares, contrariamente aos saberes acadêmicos, formais que, são desinvestidos, ou seja, que podem ser definidos e relacionados com outros conceitos independentemente das situações particulares (Schwartz, 2010, p. 44).

A partir dos relatos apresentados, é perceptível a relevância que a formação desempenhou no processo dos sujeitos da pesquisa.

5.3.4. Competência linguística em tradução

Em seu estudo de 2018, Rodrigues (2018a) postula a existência de uma necessidade específica entre tradutores e intérpretes em comparação aos falantes bilíngues, dada a complexidade inerente às atividades de tradução e interpretação. Por meio de sua pesquisa, o autor concluiu que

“[...] a competência requerida dos tradutores e intérpretes de línguas de sinais é marcada por certa capacidade corporal cinestésica, diretamente ligada à competência linguística e à competência comunicativa. E, portanto, poderia ser concebida como uma competência tradutória intermodal [...]” (Rodrigues, 2018a, p. 287).

Key Concepts; Munday, (2009, p. 234-5, tradução do pesquisador) *apud* Rodrigues (2018a, p. 290) observa que, esse tipo de competência “é uma habilidade adquirida que passa por diferentes fases, evoluindo de conhecimento novato a conhecimento experto”. Além disso, o autor ressalta que “[...] é preciso entender que a competência tradutória é algo bem complexo que envolve aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores e sociointerativos” (Rodrigues, 2018b, p. 291).

Neste estudo, Rodrigues conduz uma breve revisão de algumas definições e estruturas conceituais relacionadas à competência na tradução, ao mesmo tempo em que introduz as especificidades das línguas gestuais-visuais. Ele explora como

essas características influenciam a atuação dos tradutores/intérpretes de línguas de sinais, baseando-se nas contribuições de diversos autores, tais Bell (1991), Hatim e Mason (1997), Neubert (2000), Kelly (2002), Pacte (2003), Gonçalves (2005), Alves e Gonçalves (2007).

Albir (2020) esclarece que, devido à escassez de estudos empíricos sobre Competência Tradutória (CT), se tornou o objetivo do grupo PACTE⁴⁰ conduzir uma investigação de natureza empírica e experimental acerca da competência tradutória e do seu processo de aquisição. No modelo proposto, a CT é constituída de cinco subcompetências e componentes psicofisiológicos:

Subcompetência bilíngue: conhecimentos essencialmente operacionais, necessários para a comunicação em duas línguas. São conhecimentos pragmáticos, sociolinguísticos.

Subcompetência extralinguística: conhecimentos essencialmente declarativos, implícitos e explícitos, sobre o mundo em geral e em áreas específicas. São conhecimentos biculturais, enciclopédicos e temáticos, textuais e léxico-gramaticais.

Subcompetência de conhecimentos sobre tradução: conhecimentos essencialmente declarativos, implícitos e explícitos, sobre os princípios que regem a tradução e sobre os aspectos profissionais.

Subcompetência instrumental: conhecimentos essencialmente operacionais relativos à utilização das fontes de documentação e às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) aplicadas à tradução (dicionários de todo tipo, enciclopédias, gramáticas, suportes à redação, textos paralelos, corpora eletrônicos, mecanismos de pesquisa, etc.).

Subcompetência estratégica: conhecimentos operacionais permitindo a eficácia do processo de tradução e a resolução dos problemas encontrados. Trata-se de uma subcompetência-chave que possui um impacto sobre todas as outras, relacionando-as, uma vez que ela monitora o processo de tradução. Essa subcompetência permite planejar o processo e elaborar o projeto de tradução (escolha do método exigido), avaliar o processo e os resultados parciais obtidos em função do objetivo final pretendido, ativar as diferentes subcompetências a fim de compensar certas lacunas, identificar os problemas de tradução e aplicar os procedimentos para resolvê-los (Albir, 2020, p. 380).

Nas autoconfrontações, foi identificada a presença de uma discussão subjacente relacionada à linguística da língua de sinais, enfatizando a questão de suas terminologias lexicais.

EXCERTO 4 - AUTOCONFRONTADA 1 (Luciana)

⁴⁰ As informações sobre os membros do PACTE estão disponíveis na página oficial do grupo: <https://ddd.uab.cat/pub/pagweb/2022/pacte/>

L: Tudo. **Falta de vocabulário nessa área foi bem assustador pra mim** no início. Que exige um trabalho de pesquisa antes de você iniciar a gravação de um vídeo, né. E nesse, existiu... Exigiu bastante de mim em relação a isso. Acho que foi um dos maiores desafios e também pensar num... De tentar achar um local adequado para fazer um vídeo de melhor qualidade sem ter os **(risos)** materiais necessários. **(risos)**.

EXCERTO 9 - AUTOCONFRONTADA 1 (Luciana)

L: Eu não sinto falta em questão de conhecimento de processo tradutor, tá? Porque eu sempre tive isso bem claro, da questão de adaptação que não existem equivalências... Não.. Não existem traduções de uma língua para outra em equivalências, né. Às vezes tu não tem uma palavra na Libras e no português iguais, mas tu vai ter algo que equivale pra ti fazer uma substituição. **O que eu senti falta** não foi de competência tradutória, **foi de vocabulário mesmo. Foi bagagem de vocabulário.**

EXCERTO 3 - AUTOCONFRONTADA 2 (Natasha)

N: [...] Fora os termos específicos de agronomia, e... Ecologia e agricultura que tinha nesse trabalho específico. E aí, **muita coisa não tem sinal**, e aí.. Ah, dá pra fazer a estratégia de, ãh, empréstimo linguístico. Tá, mas aí depois tem um outro termo que se eu fizer esse empréstimo linguístico vai ficar a mesma coisa desse outro, desses dois termos juntos, ãh, e aí discutindo com a colega foi muito, sobre os termos. Mas a metodologia foi praticamente leitura, pesquisa e glosa. Sinalizando junto ali, né.

Em ambos os relatos de autoconfrontação é evidente a manifestação da falta de conhecimento de sinais correspondentes a determinadas áreas temáticas, assim como a presença do vazio lexical.

No contexto da tradução de língua de sinais, é importante reconhecer que, dada a vastidão de campos e especialidades presentes na sociedade, é improvável que um TILSP possua um conhecimento linguístico abrangente em todas as áreas do conhecimento. Por exemplo, um profissional que não tenha conhecimento ou ligação com o campo religioso pode encontrar dificuldades ao se deparar com os sinais específicos dessa área durante a tradução, devido ao desconhecimento dos léxicos necessários. No entanto, essa lacuna pode ser superada ao longo do processo tradutório.

Na etapa de estudo do material, os TILSP têm a oportunidade de solucionar esses desafios por meio de estratégias específicas, como a pesquisa linguística terminológica na *internet* ou em outras fontes disponíveis, como os sinalários⁴¹. Além disso, o vazio lexical, que consiste na inexistência de sinais específicos em determinada área, requer a adoção de outras estratégias como a iconicidade, substituição e o emprego da datilologia como recursos para enfrentar essa necessidade.

⁴¹ Sinalário: conjunto de expressões que compõem o léxico de uma determinada língua de sinais (STUMPF, 2005, p.36).

Natasha descreveu uma dificuldade que surgiu durante a atividade, quando um sinal é selecionado como equivalente e, posteriormente, outro termo semelhante, porém conceitualmente distinto emerge, exigindo a adição de outros sinais para distinguir o primeiro conceito do segundo.

Esses desafios são inerentes ao processo de tradução. A colaboração entre colegas e o uso de estratégias de pesquisa e suporte desempenharam um papel fundamental neste sentido. Por isso, pesquisas voltadas para a construção de léxicos em língua de sinais e a criação de sinalários ou glossários são essenciais para uma tradução de qualidade, além de tornar a acessibilidade eficaz e inclusiva para as pessoas surdas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas considerações finais, recapitula-se os objetivos propostos e destaca-se o percurso da pesquisa com suas implicações, aplicações e contribuições. Além disso, descreve-se o contexto e os entraves enfrentados durante o trabalho no cenário de pandemia, passando da atuação presencial para o trabalho em *home office*, unindo a vida profissional e pessoal no mesmo ambiente. Por isso, identificou-se a necessidade de refletir sobre o trabalho remoto, levando à realização deste estudo.

Inicialmente, buscou-se compreender o trabalho dos tradutores e intérpretes de Libras na tradução dos cursos MOOCs durante a pandemia. A pesquisa apoiou-se na teoria dialógica de Bakhtin e o Círculo, bem como em abordagens da literatura de Nascimento, Rodrigues e Albir. O estudo visou analisar a atuação dos tradutores de Libras na tradução dos cursos MOOCs durante a pandemia, utilizando a metodologia da autoconfrontação simples e analisando o *corpus* na verticalidade e horizontalidade. Também identificou-se padrões nos discursos dos participantes, abordando desafios, adaptações e métodos de trabalho.

A pesquisa também analisou a vivência dos profissionais na tradução de cursos MOOCs do português para a Libras no período da pandemia da COVID-19. Os objetivos específicos incluíram (i) analisar os discursos dos tradutores sobre o processo de tradução; (ii) descrever as adaptações necessárias para a atuação em *home office*; (iii) analisar as metodologias de trabalho utilizadas; (iv) investigar lacunas, se houvesse, na atuação que poderiam ser resolvidas por meio de formação para aprimorar a tradução em *home office*.

Na análise dos discursos, observou-se que, em resposta ao primeiro objetivo, foi possível explorar verticalmente os discursos dos sujeitos da pesquisa a partir da autoconfrontação simples. Essa metodologia possibilitou a construção de um *corpus* permeado pela singularidade dos indivíduos participantes, assim como a identificação dos eixos temáticos relacionados ao diálogo entre o que era visto na tela e a perspectiva de seus lugares ocupados por outras pessoas no cronotopo presente.

A análise vertical considerou cada discurso como um enunciado concreto, que conduz uma investigação aprofundada e verticalizada das autoconfrontadas a

partir de uma perspectiva exotópica. Nesse contexto, a verticalidade explorou como cada participante construiu seus temas, em que o conceito de tema foi percebido como uma via produtiva para acessar as perspectivas dos sujeitos de pesquisa. Os temas identificados foram generalizados posteriormente por meio da horizontalidade, mediante a análise do conjunto de enunciados. Por meio desta abordagem, foi possível examinar a materialidade sígnica, textual e discursiva tanto linguística quanto extralinguística, com o objetivo de identificar o projeto enunciativo-discursivo de cada autoconfrontada.

Quanto ao segundo objetivo, foi descrito pelas tradutoras as adaptações necessárias para atuar em *home office*. Ao considerar que cada família possui variadas estruturas físicas e equipamentos em suas casas, conforme evidenciado pelas participantes da pesquisa, houve adaptações e ajustes realizados para o uso de dispositivos pessoais como celulares e *notebooks* nas filmagens e nas gravações. Além disso, foram adquiridos novos equipamentos, empréstimos e estratégias caseiras como a iluminação improvisada com papel manteiga.

No terceiro objetivo específico, o planejamento das atividades, incluindo combinações com a dupla realizadas virtualmente, organização dos conteúdos traduzidos e reuniões com a equipe do projeto para as orientações iniciais, foram descritas pelas participantes. A etapa de estudo incluiu consultas a colegas por meio do *WhatsApp* e pesquisas na *internet*. Além disso, o processo de tradução envolveu glosas por escrito e gravações de áudio com adaptações na velocidade rítmica, e a revisão contou com a participação de Surdos que ofereceram sugestões e *feedbacks*. A regravação foi necessária em algumas situações, ainda que tenha gerado reclamações por parte de outros colegas.

O quarto objetivo da pesquisa conduziu à reflexão sobre os espaços acadêmicos que, embora proporcionem oportunidades significativas para o aprendizado teórico e prático carecem, como relatado pelas participantes, de ênfase em experiências práticas e simultâneas de interpretação.

Mesmo considerando suas formações em tradução, é notória a lacuna de conhecimento específico acerca da atividade tradutória remota ou em *home office* dos intérpretes de Libras, assim como a escassez de pesquisas por conta do tempo transcorrido desde o início da pandemia. Essa constatação reforça a urgência de

formações complementares para esses profissionais, além de destacar a relevância dessas discussões para garantir o pleno acesso das minorias linguísticas e sociais em cursos como os MOOCs.

Esta reflexão sobre a abordagem do trabalho em *home office* nos cursos de formação de TILSPs considerou o fato de como esse tema deve ser mais explorado não apenas na tradução de materiais didáticos, mas também em todas as áreas em que o trabalho em *home office* se fizer necessário.

Além disso, todas as questões abordadas nas categorias apresentadas nesta pesquisa compõem as necessidades específicas que a atividade em *home office* exige, englobando o trabalho em equipe, o processo de organização para a tradução, a formação em tradução e a competência linguística.

A análise dos discursos gerou *insights* sobre a necessidade de uma coordenação eficiente do processo, com uma pessoa responsável por acompanhar todas as etapas e garantir que as informações possam fluir eficazmente. O conhecimento abrangente de todo o processo por parte dos tradutores de Libras é fundamental para aprimorar a qualidade da tradução, incluindo a edição e a inserção de elementos visuais. Essas considerações oferecem *insights* valiosos para otimizar o processo de tradução em *home office* de cursos MOOCs como reuniões que incluam todos os envolvidos para esclarecimentos e alinhamentos, da mesma maneira que a nomeação de um profissional responsável para coordenar e garantir o fluxo eficiente das atividades.

Este estudo lançou um olhar sobre a atuação dos tradutores e intérpretes de Libras na tradução em *home office* de cursos MOOCs, contribuindo para a discussão sobre o processo tradutório, o trabalho remoto ou em *home office* e a formação dos profissionais para tal atividade. Não há a pretensão de encerrar a discussão, mas de ampliar o espaço de reflexão e teorização sobre a atuação dos profissionais da língua de sinais na esfera tradutória, principalmente no contexto *home office*.

A pandemia representou um período de extrema dificuldade mundial. A restrição das interações sociais afetou a sociedade de forma generalizada e todos foram obrigados a reavaliar suas relações pessoais, emoções e padrões de interação. O mundo do trabalho foi particularmente impactado pela pandemia, e os intérpretes e tradutores de Libras não foram poupados dessas mudanças.

No entanto, talvez seja possível afirmar que a pandemia trouxe alguns benefícios relacionados a esses profissionais, já que foram alcançadas novas formas de trabalho. Percebe-se que, por meio dos discursos apresentados ao longo da pesquisa, a transição do presencial para o virtual proporcionou outra configuração de interação e criação de conhecimento, novas possibilidades de trabalho para os profissionais TILSP, além de experiência na atividade em *home office*. Todos esses benefícios serão colhidos a longo prazo e atenderão às demandas profissionais remotas de maneira aprimorada.

Diante disso, almeja-se também que este estudo contribua para a reflexão sobre como a pandemia reconfigurou as oportunidades de acesso dos Surdos em diversas esferas da sociedade, inclusive aos cursos MOOCs do IFRS por meio da Libras. O potencial efeito desta pesquisa também se manifesta na esfera dos programas de formação de intérpretes que, antes do período pandêmico, não consideravam o trabalho de tradução remoto ou em *home office* uma realidade, mas que agora devem atentar para esse outro caminho da atuação dos profissionais TILSP.

A pandemia no Brasil instaurou-se no início de 2020 e perdurou até meados do final de 2022. A pesquisa em questão foi conduzida no período compreendido entre 2021 e 2023, com a realização das autoconfrontações agendadas para janeiro de 2023. Dado esse intervalo de tempo de quase três anos entre a realização da atividade de tradução e as autoconfrontações abordando questões relacionadas ao esquecimento, é importante mencionarmos a distância temporal entre os eventos.

Sabe-se da realidade de sofrimento que muitas pessoas vivenciaram durante a pandemia com a perda de entes queridos, além da exaustão emocional e do abalo psicológico devido ao distanciamento social. No entanto, a proximidade cronotópica dessa relação exotópica, de acordo com a teoria de Bakhtin (2010, p. 24), pode resultar no “vivenciamento do sofrimento alheio como meu próprio sofrimento, na contaminação pelo sofrimento alheio [...]”

Nesse contexto, é de extrema relevância pensar, humanamente falando, que se houvesse uma aproximação cronotópica entre essa experiência e as autoconfrontações, as emoções sentidas poderiam distanciar-se dos objetivos da pesquisa, que visa coletar informações e vivências mais voltadas ao processo

tradutório que foi realizado. Portanto, é fundamental considerar esse movimento exotópico e suas implicações. Segundo Bakhtin (2010),

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, contemplar o horizonte dele como o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (Bakhtin, 2010, p. 24).

Assim, justifica-se o lapso temporal entre o ocorrido e a pandemia, com base na perspectiva de Bakhtin (2010, p. 24), que postula que “[...] a compenetração deve ser seguida de um retorno a mim mesmo, ao meu lugar fora do sofridor [...]”.

A análise das autoconfrontações revela que os objetivos estabelecidos foram atingidos de maneira satisfatória. Acredita-se que o intervalo temporal entre as ações não prejudicou a pesquisa, uma vez que aspectos com fortes ligações emocionais poderiam ter sobreposto as informações relacionadas ao desenvolvimento da atividade. Não descartamos a importância de reconhecer que, como parte do objetivo geral desta pesquisa, diversas experiências em diferentes contextos poderiam ter sido exploradas como de fato foram, mas a proximidade temporal poderia ter desviado o foco real do estudo.

As categorias de horizontalidade escolhidas para esta pesquisa, embora relevantes, não esgotam todas as possíveis abordagens. É reconhecido que a ampliação e o aprofundamento das categorias poderiam contribuir para uma compreensão ainda mais abrangente do fenômeno investigado. Contudo, as categorias selecionadas foram cuidadosamente alinhadas com os objetivos e o escopo da presente pesquisa.

A identificação de novas categorias e perspectivas de análise é um indicativo de que existe espaço para futuras investigações. A análise de dados sob novas perspectivas pode enriquecer a compreensão do fenômeno estudado, enquanto novas relações dialógicas podem emergir como resultado.

Essas possibilidades abrem caminho para pesquisas posteriores em níveis avançados de estudo, tal como o programa de doutorado, onde novas categorias e

relações podem ser exploradas em maior profundidade, contribuindo, assim, para o avanço do conhecimento no campo.

Portanto, fica evidente que esta dissertação não apenas fornece *insights* valiosos, mas também aponta para futuras direções de pesquisa e desenvolvimento do conhecimento na área.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva. A; COSTA, Mairla. P. P. Indicadores bibliométricos da produção acadêmica internacional sobre o intérprete educacional de línguas de sinais. *In*: RODRIGUES, Carlos. H.; GALÁN-MAÑAS, Anabel.; SILVA, Rodrigo. C da. **Cadernos de Tradução: Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais: Atualidades, Perspectivas e Desafios**. Florianópolis: Pós-graduação em Estudos da Tradução, v. 41 n. esp. 2, 2021. p. 68-106.

ALBIR, Amparo Hurtado. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. *In*: PAGNO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio (orgs). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2005. p. 19-57

ALBIR, Amparo Hurtado.; DANTAS, Marta Pragana.; TEIXEIRA, Lavínia Gomes. Competência tradutória e formação por competências. **Revista Cadernos de Tradução**, Santa Catarina, v. 40, n.1, p. 367-416, jan./2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2020v40n1p367>. Acesso em: 01 nov. 2023.

ALVES, Tom Min. **Tradução para a Libras: participação de surdos e ouvintes em equipes mistas de tradução**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

AMORIM, Marília. Cronotopo e Exotopia. *In*: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 95-114.

ANJOS, Raphael Pereira dos. **Cinema para LIBRAS: reflexões sobre a estética cinematográfica na tradução de filmes para surdos**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

ARAÚJO, Bruno R. N; FERREIRA, Rogério V. A Libras diante da pandemia: a importância do intérprete no contato linguístico: *Libras in the face of pandemic: the importance of the interpreter in linguistic contact*. **Web Revista Sociodiaeto**, [S. l.], v. 11, n. 33, p. 1–14, 2021. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/sociodiaeto/article/view/8065>. Acesso em: 19 jan. 2024.

ARAÚJO, Emília R; BENTO, Sofia I. C. **Teletrabalho e aprendizagem: contribuindo para uma problematização**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002.

ARAÚJO, Quetlin Ester C. R; LAGUNA, Maria C. V. O papel do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais - TILS no Processo de Inclusão de Surdos no IFRS: avanços e desafios sobre as adaptações curriculares do português para libras. *In*: SONZA, Andréa P.; SALTON, Bruna P.; DALL'AGNOL, Anderson (org). **Reflexões sobre o**

currículo inclusivo. Bento Gonçalves, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, 2018, p. 124-154.

BAKHTIN, Mikhail.; BOTCHAROV, Serguei.; KOJINOV, Vadim. (org.) **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução: Paulo Bezerra. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2015. 256 p.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. 512 p.

BAKHTIN, Mikhail. A forma espacial da personagem. *In*: BAKHTIN, Mikhail M. **Estética Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. 512 p.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 366 p.

BAKHTIN, Mikhail. **Gêneros do discurso**. 3ª. reimp. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2020. 176 p.

BRAIT, Beth. Linguagem e identidade: um constante trabalho de estilo. **TES: Trabalho, Educação e Saúde**, v. 2, n. 1, p. 185-201, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tes/v2n1/03.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2023.

BRIDI, Maria Aparecida *et al.* **O trabalho remoto/home-office no contexto da pandemia COVID-19**. Grupo de Estudos Trabalho e Sociedade, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: https://www.eco.unicamp.br/remir/images/Artigos_2020/ARTIGO_REMIR.pdf. Acesso em 16 fev. 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_26.06.2019/art_215_.p Acesso em: 15 fev. 2022

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 01 ago. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 16 fev. 2022.

CAMPOS, Maria Tereza R. A. Verticalização e horizontalização em pesquisas em Ciências Humanas. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 56, n. 3, p. 405-420, 2021. DOI: 10.15448/1984-7726.2021.3.40677. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/40677>. Acesso em: 09 out. 2023

CARNEIRO, Teresa D.; VITAL, Dafny S. H.; SOUZA, Rodrigo P. L. de. O processo de produção de textos traduzidos para Libras em vídeo no Departamento de Letras-Libras (UFRJ) comparado ao processo de produção de traduções editoriais entre línguas orais. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 9, n. 5, p. 135-166, 2020. DOI: 10.26512/belasinfiéis.v9.n5.2020.31990. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/31990>. Acesso em: 15 fev. 2022

CLOT, Yves. O diálogo em desenvolvimento: Bakhtin no trabalho. *In*: PAULA, Luciane de.; STAFUZZA, Grenissa. (orgs.) **Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

COKELY, Dennis. **Interpreting: A sociolinguistic model**. Burtonsville, Md.: Linstok Press, 1992.

COLETA, Karina; SALUM, Fabian. **Novas formas de trabalhar**: os impactos do home office na crise. Fundação Dom Cabral, Minas Gerais, 2020. Disponível em: <https://www.grantthornton.com.br/insights/artigos-e-publicacoes/novas-formas-de-trabalhar-os-impactos-dohome-office-na-crise/?hubld=1795095>. Acesso em: 11 out. 2023.

DALL'AGNOL, Anderson.; SONZA, Andréa P.; SALTON, Bruna P.; SCHULER, Erik; STRAPAZZON, Jair A. Projeto de acessibilidade virtual. *In*: SONZA, Andréa. P.; SALTON, Bruna P.; STRAPAZZON, Jair A., LÁZARO, André (org.). **Ações afirmativas: a trajetória do IFRS como instituição inclusiva**. Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP, 2016. v. 1., p. 63-80.

DURRIVE, Louis; SCHWARTZ, Yves. **Revisões temáticas: glossário da Ergologia**. Laboreal, v. 4, n. 1, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagens e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FILHO, Sidnei Novais Magalhães. **Análise de traduções dos aplicativos Hand Talk e VLibras: uma reflexão sobre o uso de tradutores virtuais de Português-Libras no contexto da EaD como ferramenta de apoio para alunos surdos no Brasil**. 2022. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

FUZA, Ângela Francine.; PEREIRA, Rodrigo Acosta.; RODRIGUES, Rosângela Hammes. (Orgs.) **Pesquisas em linguística aplicada e práticas de linguagem Campinas**, SP. Pontes Editores, 2020.

GILE, Daniel.; POURNIN, Sophie P.; OLIVEIRA, Alexandra A. de.; MAFRA, Adriano.; SANTOS, Giovana B. F. dos. As táticas do intérprete de língua de sinais diante do vazio lexical: um estudo de caso. **Belas Infiéis**, Brasília, Brasil, v. 8, n. 1, p. 279–299, 2019. DOI: 10.26512/belasinfiéis.v8.n1.2019.22150. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/22150>. Acesso em: 11 jan. 2024.

GOES, Camila Guedes Guerra. **Acessibilidade em plataforma de educação à distância: um olhar a partir dos usuários surdos sobre os princípios de acessibilidade na Web**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/204640>. Acesso em: 19 jan 2023.

GOMES, Lavínia Teixeira. **O Ensino de Línguas Estrangeiras na Formação de Tradutores: proposta de objetivos de aprendizagem e unidades didáticas para a o francês. Revolução, tradução e traduções revolucionárias**. v. 5 n. 1 (2017). Anais do IV Encontro Nacional Cultura e Tradução (ENCULT).p. 37-52. Disponível em: www.periodicos.ufpb.br/index.php/ct/article/view/38492/19444. Acesso em: 11 out. 2023.

GURGEL, Taís Margutti do Amaral. **Práticas e formação de tradutores intérpretes de língua brasileira de sinais no ensino superior**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Metodista de Piracicaba, 2010.

GUPTA, Pooja; FATIMA, Shahnaz. **Massive Online Course for Deaf and Dumb People**. WCCCE '16: Proceedings of the 21st Western Canadian Conference on Computing Education. Canadian. 2016.

HOLZ, Edvalter B; BIANCO, Mônica. de F. **Ergologia: uma abordagem possível para os estudos organizacionais sobre trabalho**. Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, RJ, v. 12, n. Especial, p. 494 a 512, 2014. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/cadernosebape/article/view/9106>. Acesso em: 4 nov. 2023.

IFRS. **Portaria nº 281, de 13 março de 2020**. Suspende as atividades letivas em todos os campi do IFRS, pelo período de 16/03/2020 a 21/03/2020.

IFRS. **Instrução Normativa PROEN nº 09, de 27 de agosto de 2021**. Dispõe o fluxo de tradução em Libras de vídeos e áudios de cursos online abertos massivos do IFRS. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2021/08/IN-09-Dispoe-o-fluxo-de-traducao-em-Libras-de-videos-e-audios-de-cursos-online-abertos-massivos-do-IFRS.-1.pdf>. Acesso em: 25 Jul. 2023.

LARA, Ana Paula Gomes. **Experiências de Protagonismo Surdo**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

LEITE, Emeli Marques Costa. **O papel do intérprete de LIBRAS em uma sala de aula inclusiva**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

LEITE, T. de A.; AMPESSAN, J. P.; BOLDO, J.; LOHN, J.T.; OLIVEIRA, G. S. A. (2021). **Semântica lexical na libras**: Libertando-se da tirania das glosas. Revista da Abralin, v. 20, n. 2, p. 1–23, 2022. DOI: 10.25189/rabralin.v20i3.1833. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1833>. Acesso em: 18 jan. 2024.

LIMA, Alexandre Adriano dos Santos. **Curso de extensão a distância no IFRS: um estudo sobre o perfil da oferta, demandas, perspectivas e influência dos Massive Open Online (MOOC)**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Informática na Educação). Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MARQUES, Raphael Freire. **Interpretação Remota Durante a Pandemia do Coronavírus**: Um relato de experiência de interpretação no ensino superior. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis 2020.

MARQUES, Ronualdo; FRAGUAS, Talita. **A ressignificação da educação: virtualização de emergência no contexto de pandemia da covid-19**. Brazilian Journal Of Development, Curitiba, v. 11, n. 6, p. 86159-86174, nov. 2020.

MELO, Lis Maximo e; NASCIMENTO, Vinícius. **Tradução audiovisual do Português para a Libras a partir do gênero institucional de divulgação científica**. Letras & Letras, Uberlândia, v. 37, n. 2, p. 271–291, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/57455>. Acesso em: 04 nov. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, Maria Cecília de. **O Surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter/Fapesp, 2000.

NASCIMENTO, Marcus Vinicius Batista. **Interpretação da língua brasileira de sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de sentidos**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

NASCIMENTO, Vinícius.; OLIVEIRA, Gustavo N de.; SANTOS, Lara F. dos.; SOUZA, Joyce Cristina.; FORNARI, Rodrigo V. **Tradução e interpretação de português-libras na rede InformaSUS-UFSCar: direito à informação para surdos em tempos de COVID-19**. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, Número Especial, p. 61-82, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/107103/61718>. Acesso em: 27 out. 2023.

NASCIMENTO, Marcus Vinicius Batista. **Formação de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes**. 2016. 318 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

NASCIMENTO, Marcus Vinicius Batista. **Interpretação de Libras-Português durante a Pandemia de Covid-19**: Análise a Partir de três gêneros discursivos emergentes. Relatório Final de Pós-Doutorado em Linguística. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. P. 132. 2023.

NASCIMENTO, Vinicius; NOGUEIRA, Tiago. C. **Interpretação remota de Libras-Português em conferências durante a pandemia de COVID-19: dimensões de uma prática emergente**. *Fórum Linguístico*, v. 18, p. 7006-7028, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/81143>. Acesso em: 08 Set. 2022.

NOGUEIRA, Tiago Coimbra. **Intérpretes de libras-português no contexto de conferência**: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine. 2016. 213 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

OLIVEIRA, Daniela Ribeiro de. **Do fim do trabalho ao trabalho sem fim**: o trabalho e a vida dos trabalhadores digitais em Home Office. 2017. 196 f. Tese (Doutorado em Sociologia), Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

OLSEN, Barry Slaughter. 2012. **Interpreting and the Digital Revolution**. *The ATA Chronicle*, Janeiro 2012.

PRETI, Dino. (Org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2003.

PYFERS, Liesbeth. **Guidelines for the Production, Publication and Distribution of Signing Books for the Deaf in Europe**. Hoensbroek: Signing Books Project, 1999.

QUADROS, Ronice. Müller de. **O Tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília, DF: MEC, 2004.

QUADROS, Ronice. M; KARNOPP, Lodenir. B. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Artmed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, Ronice. M; SOUZA, Saulo. X. **Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras**. In: QUADROS, R. M. (org). *Estudos Surdos III*. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 168-207.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **A Interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais**. Tese (doutorado) apresentada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

RODRIGUES, Carlos Henrique; BEER, Hanna. **Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente?** Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 17- 45, out. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p17>. Acesso em: 01 set 2022.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal**. DOSSIÊ, Trab. linguist. apl. 57. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318138651578353081>, 2018a. Acesso em: 03 nov. 2023.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa**. Revista da ANPOLL, v. 1, p. 129, 2018b. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1146/940>. Acesso em: 23 mar 2023.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **Tradução e línguas gestuais-visuais: a modalidade de língua em destaque**. In: Albres, N, de A. Rodrigues, C. H. Nascimento, V. (org.). **Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais: Contextos profissionais, formativos e políticos**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2022, p. 19-43.

ROSA, Andréa da Silva. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ROZINER, Ilan; SHLESINGER, Miriam. **Much ado about something remote Stress and performance in remote interpreting**. Interpreting 12:2, P. 214–247, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/233650552_Much_ado_about_something_remote_Stress_and_performance_in_remote_interpreting. Acesso em: 23 out. 2023.

RUSSEL, Debra. **Team Interpreting: Best Practices**. AVLIC, 2011. Disponível em: https://www.avlic.ca/sites/default/files/docs/2011-07Team_Interpreting_Best_Practices_Article-by_Debra_Russell.pdf. Acesso em: 19 jan. 2024.

SAMPAIO, Renata Maurício. **Práticas de ensino e letramentos em tempos de pandemia d'a COVID19**. Research, Society and Development, vol. 9, n. 7, 2020.

SANTOS, Rayssa Feitoza Felix dos. **A atuação do intérprete de Libras em tempos de pandemia: reflexões acerca de possibilidades e desafios.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA – CINTEDI. Anais. (IV). Campina Grande, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72309>. Acesso em: 02 ago. 2022.

SCHWARTZ, Yves. **Reflexão em torno de um exemplo de trabalho operário.** Trad. Jussara Brito et alli. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (orgs.). Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana. Niterói (Brasil): Editora da UFF. (2a. edição revista e ampliada), 2010.

SPARANO-TESSER, Carla Regina. **Reflexões sobre professores e tradutores/intérpretes de Libras em tempos de COVID-19: experiência multimodal no uso da mídia visual em reuniões de formação pedagógica.** In: LIBERALI, F. C.; FUGA, V. P. DIEGUES, U. C. C.; CARVALHO, M. P. (org.) **Educação em tempos de pandemia: brincando com um mundo possível.** Campinas: Pontes Editores, 2020.

SILVA, Aline Miguel da. **Análise da participação dos alunos Surdos no discurso de sala de aula do mestrado na UFSC mediada por intérprete.** 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SILVA, Júlia. M. C. da; MUNHOZ, Estella. M. B. **O processo de consolidação da EaD no IFRS por meio dos MOOCs e a ampliação do acesso à educação.** Em Rede - Revista de educação à distância. 2020, v.7, n.2. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/download/546/593>. Acesso em: 27 de janeiro de 2023.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. **Das significações na língua ao sentido na linguagem: parâmetros para uma Análise Dialógica.** Linguagem e(m) Discurso, Tubarão-SC, v. 18, n. 2, p. 307-322, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-180203-9317>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. **Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso-ADD.** Domínios de Lingu@gem, v. 10, n. 3, p. 1076-1094, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/DL23-v10n3a2016-15> Acesso em: 03 nov. 2023

SOUZA, Saulo Xavier. **Performances de tradução para a língua brasileira de sinais observada no curso de Letras-Libras.** 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução: Lexicografia, Tradução e Ensino de Línguas Estrangeiras) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema signwriting: línguas de sinais no papel e no computador.** Tese

(Doutorado em Informática na Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Marcos; FAÏTA, Daniel. **Quando os outros olham outros de si mesmo: reflexões metodológicas sobre a autoconfrontação cruzada**. Polifonia. V. 7, N° 7, p. 27-65. Cuiabá: EdUFMT. 2003. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1137>. Acesso em: 03 nov. 2023.

VIEIRA, Marcos Antonio Moura. **Autoconfrontação enunciativo discursivo e análise do trabalho psiquiátrico**. Intercâmbio, Mato Grosso, p. 1-15, jun. 2004.

VLIBRAS. Brasil. **Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão**. Secretária de Tecnologia da Informação e Comunicação. Departamento de Governo Digital. Disponível em: <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/vlibras/>. Acesso em 23 de março de 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Grillo, Sheila; Américo, Ekaterina Vólkova. Ensaio introdutório de Grillo, Sheila. São Paulo: Editora 34, 2017, 373p.

VOLÓCHiNOV, Valentin Nikoláievitch. Que é linguagem (1930). *In*: VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. **A construção da enunciação e Outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Amparado pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde que regula as pesquisas nas áreas da Educação e Ciências Humanas).

TRADUÇÃO REMOTA: ATUAÇÃO DE TRADUTORES/INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA/ LÍNGUA PORTUGUESA DURANTE A PANDEMIA NOS CURSOS MOOCS DO IFRS

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa “Tradução remota: atuação de Tradutores/Intérpretes de Língua de Sinais Brasileira/ Língua Portuguesa durante a pandemia nos cursos MOOCs do IFRS”. Esta pesquisa é o projeto de mestrado de Quetlin Ester Camargo Ribeiro de Araújo, do programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina - PGET/UFSC. O objetivo deste estudo é compreender os desafios envolvidos durante a tradução (do português para a Libras) dos cursos MOOCs do IFRS na modalidade remota, durante o período pandêmico. O(a) senhor(a) foi selecionado(a) por ser um(a) dos(as) profissionais tradutores e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa (TILSP) que atuou na tradução dos cursos MOOCs do IFRS de forma remota, durante o período de pandemia. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP SH da UFSC, localizado no Prédio da Reitoria II, Rua Des. Vitor Lima 222, sala 701, Florianópolis/SC - CEP: 88040-400. *E-mail:* cep.propesq@contato.ufsc.br, telefone: (48) 3721-6094. O

CEPSH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente da tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Abaixo constam orientações sobre sua participação:

- 1) Sua participação é voluntária e não haverá nenhum tipo de despesa a você. Salientamos também que a legislação brasileira não permite que você tenha qualquer compensação financeira pela sua participação na pesquisa e não haverá remuneração de qualquer tipo.
- 2) A sua recusa não trará nenhum prejuízo na sua relação profissional.
- 3) Caso você tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa, poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente e amplamente consubstanciada de compensação material dos gastos decorrentes da participação na pesquisa.
- 4) Você será acompanhado(a) durante toda a entrevista pela pesquisadora responsável, e caso tenha alguma dúvida sobre os procedimentos ou sobre o projeto você poderá entrar em contato com a pesquisadora a qualquer momento pelo telefone: (51) 986166196 ou *e-mail*: quetlin.araujo@gmail.com.
- 5) Você será beneficiado com este estudo ao realizar um exercício de reflexão consciente sobre sua atuação e identificar pontos para pensar as melhores práticas a serem adotadas em situações futuras. Isso proporcionará a você repensar sua prática e aperfeiçoá-la a partir da metodologia utilizada na pesquisa.
- 6) A coleta de dados será realizada por meio do dispositivo da autoconfrontação, que consiste em colocar o trabalhador diante de sua própria atividade de trabalho, a fim de que ele mobilize em palavras aquilo que está no campo da ação. Usaremos esse dispositivo em um encontro remoto no qual você assistirá a um vídeo de um dos cursos MOOCs do IFRS traduzido por você durante o período de pandemia e a pesquisadora poderá tecer comentários sobre ele.
- 7) A entrevista será na modalidade remota, na plataforma *Google Meet*, no dia e horário a combinar, de acordo com sua disponibilidade. Ela será gravada e

armazenada em plataforma digital, como Google Drive, para que a pesquisadora possa revisitar os dados durante a transcrição e análise no período do estudo. Porém, vale destacar os riscos relacionados às pesquisas em ambientes virtuais, tais como as limitações das tecnologias e a garantia de total confidencialidade, tendo em mente o potencial risco de violação dos dados.

- 8) Como procedimento para análise dos dados, será realizada a transcrição do áudio de sua entrevista, por esse motivo faz-se necessária a gravação.
- 9) Para este estudo, serão utilizadas sua imagem e identidades reais por dois motivos: (i) a possibilidade do uso de Libras durante a entrevista para exemplificar sinais por parte do(a) participante, sendo necessário, durante a transcrição, utilizar recortes de sua sinalização e imagem na discussão dos dados haja vista que os enunciados serão de natureza bimodal, ou seja, duas modalidades linguísticas diferentes (gesto-visual e oral-auditiva). Como a Libras é uma língua gesto-visual e toda a produção discursiva acontece pelo uso do corpo, a imagem do falante é imprescindível para a pesquisa; e (ii) como sua imagem será utilizada, não faz sentido o uso de nomes fictícios. Por essa razão, utilizaremos, caso autorize, seu nome real a fim de dar autoria nos enunciados produzidos durante a coleta de dados.
- 10) As gravações realizadas serão utilizadas somente para a pesquisa. Os dados não serão utilizados para prejudicar a sua atuação profissional ou de seus pares, nem lhe estigmatizar como indivíduo numa comunidade.
- 11) Durante a entrevista de autoconfrontação, as perguntas não serão invasivas. Entretanto, ao se deparar com sua produção, poderá vivenciar desconfortos psicológicos ou emocionais por lembrar situações, vivências e interações no contexto de sua atuação que tenham sido desconfortáveis.
- 12) Você poderá solicitar pausas durante a entrevista, e terá a liberdade de não responder as perguntas, podendo interrompê-la a qualquer momento, bem como desistir de participar e retirar seu consentimento a qualquer hora.
- 13) Sinta-se absolutamente à vontade para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa. Ao decidir deixar de participar da pesquisa você não terá qualquer prejuízo.

- 14)A pesquisadora será a única a ter acesso aos dados e tomará todas as providências necessárias para manter o sigilo das informações, mas é importante estar ciente que sempre existe a remota possibilidade de haver falhas na quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional, cujas consequências serão tratadas nos termos da lei.
- 15)Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados e divulgados em eventos, revistas e/ou trabalhos científicos, livros, capítulos de livros e publicações da mesma natureza, a fim de mostrar os resultados obtidos, pois espera-se que essa pesquisa contribua diretamente com a formação de tradutores de Libras para atuarem no referido contexto. Sua imagem e seu aparecerão nas publicações, tendo em vista a modalidade linguística abordada pela pesquisa.
- 16)Duas vias deste documento estão sendo rubricadas e assinadas por você e pela pesquisadora responsável. Guarde cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa.
- 17)A pesquisadora responsável, que também assina esse documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 e a Resolução 510/2016 do CNS, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa e da pesquisa na Educação e nas Ciências Humanas.

() **Li e aceito participar da pesquisa**

() **Não aceito participar da pesquisa**

Nome do participante: _____

Local e data: _____

Pesquisadora Responsável:

Quetlin Ester Camargo Ribeiro de Araujo

Endereço: Rua Xavantes, 695 Apto 201/1

Cachoeirinha. RS/Brasil. CEP: 94.940-280

Telefone: 51-986166196. *E-mail:* quetlin.araujo@gmail.com

Orientador:

Prof. Dr. Marcus Vinícius Batista Nascimento

Endereço: Rua dos Mururés, 278, Jardim Helena, São Paulo CEP: 08090-580

Telefone: 11-98413-0181. *E-mail:* nascimento_v@ufscar.br

ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ATUAÇÃO DE TRADUTORES/INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA/ LÍNGUA PORTUGUESA DURANTE A PANDEMIA NOS CURSOS MOOCS DO IFRS

Pesquisador: MARCUS VINICIUS BATISTA NASCIMENTO

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 64510522.0.0000.0121

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.835.118

Apresentação do Projeto:

Resumo:

A modalidade de trabalho remoto, imposta pela pandemia da COVID-19 mundialmente, impactou a vida da maioria dos brasileiros e um dos setores mais afetados foi o educacional. No Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) não foi diferente. Oficialmente, por meio da Portaria no 281, de 13 março de 2020, o IFRS teve suas atividades letivas suspensas em todos os campi a partir do dia 16 de março do mesmo ano. Essa medida afetou diretamente as atividades dos tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras)/Língua Portuguesa (TILSP) do IFRS que atuavam na modalidade 100% presencial e, em sua grande maioria, diretamente em sala de aula no atendimento aos alunos surdos. Devido a suspensão do calendário acadêmico, apresentou-se a oportunidade de atender uma antiga demanda da instituição: a acessibilização dos cursos MOOCs (Cursos On-line Abertos e Massivos, do inglês Massive Open Online Course), no Moodle, plataforma utilizada pela instituição. MOOCs são cursos oferecidos por meio de ambientes virtuais de aprendizagem que objetivam a participação da sociedade em massa via internet. A acessibilização destes cursos visa o atendimento dos surdos usuários da Libras. Nesse cenário de atuação remota dos profissionais TILSP, questiona-se quais são os desafios vivenciados durante a tradução dos materiais didáticos dos cursos MOOCs do IFRS. Nesse sentido, temos como objetivo geral: identificar as realidades imbricadas na atuação de tradutores de Libras nos cursos MOOCs durante o período da pandemia. E como objetivos

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701

Bairro: Trindade

CEP: 88.040-400

UF: SC

Município: FLORIANOPOLIS

Telefone: (48)3721-6094

E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

Continuação do Parecer: 5.835.118

específicos desta pesquisa: (i) analisar as narrativas dos desafios encontrados pelos profissionais durante o processo tradutório; (ii) observar quais adaptações foram necessárias para as suas atuações na modalidade remota; (iii) analisar as metodologias de trabalho adotadas no processo de tradução; (iv) investigar se há lacunas na atuação que podem ser resolvidas por meio de treinamento, a fim de tornar a tradução remota mais qualificada. Este estudo se fundamenta na perspectiva dialógica da linguagem de Bakhtin e o Círculo, na Ergologia que se constitui em uma abordagem multidisciplinar que busca compreender a atividade de trabalho como humana, bem como no Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (ETILS). Será utilizado o dispositivo metodológico de autoconfrontação e espera-se que esse estudo identifique as realidades imbricadas no contexto dos intérpretes de Libras na atuação remota durante o contexto pandêmico. A colaboração no processo tradutório dos profissionais TILSP, dentro deste contexto emergente, é o que visa compreender este estudo.

Introdução:

Os cursos MOOCs, têm sido considerados uma ferramenta educacional promissora, com grande poder de impulsionar o número de alunos devido ao alto alcance e número de inscrições. No entanto, até o presente momento, não havia acessibilidade em Libras nos cursos MOOCs do IFRS. E é nesse contexto que os profissionais TILSP iniciaram o trabalho de tradução em Libras, na modalidade remota, de 19 cursos MOOCs na plataforma do IFRS. A modalidade de trabalho remoto, imposta pela pandemia da COVID-19 mundialmente e que impactou a vida de todos, pôs à prova as competências e conhecimentos do processo tradutório pelos intérpretes em função desse novo formato de atuação. A tradução na modalidade remota dos cursos MOOCs, adotada em caráter emergencial, se caracteriza pela atividade de tradução realizada dos conteúdos dos cursos em diversos formatos (texto, vídeo e áudios), exclusivamente do Português para a Libras. Percebe-se que, a atuação remota por TILSPs durante o período pandêmico ainda é um campo em crescimento. Há algumas publicações sobre o trabalho remoto durante a pandemia (MARQUES, 2020; NASCIMENTO, 2020; SANTOS, 2020; SPARANO-TESSER, 2020; NASCIMENTO, NOGUEIRA, 2021); porém, são escassas as informações e ainda não explorados os estudos que investiguem a atuação dos TILSP na tradução dos cursos como os ofertados na modalidade MOOCs. O contexto emergente de atuação dos profissionais TILSP nos cursos MOOCs fez com que surgissem questionamentos sobre as formas de atuação desses profissionais, bem como os desafios, as adaptações e suas realidades, abrindo, dessa maneira, novas possibilidades de investigação no âmbito dos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (ETILS).

Hipótese: Conhecer melhor a realidade e verificar se é possível definir padrões, estruturar e

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 5.835.118

determinar modelos teóricos para auxiliar os profissionais que atuam na tradução de cursos MOOCs. Metodologia Proposta: O dispositivo metodológico dialógico será a autoconfrontação de Daniel Faita (1992-1995), que permitirá relações dialógicas a partir do que o participante vê da sua atividade no momento da autoconfrontação. Serão exploradas as experiências vividas no processo tradutório e isso permitirá um diálogo espontâneo. Essa relação dialógica será estabelecida entre o que o participante vê da sua atividade no momento da autoconfrontação e as inquietações iniciais sobre a atuação do profissional TILSP nesta esfera, com um tema central norteador, os cursos MOOCs. Farão parte desta pesquisa três participantes que atuaram na tradução dos cursos MOOCs do IFRS na plataforma Moodle, durante o período pandêmico. Os procedimentos serão individuais e os participantes serão colocados frente às suas produções. Serão convidados a participar da entrevista os profissionais que realizaram a tradução de dois ou mais cursos ao longo do projeto. O acesso a esses participantes acontecerá através da planilha do projeto que possui o registro de todos os cursos, com os nomes dos profissionais que realizaram a tradução, e-mails e os prazos de entrega. Será enviado um e-mail com a explicação da pesquisa e convite formal para a pesquisa aos participantes. O procedimento será realizado no formato remoto, no dia e horário a combinar conforme a disponibilidade dos participantes, por meio da plataforma de videoconferência Google Meet. Os diálogos serão gravados e armazenados em plataforma digital, como Google Drive, para que a pesquisadora possa revisitar os dados durante a transcrição e análise no período do estudo. O primeiro passo será o contato inicial com os possíveis participantes, para solicitação de participação da pesquisa, e se aceito a apresentação do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para oficialização do consentimento. Também serão agendados dia e horário para a autoconfrontação. Será realizada a gravação do áudio, bem como da imagem. Faz-se necessário analisar as imagens obtidas, pois os discursos mobilizados estão relacionados a Libras, que é uma língua de modalidade gestual-visual, implicando o uso da imagem do participante quando, por ventura, apresentar e/ou exemplificar em sua narrativa oral algum léxico em Libras, conforme evidencia Nascimento (2016). Todo o procedimento será gravado para transcrição dos dados e uma cópia da transcrição será enviada para o participante como prova de transparência da pesquisadora e para comprovação da fidelidade da transcrição. Após a coleta de dados através das entrevistas, será iniciado o processo de análise dos dados obtidos. Os conceitos mobilizados por Bakhtin e apresentados anteriormente neste projeto, bem como a ergologia e os estudos da tradução e interpretação de língua de sinais, permitirão analisar e compreender os desafios perpassados pelos TILSP ao longo do processo tradutório dos cursos MOOCs do IFRS no período pandêmico através da metodologia da autoconfrontação, servindo de

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 5.835.118

lente durante a análise e formação de toda a pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Identificar as realidades imbricadas na atuação de tradutores de Libras nos cursos MOOCs durante o período da pandemia.

Objetivo Secundário:

Analisar as narrativas dos desafios encontrados pelos profissionais durante o processo tradutório; Observar quais adaptações foram necessárias para as suas atuações na modalidade remota; Analisar as metodologias de trabalho adotadas no processo de tradução; Investigar se há lacunas na atuação que podem ser resolvidas por meio de treinamento, a fim de tornar a tradução remota mais qualificada.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Não haverá nenhuma abordagem invasiva, porém o participante pode vivenciar desconfortos psicológicos ou emocionais durante a entrevista por lembrar situações, vivências e interações no contexto de trabalho que tenham sido desconfortáveis. Benefícios: Será possível ao participante realizar um exercício de reflexão consciente sobre sua atuação, o que oportunizará ao mesmo identificar pontos a melhorar e melhores práticas a serem adotadas em situações futuras. Isso proporcionará ao participante a oportunidade de repensar sua prática e aperfeiçoá-la a partir da metodologia utilizada na pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto referente à dissertação de mestrado de QUETLIN ESTER CAMARGO RIBEIRO DE ARAUJO do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, orientada por MARCUS VINICIUS BATISTA NASCIMENTO.

Projeto nacional, unicêntrico e retrospectivo.

Número de participantes: 3 tradutores do IFRS, que serão submetidos à entrevistas. Previsão de início da coleta de dados: 15/01/2023

Previsão de fim do estudo: 22/08/2023

Previsão de gastos: R\$200,00, com financiamento próprio.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC**



Continuação do Parecer: 5.835.118

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações

Recomendações:

Vide Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomendo a aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2034538.pdf	21/12/2022 14:21:33		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOQUETLINESTERDEARAUJOVERSAO3.pdf	19/12/2022 22:31:27	QUETLIN ESTER CAMARGO RIBEIRO DE ARAUJO	Aceito
Outros	TERMODEAUTORIZACAOIFRS.pdf	07/12/2022 11:23:36	QUETLIN ESTER CAMARGO RIBEIRO DE ARAUJO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPROJETOQUETLINESTER.pdf	07/12/2022 10:39:37	QUETLIN ESTER CAMARGO RIBEIRO DE ARAUJO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROPOSTADEPROJETOQUETLINESTER.pdf	07/12/2022 10:38:51	QUETLIN ESTER CAMARGO RIBEIRO DE ARAUJO	Aceito
Solicitação registrada pelo CEP	RESPOSTAAOCEP.pdf	07/12/2022 10:38:01	QUETLIN ESTER CAMARGO RIBEIRO DE ARAUJO	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_Quetlin_Assinado.pdf	24/10/2022 23:45:44	MARCUS VINICIUS BATISTA NASCIMENTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPROJETOQUETLINESTERDEARAUJO.pdf	19/10/2022 21:28:11	QUETLIN ESTER CAMARGO RIBEIRO DE ARAUJO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOQUETLINESTERDEARAUJOPGETUFSC.pdf	19/10/2022 21:27:55	QUETLIN ESTER CAMARGO RIBEIRO DE ARAUJO	Aceito

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

ANEXO C - PLANEJAMENTO DE TRABALHO REMOTO DOS CURSOS DO MOODLE DO IFRS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

PLANEJAMENTO DE TRABALHO REMOTO DOS CURSOS DO MOODLE DO IFRS

DEMANDA DA PROEN EaD

IDENTIFICAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS	
NOME: ██████████	
UNIDADE DE LOTAÇÃO: Câmpus Alvorada	VÍNCULO COM O IFRS: Temporária
CARGA HORÁRIA CONTRATUAL: 40 hs	CARGA HORÁRIA DESTINADA AO PROJETO: 40 hs
TELEFONE: ██████████	E-MAIL: ██████████
PERÍODO DAS ATIVIDADES: DE 15/04 A 22/04/2020	
NOME DO CURSO: Agricultura e Desenvolvimento Rural Sustentável Turma 2020A	
ENDEREÇO NO MOODLE: https://moodle.ifrs.edu.br/course/view.php?id=1997	
CH: 40hs	Nº DE MÓDULOS: 3
TRADUÇÃO REALIZADA DA PARTE: Textos dos módulos 2 e 3.	

QUARTA	QUINTA	SEXTA	SEGUNDA	QUARTA
TARDE 13h - 17h	TARDE 13h - 17h	TARDE 13h - 17h	TARDE 13h - 17h	TARDE 13h - 17h
1 Acesso ao curso. 2 Realização do planejamento. 3 Alinhamentos do trabalho junto a dupla. 4 Gravação de vídeos da semana.	1 Início das gravações. 2 Transferência para o drive.	1 Continuidade das Gravações. 2 Transferência para o drive.	1 Continuidade das gravações. 2 Transferência para o drive.	1 Continuidade das Gravações. 2 Transferência para o drive.
NOITE 18h - 22h	NOITE 18h - 22h	NOITE 18h - 22h	NOITE 18h - 22h	NOITE 18h - 22h
1 Estudo do material do curso Módulo (2,2,1 até 2,3). 2 Gravação dos áudios da Glossa.	1 Renomear arquivos no drive. 2 Estudo do Módulo (2,2,4 até 2,7)). 3 Gravação Áudios.	1 Renomear arquivos no drive. 2 Estudo do Módulo (3,3,1 até 3,3)). 3 Gravação Áudios	1 Renomear arquivos no drive. 2 Estudo do Módulo (3,4 até 3,7)). 3 Gravação Áudios	1 Renomear arquivos no Drive. 2 Revisão do Material.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 5.835.118

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 22 de Dezembro de 2022

Assinado por:
Nelson Canzian da Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

ANEXO D - ROTEIRO DE EDIÇÃO

ROTEIRO DE EDIÇÃO

Cursos:

Intérprete:

INSERÇÃO 1:

Tópico: **Exemplo:** 2.3 Manejo de agroecossistemas

Tempo do vídeo: **Deixar legenda** 0:07 até 1:13 parte 2

Inserção de: () quadro () imagem () planilha (X) legenda () outros

Conteúdo:

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ecossistema>

INSERÇÃO 2:

Tópico: 2.3 Manejo de agroecossistemas

Tempo do vídeo: **Deixar legenda** 0:14 até 0:36 parte 3

Inserção de: () quadro () imagem () planilha (X) legenda () outros

Conteúdo:

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ecossistema>

INSERÇÃO 3:

Tópico: 2.3 Manejo de agroecossistemas

Tempo do vídeo: 0:22 parte 4

Inserção de: () quadro (x) imagem () planilha () legenda () outros

Conteúdo:



Figura 10.1: Exemplo de agroecossistema

Fonte: <http://imagem.casadasciencias.org>

ANEXO E – FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE DE TRADUÇÃO DOS CURSOS MOOCS

Avaliação da atividade de tradução de cursos no Moodle

Prezados e Prezadas colegas,

Diante da atividade remota de tradução de cursos no Moodle realizada para o IFRS, contamos com sua avaliação para melhorar e qualificar o nosso trabalho durante esse período de pandemia.

As respostas são anônimas e manteremos o sigilo de suas informações.

Agradecemos pela sua colaboração.

** Indica uma pergunta obrigatória*

1. 1. Você é funcionário: *

Marcar apenas uma oval.

- Efetivo 40h
- Efetivo 20h
- Temporário 40h
- Temporário 20h
- Terceirizado 40h
- Terceirizado 20h
- Jornada 30h conforme Decreto 1.590

2. 2. Qual a sua formação como Tradutor/Intérprete?

Marcar apenas uma oval.

- Curso de extensão em tradução e interpretação em Libras
- PROLIBRAS tradução
- Pós em tradução e interpretação em Libras
- Técnico em tradução e interpretação em Libras
- Graduação em Letras/Libras
- Outro: _____

3. 3. Há quanto tempo atua como Tradutor/intérprete? *

Marcar apenas uma oval.

- Menos de 1 ano
- De 1 a 3 anos
- De 4 a 7 anos
- De 08 a 10 anos
- Acima de 10 anos

4. 4. Qual o nome do curso que você traduziu? *

5. 5. Qual a data de início da tradução? *

Exemplo: 7 de janeiro de 2019

6. 6. Qual a data de término da tradução? *

Exemplo: 7 de janeiro de 2019

7. 7. Você já conhecia a plataforma Moodle? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Mais ou menos

8. 8. Você já havia feito algum outro trabalho de tradução semelhante? Qual? *

9. 9. Você precisou comprar algum equipamento para realizar este trabalho? Quais adaptações foram necessárias?(você pode escolher mais de uma alternativa).

Marque todas que se aplicam.

- Não comprei. Gravei com meu celular
- Não comprei. Tinha uma câmera para gravação
- Não comprei. Já tinha tripé
- Não comprei. Já tinha ChromaKey
- Não comprei. Já tinha suporte para ChromaKey
- Sim. Comprei tripé
- Sim. Comprei ChromaKey
- Sim. Comprei suporte para ChromaKey.
- Pinte uma parede em casa.
- Outro: _____

10. 10. Considerando sua carga horária semanal, quantas horas você estima que dedicou no efetivamente para esta tradução? *

Atenção! Sabemos que em casa dificilmente conseguimos dedicar toda nossa carga horária diária ou semanal ao trabalho, por isso, gostaríamos de saber em torno que quantas horas seriam necessárias para desenvolver esta tarefa. Essa resposta é muito importante para nós.

11. 11. Você já recebeu o feedback do(a) revisor(a) de todos os seus vídeos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

12. 12. Como foi receber este Feedback? *

Marcar apenas uma oval.

- Tranquilo
- Complicado

13. 13. Caso tenha sido complicado, explique o motivo:

14. 14. Você já iniciou a tradução de um novo curso? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

15. 15. Para você, qual o melhor turno para a realização desta atividade? *

Marcar apenas uma oval.

Manhã

Tarde

Noite

16. 16. Durante as atividades remotas quais as limitações encontradas para realizar as atividades? *

Marque todas que se aplicam.

- Tenho filh@s ou pessoas que dependem de mim
- Não tenho estrutura física ou tecnologia para realizar as atividades
- Simplesmente não consigo realizar nenhuma atividade em casa
- As limitações encontradas são outras
- Não tenho nenhuma limitação

17. 16. 1. No caso de outras limitações. Explane quais:

18. 17. Qual turno mais apropriado para reuniões com a equipe de TILS do projeto? *

Marcar apenas uma oval.

Manhã

Tarde

Noite

19. 18. Considerando essa sua primeira experiência de atividade remota, bem como, sua realidade atual. Quantas horas semanais conseguiria dedicar exclusivamente a esta atividade? *

20. 19. Qual foi o maior desafio encontrado na realização deste trabalho? *

21. 20. Quais atividades remotas gostou, gostaria ou gosta de realizar? *

Marcar apenas uma oval.

- Tradução e Interpretação das notícias do site, facebook e outros
- Tradução e Interpretação dos Documentos Ofícios, Instruções e Resoluções
- Tradução e Interpretação de demandas da minha Instituição
- Tradução e Interpretação dos Cursos EAD
- Qualquer uma das atividades mencionadas
- Tradução e Interpretação de outras demandas
- Nenhuma das atividades mencionadas, não gosto de traduzir e interpretar em vídeo

22. 20. 1. Em caso de outras demandas, explique quais:

23. 21. Em caso de não gostar das atividades de gravação, nos diga de que outra forma poderia ajudar?

24. 22. Caso tenha alguma observação, sugestão ou crítica por favor nos diga.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários